



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SARAH LEITE LISBÃO

VISÃO CORPOREADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA ESTÉTICA DA IMAGEM DE
TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS NEGROS

SARAH LEITE LISBÃO

VISÃO CORPOREADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA ESTÉTICA DA IMAGEM DE TRADUTORES
INTÉRPRETES DE LIBRAS NEGROS

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade Federal
de São Carlos, junto à linha de
pesquisa “Educação, Cultura e
Subjetividade”, como exigência para
obtenção de mestre em Educação.

Orientador: Profa. Dra. Tatiane
Cosentino Rodrigues

Coorientador: Prof. Dr. Alan Victor
Pimenta de Almeida Pales Costa

São Carlos-SP
2026

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Dissertação de Mestrado da candidata Sarah Leite Lisboa, realizada em 10/02/2026:

Comissão Julgadora

Documento assinado digitalmente
 TATIANE COSENTINO RODRIGUES
Data: 25/03/2026 21:31:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues
Orientadora/Presidente - UFSCar

Documento assinado digitalmente
 ALAN VICTOR PIMENTA DE ALMEIDA PALES COS
Data: 30/03/2026 19:12:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa
Coorientador - UFSCar

Documento assinado digitalmente
 NANCY ARAÚJO BENTO
Data: 27/03/2026 06:23:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Nancy Araújo Bento
Membro externo – UFBA

Documento assinado digitalmente
 CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE MIRANDA
Data: 30/03/2026 16:48:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda
Membro externo - UNICAMP

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres pretas da minha vida, especialmente à minha amada mãe, Maria José Leite Lisboa, minha fortaleza, e à minha família: meu pai, Erivelton Lisboa, e meus irmãos, Alberto e Matheus Leite Lisboa. Sou grata às mulheres da minha família que me ensinaram, educaram, cuidaram de mim e foram fundamentais na minha formação, em especial minhas tias Ana, Ercília, Elza e Raquel, bem como minhas primas Thais Dias, Josiane, Marisa, Elisa e Guinha Lisboa. Agradeço à minha grande amiga Kellen Cristina, com quem compartilhei momentos marcantes em Piracicaba.

Na UFSCar, em São Carlos, tive o privilégio de conviver com mulheres pretas incríveis que marcaram minha trajetória: Joyce, pela parceria no trabalho e na amizade; Monique, Daiane, Luciene, Ayodele e Tatiane, pelas noites de vinho, danças, acolhimento e escuta, que tanto contribuíram para meu processo no mestrado. Agradeço também à Mariana, do Berimbau (Berim), por me reconectar com minha ancestralidade por meio da dança afro, e às mulheres do Maré Cheia. Sou grata a Virgínia, Daína, Lucy, Nara, Merúcha, Eliana, Suzan e Tati, que me mostraram a potência dos encontros.

O mestrado foi um processo revelador, marcado por autoconhecimento e autocuidado, vivenciados na escrita, nas leituras e nos estudos; nesse percurso, agradeço especialmente à minha orientadora, Tatiane, pelas escutas, orientações, cuidado e parceria. Agradeço ainda à Ana Cristina Juvenal, por palavras que me impulsionaram, mesmo sem perceber, e a todas as pessoas que fizeram parte dessa caminhada.

Por fim, agradeço a mim mesma, Sarah Leite Lisboa, por ter tido coragem de iniciar esse processo, pelas escolhas feitas, pela disciplina e pelo compromisso em respeitar meu tempo e minhas especificidades, conduzindo esse percurso com dedicação e o melhor que pude oferecer neste momento.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IE	Intérprete Educacional
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Línguas de Sinais
NAD	National Association of the Deaf
NAOBI	National Alliance Of Black Interpreters
RID	Registry of Interpreters for the Deaf
TILS	Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais
TILSP	Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais/Português
WASLI	Word Association of Sign Language Interpreters
WDF	Word Federation of the Deaf

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	07
Sankofa	08
Introdução	09
Okyeame	15
Tradutores e intérpretes negros na história	15
Ananse Ntontan	27
Influências para um código de ética de tradução e interpretação em libras	28
Nyansapo	38
Percurso Metodológico	38
Parece intérprete: normas, corpo e hegemonia na tradução e interpretação em línguas de sinais	45
Imagem única	46
Intérpretes negros de língua de sinais americana	48
Interseccionalidade	54
Negros Surdos	58
Corpo	62
Dwennimmen	71
Encontro das IMAGENS AGENTES	71
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES	83
Considerações finais	89
Referências bibliográficas	94
Lista de imagens	100
Anexo A - Tradução	10

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no campo dos Estudos Surdos e da *Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais - Libras* e tem como objetivo geral analisar criticamente o internalizado *mito da camisa preta* na atuação de *Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais- TILS*, compreendendo-o como uma, das muitas, normativas estéticas historicamente naturalizadas, produzindo reflexões que questionam sobre quais os corpos que atuam sobre orientação dessas normativas, que muitas vezes agem como mecanismos de apagamento racial, padronização eurocentrada dos corpos profissionais e silenciamento das diferenças. Como objetivos específicos, busca-se problematizar a construção histórica e discursiva da vestimenta preta como signo de neutralidade e profissionalismo; identificar os impactos dessa normatização sobre intérpretes negros; dialogar com produções teóricas e políticas do movimento negro surdo (FERREIRA,2018;BENTO,CAMPOS, 2025); e analisar discursos e imagens agentes que tensionam e reconfiguram tais normativas no campo da interpretação em línguas de sinais. O estudo fundamenta-se nos aportes da interseccionalidade (CRENSHAW,2002;COLLINS,2021), nas reflexões sobre imagem, visualidade e agência e nos estudos sobre estética negra e imagem do corpo negro (GOMES,2017), compreendendo a imagem como elemento ativo na produção de sentidos e na organização das relações de poder. Como metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com traços etnográficos, que articula a experiência profissional da pesquisadora, a observação de práticas institucionais e a análise de materiais audiovisuais. As IMAGENS AGENTES (ALMEIDA,1999) constituem categoria central de análise, sendo entendidas como produções visuais dotadas de agência política, capazes de se fixarem nos LOCAIS mentais da memória e de construir e mobilizar narrativas relacionadas às experiências de corpos negros surdos e intérpretes. Ao evidenciar como esses sujeitos resistem, negociam e ressignificam normativas estéticas impostas, a pesquisa contribui para o aprofundamento do debate sobre profissionalização, visualidade, raça e poder no campo da tradução e interpretação de línguas de sinais.

Palavras-chave: Corpo; TILS Negro; Interseccionalidade; Imagem agente; Código de Ética.

ABSTRACT

This research is situated within the fields of Deaf Studies and Brazilian Sign Language (Libras) Translation and Interpreting and aims to critically analyze the so-called myth of the black shirt in the professional practice of sign language translators and interpreters (SLTIs). This norm, historically naturalized, produces effects of racial erasure, Eurocentric standardization of professional bodies, and the silencing of differences. The specific objectives are to problematize the historical and discursive construction of black clothing as a symbol of neutrality and professionalism; to identify the impacts of this norm on Black interpreters; to engage with theoretical and political contributions from the Black Deaf movement; and to analyze discourses and agent images that challenge and reconfigure hegemonic aesthetic norms in the field of sign language interpreting. The study is grounded in intersectionality (Crenshaw, 2002), Deaf Studies (Skliar, 1998; Strobel, 2008), reflections on image, visibility, and agency (Almeida, 1999), and scholarship on Black aesthetics and the image of the Black body (Gomes, 2017), understanding images as active elements in the production of meaning and power relations. Methodologically, this is a qualitative, exploratory, and descriptive study with ethnographic features, combining the researcher's professional experience, observation of institutional practices, and analysis of audiovisual and discursive materials. Agent images constitute a central analytical category and are understood as visual productions endowed with political agency, capable of activating mental sites of memory and mobilizing collective narratives related to the experiences of Black Deaf individuals and interpreters. By highlighting how these subjects resist, negotiate, and resignify imposed aesthetic norms, the study contributes to the debate on professionalization, visibility, race, and power in the field of Brazilian Sign Language interpreting.

Keywords: Body; Black Sign Language Interpreters; Intersectionality; Agent Images; Code of Ethics.



SANKOFA¹

A partir deste ponto, os capítulos passam a ser iniciados com símbolos Adinkra, oriundos do povo Akan, localizado no atual território de Gana e Costa do Marfim, no continente africano. Os Adinkras são símbolos que transmitem a sabedoria, ensinamentos ancestrais, organização social, política e modos de ver o mundo (SILVA, 2023, p.13).

A presença dos símbolos Adinkra nesta dissertação será percebida exclusivamente como introdução aos capítulos considerados grupos maiores. Os subgrupos ou subtópicos não conterão essa introdução, uma vez que se compreende que suas discussões serão desenvolvidas de forma mais específica e direcionada. Dessa forma, justifica-se a presença desses ideogramas pelo fato de terem sido, para mim, o ponto de partida do Afrotils, perfil criado nas redes sociais em um contexto marcado pelo medo e pelo isolamento, no qual me refugiei em estudos, leituras e performances afrocentradas.

Enquanto criadora do perfil, compreendia que, como forma de preservar minha sanidade mental e, ao mesmo tempo, estabelecer diálogo acerca das reflexões que vinha construindo, o compartilhamento de traduções e reflexões sobre conteúdos e produções de intelectuais negros poderia contribuir com outras pessoas que vivenciavam situação semelhante.

Dessa forma, o objetivo de estudar e traduzir os símbolos Adinkra foi compreender os ensinamentos e as sabedorias que eles veiculam, bem como refletir sobre de que maneira tais conhecimentos poderiam contribuir para a minha construção pessoal, a partir do contato com esse repertório de saberes. Nesse percurso, os símbolos Adinkra passaram a ocupar, para mim, um lugar de resistência e de afirmação da existência, sustentando práticas cotidianas de criação, reflexão e espera, dia após dia, pela possibilidade de retomarmos o contato, o convívio e o afeto coletivo, simbolizados pela expectativa de que pudéssemos nos abraçar novamente.

¹ O ideograma Sankofa compõe um conjunto de símbolos Adinkra, com origem no povo Ashanti, os símbolos Adinkra expressam pensamentos da filosofia de Gana. O símbolo Adinkra Sankofa, significa voltar ao passado e construir a partir dele, voltar às suas raízes (NASCIMENTO, 2008, p.31)

Introdução

Eu não me reconheci na imagem

Esta introdução apresenta o percurso formativo, profissional e investigativo da autora, situando-o no campo da educação bilíngue para surdos, da *tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais - Libras* e das discussões étnico-raciais para surdos. A partir de uma escrita de caráter reflexivo e analítico, o texto articula temas que perpassam o corpo do *Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais - TILS* e seus corpos. Ao explicitar esse caminho, o texto introdutório busca fundamentar a escolha do tema, do recorte analítico e da inserção da pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, destacando a indissociabilidade entre trajetória, problematização e produção de *conhecimento*.

A pesquisadora atua como Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras desde 2008. Iniciou sua atuação como *Intérprete Educacional - IE* em uma escola bilíngue inclusiva localizada na periferia do município de Campinas, onde atuou com estudantes surdos de diferentes faixas etárias, desde a educação infantil até o ensino fundamental I e II, em distintos momentos de aquisição e desenvolvimento da língua de sinais.

A proposta do projeto no qual esteve inserida consistia no estabelecimento de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, com vistas à realização de um trabalho junto à Rede Municipal de Ensino. O objetivo central era colaborar para o desenvolvimento de escolas para receber e formar estudantes surdos de maneira digna, respeitosa e alinhada à diversidade, a partir de uma abordagem de inclusão bilíngue. Tal perspectiva buscava promover, nesses estudantes, autonomia, senso de pertencimento social e possibilidades de inserção no mercado de trabalho (LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016).

O trabalho previa o acompanhamento da mesma turma ao longo de um ano letivo. A equipe bilíngue era composta por intérpretes ouvintes e docentes surdos, que atuavam de forma coletiva com o objetivo de construir uma educação bilíngue de qualidade para os estudantes surdos. Paralelamente, desenvolvia-se um trabalho contínuo de formação e sensibilização dos docentes da escola, no sentido de evidenciar que, naquele contexto histórico, o modelo de escola bilíngue inclusiva

para surdos representava uma alternativa educacional que atendia aspectos culturais, linguísticos e pedagógicos desses estudantes.

Nessa perspectiva, o estudante surdo permanecia em sala de aula nas disciplinas gerais, juntamente com estudantes ouvintes, já o ensino da língua portuguesa era realizado em outra sala com todos os estudantes surdos pois esse ensino era compreendido como segunda língua, na modalidade escrita, por um docente bilíngue especializado fluente em Libras e capacitado para o ensino do português escrito para surdos.

Essa especificidade linguística no contexto da educação bilíngue para surdos mostra-se necessária, uma vez que é nesse ambiente que as relações fundamentais são construídas. A primeira refere-se à inserção dos estudantes surdos no espaço escolar, possibilitando o contato e a compreensão de regras e modos de vida que estruturam a vida em sociedade. A segunda diz respeito à convivência com seus pares surdos, favorecendo o compartilhamento de experiências singulares e o fortalecimento de vínculos coletivos ancorados em especificidades linguísticas e culturais.

Nesse contexto, a autora passou a compreender a potência que o TILS passa a ter na educação e no ato de interpretar educando no cotidiano escolar. É nesse espaço que a interseccionalidade se manifesta de maneira concreta, especialmente no ensino fundamental I e II, onde se observam conflitos, tensões e processos de afirmação identitária protagonizados por estudantes que representam distintos grupos sociais. Questões étnico-raciais, a reprodução de preconceitos e outras pautas sociais que emergem no cotidiano escolar, revelando que os estudantes surdos são diversos e que suas relações extrapolam as questões estritamente linguísticas.

É a partir desse percurso que a autora afirma sua identificação com o espaço escolar, no qual atuou durante grande parte de sua trajetória profissional e no qual ainda atua, atualmente, no ensino superior. Essa trajetória se mostra significativa na medida em que reconhece que sua própria realidade foi transformada por meio do acesso à educação, sendo compreendida como o meio mais efetivo e digno de transformação social.

O espaço universitário, foi historicamente concebido para atender às elites, mas foi com a criação de políticas de ampliação de acesso que esse cenário se diversificou, as políticas de ações afirmativas e de democratização do ensino possibilitaram que a população passasse a ocupar as salas de aula nas universidades. Nesse sentido, a relação da autora com a educação ultrapassa a dimensão profissional, assumindo um caráter vital, uma vez que a educação se apresenta como possibilidade concreta de transformação social e de construção de uma sociedade mais justa, diversa e inclusiva. Nessa direção, compreende-se que:

[...] a equidade coloca-se como horizonte, possibilidade e potência para que, articulada aos princípios da igualdade e do reconhecimento, viabilize a construção de políticas e práticas que visem a um tratamento mais justo aos sujeitos contemplando as diversas diferenças. (GOMES, 2023, p.2)

A autora compreende que a tradução e interpretação em língua de sinais deve ser pensada no âmbito de um programa de pós-graduação em educação, em razão da realidade de atuação do TILS, profissional que transita por diversas áreas do conhecimento e, especialmente, pelo contexto educacional, por meio da atuação do IE. Soma-se a isso, a existência de cursos de formação universitária e técnica de tradutores e intérpretes, o que demanda a construção de currículos mais diversos, que contemplem temáticas contemporâneas relacionadas a grupos sociais historicamente minorizados, considerando que esses profissionais atuarão em diferentes espaços e com públicos igualmente diversos.

Sobretudo, a ação de traduzir e interpretar discursos encontra-se intrinsecamente vinculada ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, à educação. O ato tradutório exige estudo aprofundado, revisitação constante do texto e a construção de sentidos coerentes e equivalentes à mensagem original. No caso da interpretação, embora ocorra em tempo real, o estudo prévio e a preocupação com a construção de sentido são igualmente fundamentais. Trata-se de uma prática que envolve direitos linguísticos, o direito à informação e à comunicação, assegurando que a mensagem chegue de forma adequada ao interlocutor.

Nesse processo, a comunicação e a compreensão entre as pessoas envolvidas constituem o objetivo central da tradução e da interpretação. O trabalho

do TILS emerge dessa urgência comunicacional, configurando-se como um ato educativo e pedagógico que envolve todas as partes envolvidas, pessoas surdas, ouvintes e o próprio intérprete, não se restringindo ao campo educacional, mas atravessando todas as situações de mediação linguística, sempre relacionadas ao ensino e à aprendizagem.

Nesse contexto, a autora atua na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar desde 2015, integrando a *Coordenadoria de Serviços de Tradutoras e Intérpretes de Libras - CoSeTILS*, com o objetivo de promover a acessibilidade linguística de estudantes e profissionais surdos em disciplinas, reuniões, eventos e demais atividades acadêmicas. Seu vínculo institucional é pela *Secretaria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade SAADE*, órgão vinculado à Reitoria, responsável pela implementação e acompanhamento das políticas de ações afirmativas na universidade.

Em 2016, a equipe CoSeTILS recebeu uma solicitação do Projeto Click Ciência: Que curso eu faço?² com a finalidade de acessibilizar, em Libras, vídeos institucionais dos cursos de graduação dos quatro campi da UFSCar, a serem disponibilizados no canal do YouTube do projeto. O objetivo era possibilitar que estudantes do ensino médio conhecessem melhor os cursos ofertados, ampliando suas condições de escolha.

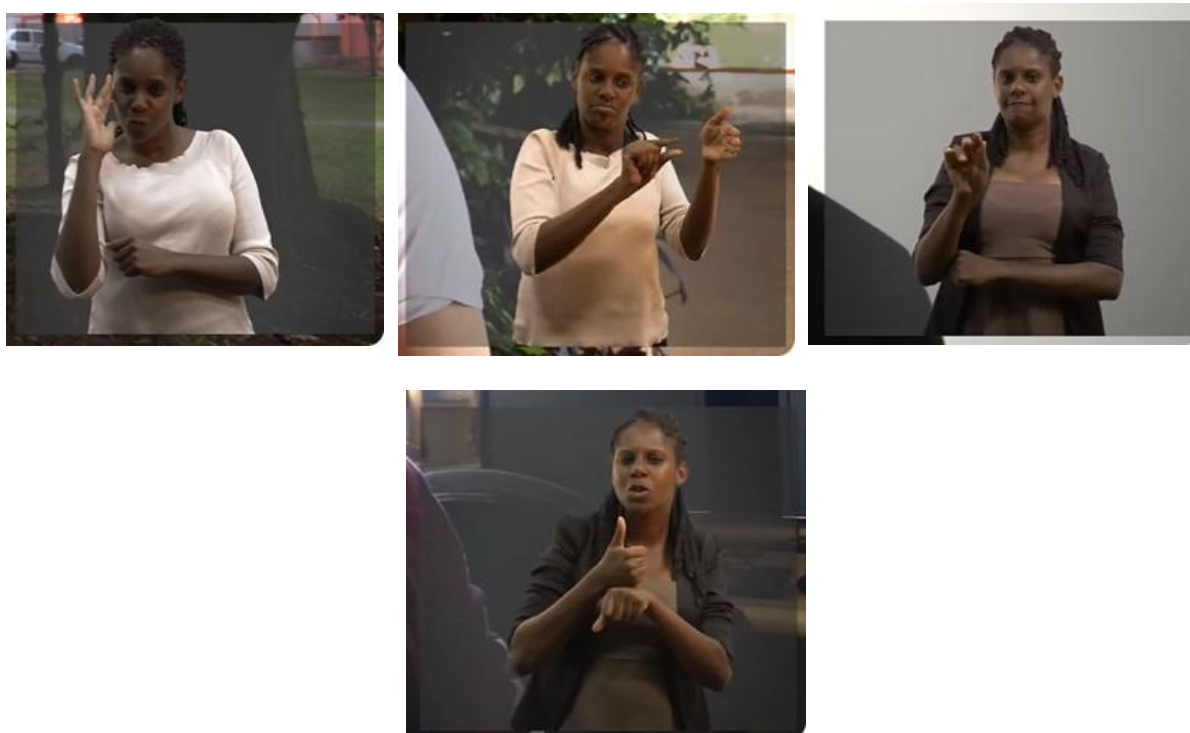
O trabalho de tradução do português para Libras baseia-se em práticas compartilhadas entre profissionais da área, que seguem etapas³ semelhantes, conforme descrito por Lemos e Silva (2025): 1) pré-produção, envolve estudo do material, leituras, pesquisas, consultas e elaboração de glosas; 2) tradução e gravação, com possibilidade de múltiplas versões e revisões; e 3) pós-produção, que inclui a avaliação, validação e edição do material. Essas são etapas que podem apresentar desafios quanto ao retorno dos vídeos editados para validação final.

Para a realização das gravações, a instituição disponibilizou um estúdio profissional equipado com chroma key verde, iluminação por softbox, câmera

² O Projeto Click Ciência é uma iniciativa do Laboratório Aberto de Interatividade – LabI UFSCar, com o objetivo de desenvolver o conhecimento tecnológico e científico produzido pela/na UFSCar.

³ As etapas da produção de uma tradução podem variar, a depender do gênero a ser traduzido, do tempo disponibilizado e da equipe de trabalho que realiza a gravação e edição dos materiais.

filmadora e monitor de retorno profissionais. Nesse contexto, após a publicação dos vídeos no canal oficial do projeto que a autora visualizou os vídeos traduzidos, ao se deparar com as imagens, não se reconheceu nelas, percebendo uma imagem que não era compatível com o que ela havia acompanhado nos retornos no ato das gravações. As capturas de tela printadas abaixo foram realizadas em condições técnicas idênticas uma à outra, suscitando reflexões sobre os modos de produção dessas imagens e seus efeitos subjetivos:



A partir dessa inquietação, em 2016 foi criado o grupo de estudos *Mídias Afro*⁴, com a participação de estudantes e profissionais de diferentes áreas, com o objetivo de refletir sobre imagem, raça, tecnologia e TILS com coordenação da autora. As discussões abordaram questões como a concepção de imagem, os referenciais que orientam a produção tecnológica e a possibilidade de refletir sobre interseccionar raça, gênero, classe e tecnologia.

Como desdobramento, foram realizadas leituras, testes audiovisuais e reflexões junto a estudantes do curso de *Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras - TILSP*, único curso da universidade federal no estado de São Paulo

⁴ Projeto de Extensão e Grupo de estudos Mídias Afro UFSCar, criado em 2016 e com duração de três anos.

voltado à formação de TILS. Foram realizadas entrevistas com estudantes autodeclarados negros, indígenas e LGBTQIAPN+, mediante convite formal, aplicação de questionários e assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*.

O grupo promoveu ainda um evento de socialização das discussões, composto por rodas de conversa, oficinas práticas e debates com profissionais do audiovisual e do cinema negro. As atividades possibilitaram reflexões técnicas e políticas sobre a produção de imagens de pessoas negras e suas implicações históricas.

Em 2020, a pandemia da COVID-19 impôs o isolamento social coletivo, dando origem a novas formas de interação, como as Lives em plataformas digitais. Nesse contexto, foi criado o perfil *Afro TILS*⁵ no Instagram, como extensão do grupo de estudos, ampliando parcerias e promovendo a visibilidade de profissionais TILS negros em diferentes gêneros musicais sob coordenação da autora.

Essas experiências fortaleceram o interesse da autora por imagens que circulam no imaginário social sobre TILS negros, bem como pelas implicações subjetivas dessas representações. Seu percurso no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha Educação, Cultura e Subjetividade, reafirma essas inquietações, voltadas à autoimagem e às questões étnico-raciais.

Por fim, a autora compartilha uma experiência cotidiana ocorrida em 2025, durante um momento particular com suas familiares, em que uma de suas tias, ao observar a imagem capturada por um aparelho celular específico, afirmou não se reconhecer na foto. Tal episódio reforça a compreensão de que essas inquietações extrapolam o campo acadêmico e atravessam o cotidiano de pessoas negras, produzindo efeitos subjetivos que demandam reflexão crítica contínua.

A partir dessa proposta, o estudo se organiza em quatro caminhos de reflexão: tradutores e intérpretes negros na história; influências na construção do código de ética dos TILS; interseccionalidade e corpo; e, posteriormente, o diálogo analítico com as IMAGENS AGENTES, culminando nas considerações finais. Ao

⁵ AfroTILS foi criado em 2020 como continuação do Projeto de Extensão Mídias Afro UFSCar/ @afro.tils

longo do texto, as imagens serão apresentadas de maneira integrada à argumentação, sem a indicação imediata de suas referências, com o intuito de favorecer a fluidez da leitura. Ao final da dissertação, é disponibilizada uma lista específica contendo as imagens e suas respectivas referências.



OKYEAME

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns dos intérpretes negros mais conhecidos e registrados na história das expedições e navegações realizadas em África e no Brasil. O símbolo Adinkra Okyeame representa a figura responsável por mediar a comunicação entre o povo e o rei, atuando nos processos de resolução de conflitos com cuidado, responsabilidade e atenção ao sentido das mensagens transmitidas. Para o povo Akan, o Okyeame exerce sua função ancorado em valores éticos, os quais são considerados indispensáveis para a sua atuação (KUWORNU-AJAOTTOR; APPIAH; NARTEY, 2015 apud SILVA, 2023, p. 20).

O símbolo Adinkra Okyeame aproxima-se, para mim, da figura do tradutor e intérprete de línguas, compreendido como um sujeito cuja natureza profissional se constitui como um colecionador de histórias e discursos, atuando como elo de comunicação entre pessoas, culturas e línguas que dependem de sua presença para se compreenderem. Além disso, destaca-se o papel central do senso ético, que atravessa de maneira significativa a prática tradutória e interpretativa.

Tradutores e intérpretes negros na história

Os intérpretes negros contribuíram para a constituição do ofício da tradução e da interpretação na época das expedições coloniais, muitas vezes de maneira compulsória ou por iniciativa própria, tratam-se de agentes que permaneceram invisibilizados na história e cujas trajetórias evidenciam a existência de muitos

outros intérpretes negros, cuja atuação foi igualmente relevante e que ainda necessitam ter suas histórias conhecidas, compartilhadas e visibilizadas no campo da tradução e da interpretação.

O ofício de tradutor e intérprete de línguas foi durante um longo período, compreendido como uma ferramenta estratégica fundamental para os processos de conquista e de construção de impérios, tal ofício foi amplamente utilizado como meio para a implementação de técnicas de dominação, controle e reeducação das civilizações já existentes nos territórios ocupados. Nesse contexto, o pensamento colonial tinha como objetivo central a obtenção de informações sobre territórios considerados desconhecidos, bem como a necessidade de estabelecer comunicação com os habitantes desses espaços.

Nesse cenário, o intérprete configurava-se como a figura capaz de atender a tais objetivos, sendo compreendido não apenas como mediador linguístico, mas também como instrumento e estratégia bélica nos processos de conquista, exploração e dominação territorial. Além disso, evidencia-se que a tradução e a interpretação se configuram como uma profissão cujos fundamentos estão profundamente atravessados pela violência colonial, uma vez que se tornavam intérpretes aqueles que não eram reconhecidos como pertencentes à sociedade dominante.

A figura do tradutor e do intérprete emerge no período das grandes navegações como uma ferramenta destinada exclusivamente a indivíduos considerados não pertencentes à sociedade portuguesa ou europeia, configurando-se, assim, como uma atividade atribuída a criminosos, vassalos e pessoas escravizadas.

No campo da tradução e da interpretação de línguas, existem inúmeras lacunas nos registros históricos, o que dificulta uma compreensão mais aprofundada de determinados acontecimentos, contextos, influências e sujeitos que desempenharam papéis cruciais ao longo dessas trajetórias históricas. Desta forma, o reconhecimento de alguns desses nomes mostra-se relevante, uma vez que possibilita compreender as circunstâncias históricas em que os intérpretes negros emergiram, os modos como eram percebidos em seus contextos de atuação e em

que medida a questão da invisibilidade pode ter impactado ou não na realidade contemporânea dos Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais *TILS* negros.

No período do Antigo Egito, identifica-se a presença de um tipo específico de intérprete, denominado *turgimão*, no século XV, esses intérpretes eram compreendidos como indivíduos escravizados que eram sequestrados e forçados a aprender a língua do colonizador por meio do convívio com estes (SILVA, 2018, p.3).

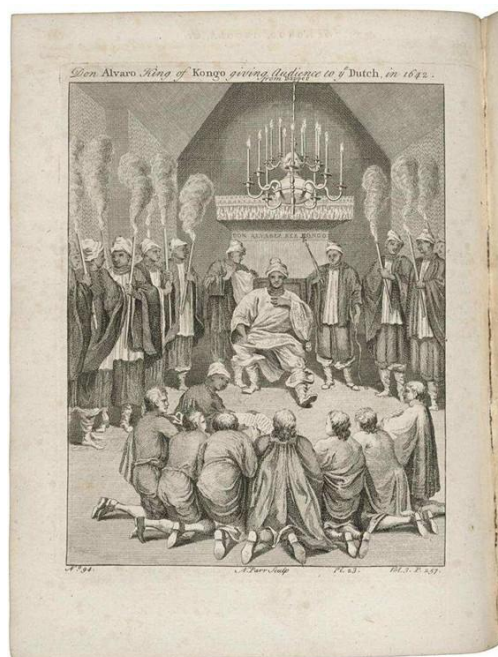
É no contexto das navegações, das expedições e da exploração de territórios que a existência e o uso sistemático de intérpretes passam a ser mencionados com maior recorrência nos registros históricos. Os intérpretes *tendala* ou *tandala* eram africanos escravizados que atuavam como *macota*, isto é, conselheiros especializados, exercendo a função de interpretação nas embaixadas e participando em momentos de negociações, conflitos e reclamações (CARVALHO, 2010 *apud* SILVA-REIS, 2018, p.5).

Os intérpretes *tendala*, também identificados como intérpretes de língua portuguesa, eram aqueles que desempenhavam suas funções nas missões portuguesas, atuando como guias em territórios africanos. Já os *macunze* exerciam funções de mensageiros, embaixadores, emissários ou delegados, sendo responsáveis por memorizar as mensagens que seriam posteriormente declaradas na presença de chefes e autoridades (ITO, 2016 *apud* SILVA-REIS, 2018).

Outro tipo de intérprete era composto pelos intérpretes negros africanos denominados *linguister*, os quais eram inseridos nas casas de pessoas brancas com a finalidade de aprender seus costumes e determinar a organização dos serviços dos demais serviçais. Além da convivência nos espaços domésticos dos colonizadores, esses intérpretes eram indivíduos escravizados que atuavam no contrabando de africanos, exercendo o papel de intermediários bilíngues entre comerciantes africanos e europeus na África Centro-Ocidental (SILVA-REIS, 2018).

Entre os séculos XVI e XVIII, nos Estados de poder de diferentes países africanos, o uso de intérpretes era considerado comum nos contatos estabelecidos entre chefes africanos e estrangeiros. Para os chefes africanos desse período, o domínio da escrita dos reinos europeus era compreendido como uma forma de submissão a esses reinos. Desse modo, os contatos eram realizados

prioritariamente por meio da oralidade e da gestualidade, o que tornava indispensável a presença de intérpretes e de agentes especializados em diferentes tipos de comunicação e gêneros orais, considerados fundamentais para as situações específicas de interação entre os africanos (LIENHARD, 2005 *apud* SILVA-REIS, 2018).



Acima, observa-se um homem negro que exerce a função de intérprete ao mediar a mensagem oral e traduzir o texto escrito dos holandeses, os quais se encontram reverenciando-se diante do rei do Congo. Essa figura evidencia a centralidade da presença de intérpretes nas relações estabelecidas entre africanos e estrangeiros, bem como demonstra que a prática da interpretação estava plenamente integrada às organizações sociais africanas do período.

Um documento considerado imprescindível para a compreensão das práticas de interpretação africanas entre os anos de 1790 e 1820 são as *Cartas de Daomé*, reunidas pelo historiador e antropólogo *Luís Nicolau Parés*. Esse conjunto documental é composto por quatorze escritos atribuídos a supostos reis de Daomé e enviados às autoridades portuguesas estabelecidas no Brasil e em Portugal, constituindo importante fonte para o entendimento das mediações linguísticas e políticas daquele contexto histórico (SILVA-REIS, 2018, p.7).

Nesse cenário, o processo de produção das cartas ocorria da seguinte forma, o rei ditava oralmente o conteúdo da mensagem ao intérprete, que realizava a tradução e o registro escrito daquilo que era escutado. Após a conclusão do texto, a carta era novamente lida e interpretada com a finalidade de validar o conteúdo, sendo posteriormente assinada pelo rei. Esse procedimento evidencia o papel central do intérprete não apenas como mediador linguístico, mas também como agente fundamental na legitimação dos documentos produzidos.

Além disso, as cartas revelam a atuação do intérprete *língua*, um tipo específico de intérprete africano frequentemente denominado como *moço branco*. Esses agentes eram reconhecidos por seu domínio das línguas europeias e desempenhavam funções estratégicas no comércio, não sendo necessariamente indivíduos brancos, mas sujeitos que falavam e escreviam a chamada *língua de branco*. Os intérpretes *yovó* possuíam conhecimentos linguísticos que lhes conferiam relevância nas mediações comerciais e diplomáticas entre africanos e europeus (PARÉS, 2013 *apud* SILVA-REIS, 2018, p.8).

No processo de submissão forçada de pessoas escravizadas para atuarem como intérpretes nos contextos de exploração e colonização, é possível identificar, além dos tipos de intérpretes já mencionados, a presença e a atuação de mulheres africanas e brasileiras negras em diferentes atividades de mediação linguística. Conforme destaca Silva-Reis (2018):

[...] não somente homens, mas também mulheres negras serviam de intérpretes (mesmo em menor grau) e que entre os negros igualmente havia língua(s) franca(s) portanto, eram já na África bi/pluri/multilíngues e propensos à aprendizagem de línguas. Além dos cativos, o degredado (criminoso punido com o degredo) e o lançado (colonizador português fixado na África) também tinham por desígnio serem intérpretes. Todos aprendiam a língua pelo método da imersão linguística e eram assistidos pela Coroa portuguesa que muito os valorizava, por vezes com títulos de nobreza (SILVA-REIS 2018, p.11).

Os colonizadores tinham ciência de que o território africano era composto por comunidades multilíngues e plurilíngues, característica que consideravam uma habilidade passível de ser instrumentalizada para atender aos seus interesses coloniais. Nesse contexto, foi instituído um *sistema de intérpretes*, assim como

escolas de tradutores voltadas à formação de mediadores linguísticos para os processos de conquista colonial. Esse modelo foi inicialmente criado por Portugal e, posteriormente, difundido para outros países europeus (PINHEIRO, 2005 *apud* SILVA-REIS, 2018 p.11).

No campo da tradução e da interpretação, de modo geral, identificam-se três grupos principais de intérpretes: os portugueses ou europeus que atuavam diretamente a serviço da Coroa portuguesa; os portugueses que tornavam-se intérpretes por iniciativa própria ou quando eram obrigados a permanecer em territórios estrangeiros; e os estrangeiros que, em sua maioria, eram pessoas escravizadas levadas à Portugal com o objetivo de se aperfeiçoarem como mediadores linguísticos. Os tradutores e intérpretes negros integravam esses três grupos ou mantinham relações diretas com eles, evidenciando sua presença transversal e efetiva nesse sistema (SILVA-REIS, 2018).

Outro tipo de intérprete que atuava junto aos portugueses em territórios africanos, identificado por historiadores a partir de documentos históricos, era composto pelos *lançados* e pelos *tangomãos*. Estes atuavam como chefes de tráfico nos navios negreiros e ao longo da costa africana, contavam com a colaboração de intérpretes negros, entre eles as *tangomas* e os *grumetes* (METCALF, 2005 *apud* SILVA-REIS, 2018).

As *tangomas* eram mulheres negras africanas casadas com portugueses, caracterizadas como intermediárias culturais responsáveis por facilitar a aproximação entre as culturas envolvidas naquele território. Atuavam como intermediárias linguísticas, favorecendo a compreensão dos sistemas linguísticos entre portugueses e africanos, e também como intermediárias biológicas, ao transportarem elementos considerados importantes, além de gerarem filhos mestiços, desempenhando papel relevante nos processos de circulação cultural e biológica (METCALF, 2005, 2009 *apud* SILVA-REIS, 2018).

No contexto brasileiro, de forma oficial, os primeiros intérpretes negros foram padres missionários provenientes de países africanos, no processo de substituição da mão de obra indígena escravizada pela africana, esses religiosos possibilitaram a ampliação da catequização religiosa dos africanos no século XVI (SILVA-REIS,

2018, p. 23). O intérprete Francisco Félix de Souza foi o intérprete negro considerado mais famoso da história da interpretação no Brasil:



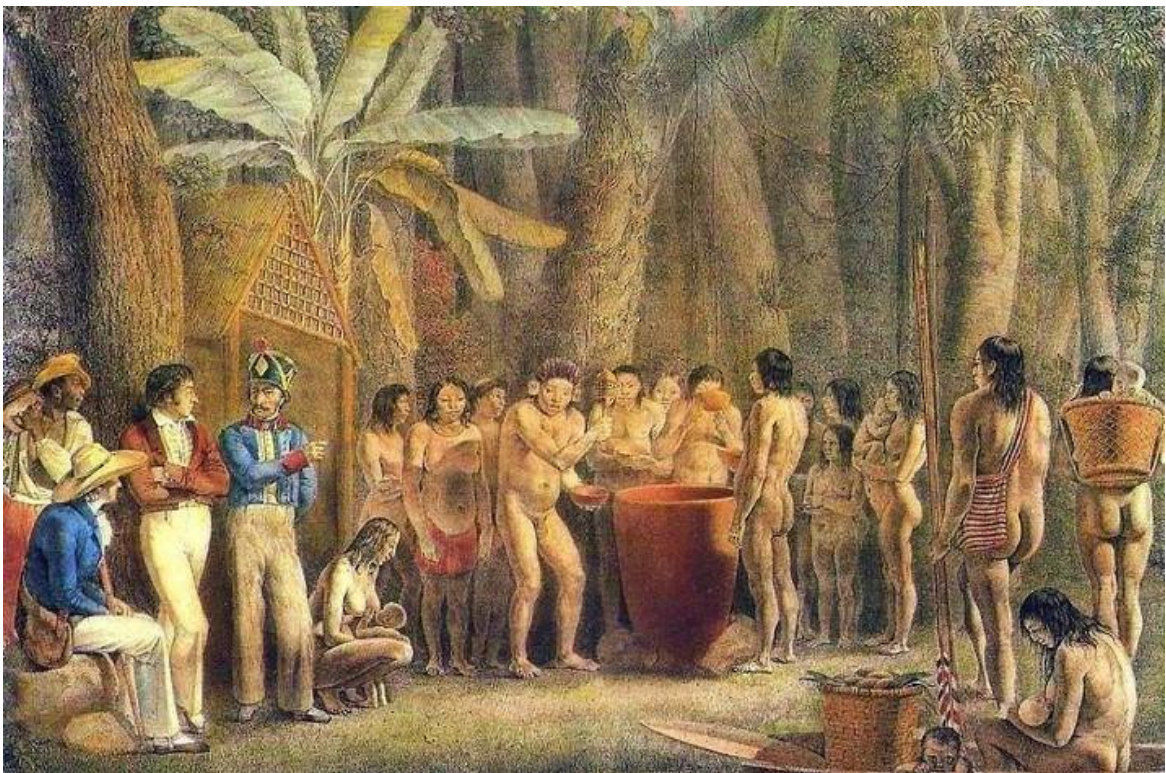
Félix viveu entre 1754 a 1849, era oriundo da Bahia e morreu no atual país Benim. Era mercador de escravizados, com facilidade para aprender línguas, comunicando-se em várias línguas, provavelmente, em francês, português e inglês. Francisco, ou como era mais conhecido *Chachá*, era casado com a filha de um rei de Daomé, com o objetivo de aperfeiçoar os meios do tráfico de escravizados da época, Chachá colaborava enquanto intérprete e intermediário nesse comércio (SILVA, 2004 *apud* SILVA-REIS, 2018).

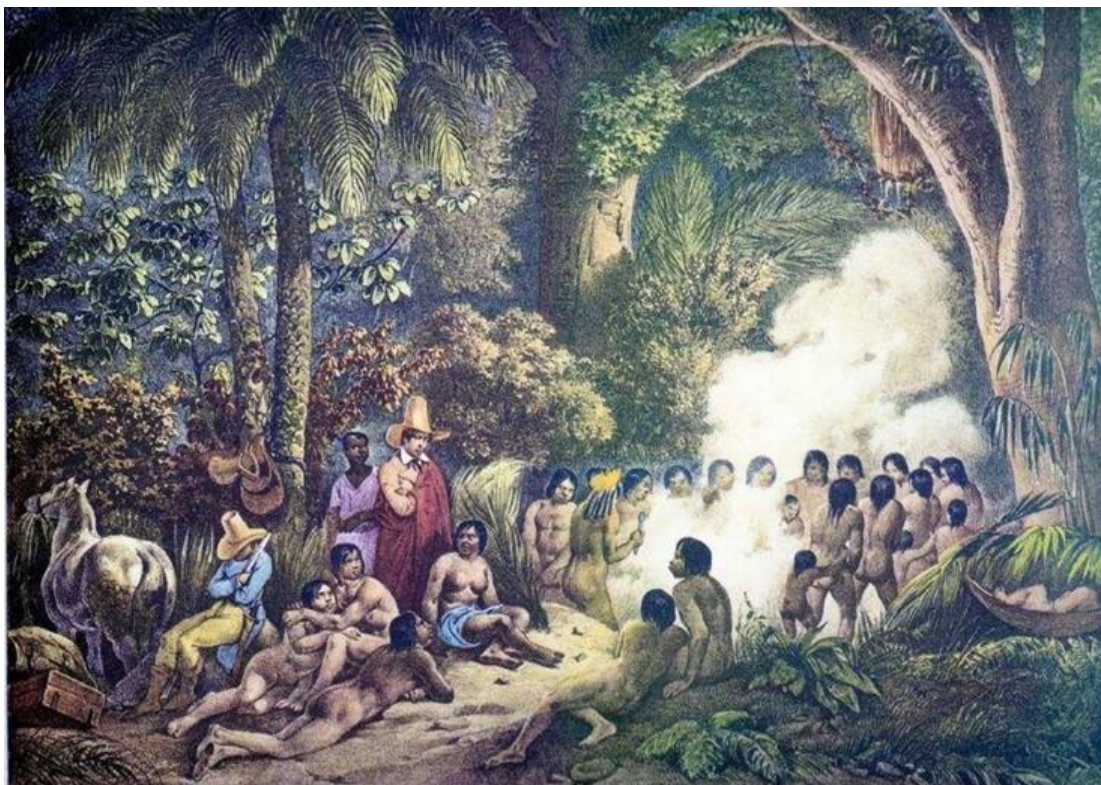
A vinda dos portugueses ao Brasil, no século XIX, tinha como intuito a realização de expedições e a exploração do território. Além do tráfico e da exploração humana, buscava-se o conhecimento e a catalogação da fauna e da flora local. Nesse processo de exploração, os encontros com civilizações que habitavam esses espaços tornavam necessária a presença de intermediários linguísticos e culturais, nativos ou não, negros ou indígenas.

Em expedição na comitiva da *Missão Artística Austro-Alemã* (1817–1818), Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius relataram:

[u]m negro, que viveu muito tempo entre os Puris, nos interpretou aquelas palavras plangentes, cantadas na dança, como lamentação de haver caído quando queriam colher uma flor de uma árvore. A explicação que nos ocorria, diante deste quadro melancólico, era do paraíso perdido ([1817-1820]1981, p.50, 54-57)

Os alemães relataram que compreenderam o ritual de dança e canto dos indígenas do povo *Puris* por intermédio de um intérprete-negro presente na expedição.





De forma semelhante, nas litografias acima observa-se a presença de um intérprete-guia militar negro em cada imagem na função de mediador no contato entre povos. Silva-Reis (2022) contextualiza que aquilo que atualmente se compreende como formação e atuação de intérpretes têm sua origem no *Sistema Colonial de Intérpretes*, instituído pelos colonizadores portugueses. Esse sistema tinha como objetivo a formação de intérpretes para atuarem nos momentos de interação e negociação com os povos das chamadas terras desconhecidas, visando à expansão territorial e à consolidação do domínio colonial:

Esse sistema tinha como prioridade a formação de homens para serem mediadores linguísticos em vários âmbitos (negociações, companhia, tradução, assistência, vigilância, guia, etc.). Todavia, se o ofício foi pensando para homens, ele atingia, de alguma forma, as mulheres. Ademais, elas foram, para além de intérpretes (tradutoras orais), intermediárias. (SILVA-REIS, 2022, p.83)

Nesse contexto, as mulheres negras foram pensadas e inseridas na formação de intérpretes de línguas orais para atuarem enquanto negociadoras, companheiras, tradutoras, assistentes, vigias, dentre outras funções, por serem compreendidas por esses colonizadores como destinadas exclusivamente aos homens.

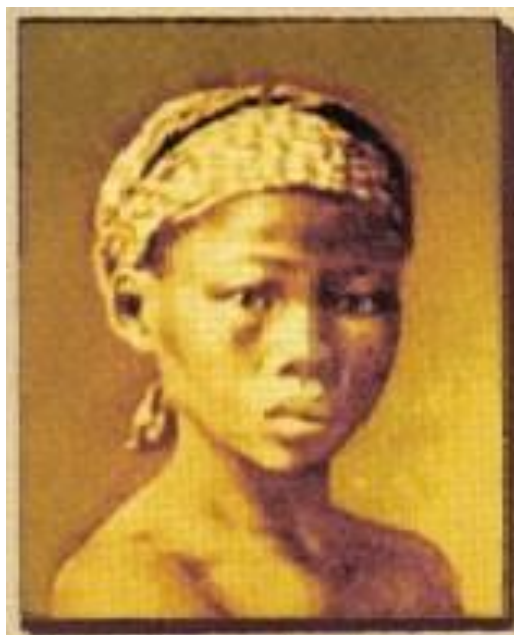


Ainda que não tenham sido pensadas na formação e atuação nas relações coloniais da época, as mulheres negras participaram desse sistema enquanto intermediárias, ocupando uma posição importante como mediadoras de mundos. Silva-Reis (2022) apresenta a presença das mulheres negras na historiografia da tradução oral ao citar duas protagonistas essenciais, como a rainha *Nzinga Mbandi*, guerreira e diplomata:

No que tange à interpretação em si, com base nas informações biográficas de Linda Heywood (2019), Njinga Ana de Sousa tanto foi intérprete quanto se serviu de inúmeros intérpretes durante seu reinado. Enquanto, na história colonial, veem-se muitas mulheres sendo intermediadoras transculturais de homens, na história de Ana de Sousa, nota-se que muitos homens foram intermediários exercendo seu ofício para uma rainha negra. (SILVA-REIS, 2022, p.85)

Além de guerreira, a rainha *Nzinga*, em sua posição de diplomata, negociava com os estrangeiros portugueses em favor de seu povo e de suas terras. Muitas mulheres e homens africanos atuaram como intérpretes junto aos colonizadores no continente africano e nos territórios colonizados. Enquanto rainha, *Nzinga* conhecia diversas línguas e atuava como intérprete, fazia uso da atuação de muitos homens africanos intérpretes para as negociações e organização interna de seu reinado.

Essa atuação linguística teve como base a violência colonial, que os forçava, de alguma forma, a desempenhar esse papel.



Outro nome relevante para compreender a efetivação de intérpretes nas conquistas de territórios, foi a presença de *Krotoa*, conhecida pelo nome cristão *Eva Krotoa*, levada para se casar aos doze anos com o governador do Cabo, Jan van Riebeeck, exercendo inicialmente o trabalho de empregada doméstica. Pertencente à comunidade *Khoikhoi*, *Krotoa* vivia com seu tio *Autshumato*, que havia sido intérprete para os holandeses. Foi nesse convívio que aprendeu o português e o holandês, atuando posteriormente como intérprete, agente comercial, embaixadora e chefe especial nas negociações de paz durante as guerras entre esses povos (SILVA-REIS, 2020 *apud* BLOEM, 1999; CONRADIE, 1998).

É possível citar outras figuras que são amplamente conhecidas por exercerem influência na luta contra a escravização da época e que tinham contato com intérpretes ou que exerciam essa função em sua comunidade. Como primeiro exemplo, a princesa *Aqualtune* (1630–1650), congolesa, foi sequestrada, vendida como escravizada reprodutora e enviada para Recife, no Brasil. Próximo ao nascimento de seu filho, fruto de violência sexual, fugiu com um grupo de pessoas negras com o objetivo de formar resistência em quilombos.

Aqualtune foi mãe de *Ganga Zumba* e avó de *Zumbi dos Palmares*. Sua atuação como intérprete ocorreu no âmbito da organização de estratégias políticas, organizacionais e de negociação, em meio a contextos de guerra nos quais o português e línguas africanas eram línguas de domínio. *Aqualtune* era vista pelos brancos como uma mulher negra perigosa, pois incentivava homens negros a fugirem e se unirem à resistência (SCHUMAHAR, 2021 *apud* SILVA-REIS, 2022).

Felipa Maria Aranha (1720–1780), cuja região de origem não é conhecida com precisão, foi vendida no Pará e, ao fugir, deu origem ao Quilombo do Mola, na região do baixo rio Tocantins, conhecido por sua organização. Foi líder de outros cinco quilombos que acolhiam pessoas negras e indígenas da região Norte, oriundas da Jamaica e do Suriname. Em meio a um ambiente multilíngue, acredita-se que *Felipa Maria Aranha* fazia uso de intérpretes de diferentes línguas, dentre elas o português, línguas africanas, línguas indígenas e *pidgins* (PINTO, 2001; SCHUMAHAR, 2021; *apud* SILVA-REIS, 2022).

A rainha *Tereza de Benguela* (1700–1770), rainha do *Quilombo do Quariterê*, foi uma das figuras mais conhecidas da história por sua atuação como líder do *Quilombo do Piolho*, no Mato Grosso, e por combater os colonizadores brancos, contando com o apoio de negros e de indígenas de fronteira, como os *Cabixis* e os *Caborés* (SILVA-REIS, 2022). É possível supor que Tereza de Benguela contava com o apoio de intérpretes em seus quilombos, uma vez que há relatos de um sistema educacional colaborativo entre os povos, no qual os negros ensinavam português aos indígenas que ali viviam, falantes de uma das línguas *Nambikwara*, considerada pouco conhecida.

Outra figura amplamente reconhecida nos estudos sobre a negritude foi *Luiza Mahin* (s/d), mãe de *Luís Gama*, provavelmente oriunda da Costa da Mina. Luiza Mahin comprou sua alforria, datada de 1812, tornando-se quitandeira na Bahia. Teve envolvimento significativo na *Revolta dos Malês* (1835) e na *Revolta da Sabinada* (1837–1838). Por dominar várias línguas, como o português e línguas africanas, há relatos de que liderava o envio e a circulação de mensagens em árabe, distribuindo bilhetes nas ruas entre os envolvidos nas revoltas, o que indica a necessidade da mediação de tradutores e intérpretes nesse fluxo de informações.

(GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021; SCHUMAHER; BRAZIL, 2000; *apud* SILVA-REIS, 2022).

Catarina Mina, também conhecida como *Catarina Rosa Pereira de Jesus* (s/d), era quitandeira em São Luís do Maranhão. Comprou sua alforria e realizava negócios com os portugueses, brasileiros e ingleses. Por possuir conhecimento dessas línguas e de sua língua materna africana, sua atividade comercial era realizada, possivelmente, por meio da circulação entre esses sistemas linguísticos (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021; SILVA-REIS, 2022).

Esses são apenas alguns exemplos de tradutores e intérpretes negros que assumiram, de forma forçada ou estratégica, posições de mediação linguística. Tais posições não apenas influenciaram a construção de uma história que os invisibilizou, como também evidenciam a invisibilidade enquanto estratégia daqueles que detêm o poder de decidir quem será lembrado e quem será esquecido. Deste modo, realizamos o fechamento deste capítulo com o Adinkra Sankofa, pois só é possível compreender o presente com o olhar ao que já se foi.



ANANSE NTONTAN

O objetivo deste capítulo é apresentar o percurso de surgimento, formação e reconhecimento do campo profissional dos TILS, bem como refletir sobre a importância de compreender essa trajetória a partir de uma rede de narrativas, contribuindo para uma reflexão mais ampla acerca da concepção de estética dos TILS no Brasil.

O símbolo Adinkra Ananse ntontan representa sabedoria, criatividade e habilidade, um ser que era metade aranha e a outra metade humano que exemplifica a multiplicidade cultural e linguística que tradutores e intérpretes compartilham ao atuar com diferentes públicos. Para o povo Akan, o Ananse ntontan demonstra a conexão entre comunicação e os profissionais da área da linguística. (CLARKE, 2016 *apud* SILVA, 2023, p. 19).

Influências para um código de ética de tradução e interpretação em libras

O objetivo deste capítulo é apresentar o percurso de surgimento, formação e reconhecimento do campo profissional dos TILS, bem como refletir sobre a importância de compreender essa trajetória a partir de uma rede de narrativas, contribuindo para uma reflexão mais ampla acerca da concepção e representação estética dos TILS no Brasil.

Para compreender a prática contemporânea do profissional TILS, torna-se necessário apresentar o percurso histórico desse agente, identificando os grupos sociais que participaram de sua construção e as contribuições advindas de sujeitos específicos inseridos em determinados momentos históricos. Nesse percurso, serão apresentadas organizações internacionais que se destacaram na consolidação desse profissional: World Federation of the Deaf - WFD, a World Association of Sign Language Interpreters - WASLI e o Registry of Interpreters for the Deaf - RID. Tais instituições exerceram, e ainda exercem, influência significativa na criação e na formação desse profissional.

A *World Federation of the Deaf* - WFD, foi fundada em 23 de setembro de 1951, em Roma, Itália, atuou de forma ativa em processos decisórios e na elaboração de políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência. Com foco na acessibilidade e nos direitos humanos, a WFD estabeleceu, ao longo de sua história, parcerias com as *Nações Unidas*, desempenhando um papel relevante que, futuramente, impactaria na construção da profissão de intérprete de línguas de sinais.

Em 1975, o conceito de uma associação internacional foi apresentado em um congresso da *World Federation of the Deaf*, realizado em Washington, DC, nos Estados Unidos. Posteriormente, em 1995, ocorreu o *Encontro Internacional de Intérpretes de Línguas de Sinais*, em Viena, Áustria, ocasião em que dois integrantes da Finlândia foram escolhidos para elaborar estatutos para uma associação internacional, os quais seriam retomados e rediscutidos futuramente.

Em 1999, a WFD realizou um congresso internacional em Brisbane, Austrália, no qual estiveram presentes 150 intérpretes de línguas de sinais, representando 30 países, com os seguintes objetivos:

- (1) expandir o rascunho dos estatutos em um Documento de Governo;
- (2) compartilhá-lo com os participantes do Congresso da WFD e com outros países, à medida que os contatos se tornassem conhecidos;
- (3) solicitar cartas formais de apoio de associações nacionais; e
- (4) preparar-se para ser atualizado em uma reunião posterior, a ser

realizada no próximo Congresso da *WFD*, em Montreal, Canadá, em 2003 (WASLI, 2025).

Esse foi o momento em que intérpretes de diversos países tiveram a oportunidade de se encontrar e iniciar a construção coletiva de diretrizes e especificidades de sua atuação, a partir de diferentes realidades socioculturais e contextos linguísticos.

Em 2002, o Registry of Interpreters for the Deaf - RID organizou o Simpósio Mundial para Intérpretes de Línguas de Sinais, encontro que teve como foco divulgar uma atualização acerca do grupo de trabalho criado no evento de 1999, realizado na Austrália. A partir deste simpósio, o número de colaboradores envolvidos no grupo de trabalho foi ampliado, conforme registros do próprio RID.

Uma organização que exerceu influência significativa na construção de reflexões acerca da prática dos TILS em âmbito mundial foi a *World Association of Sign Language Interpreters* - WASLI, fundada em 23 de julho de 2003, durante o 14º Congresso da *World Federation of the Deaf*, realizado em Montreal, Canadá (WASLI, 2025).

Como desdobramento desses encontros e discussões, em 2003, 60 intérpretes de línguas de sinais, representando 20 países, reuniram-se com a representante da *World Federation of the Deaf* - WFD, Carol Lee Aquiline, com o objetivo de criar uma organização internacional de intérpretes de línguas de sinais, denominada *World Association of Sign Language Interpreters* - WASLI. Nessa ocasião, foi indicada a realização da primeira conferência internacional da associação na África do Sul, em 2005, favorecendo, possivelmente, novas reflexões e possibilidades geopolíticas, ampliando perspectivas para a construção da prática profissional e contemplando questões étnico-raciais.

Após esse encontro, a preparação para a conferência de 2005 ocorreu de diferentes formas. Estabeleceu-se contato com o maior número possível de intérpretes de línguas de sinais de diferentes países, com o objetivo de convidá-los a participar do evento. Paralelamente, organizou-se apoio e colaboração para que países sem condições financeiras de deslocamento até a África do Sul pudessem viabilizar sua presença por meio de patrocínios e campanhas de arrecadação de fundos, em parceria com suas respectivas federações. Além disso, iniciou-se a construção de uma estrutura organizacional que pudesse ser reconhecida formalmente como uma Associação Internacional.

Em decorrência das negociações e da organização realizadas nos anos anteriores, e com o apoio da WFD e da National Association of the Deaf - NAD, ocorreu, em 2005, a primeira Conferência Internacional da WASLI, realizada em Worcester, África do Sul. O evento contou com a presença de 220 delegados de mais de 40 países e já previa a definição do local da conferência seguinte, que seria realizada na Espanha.

Conforme acordado no evento anterior, em 2007, em Madri, Espanha, representantes da WASLI e da WFD estreitaram parcerias institucionais, assinando um acordo de cooperação e realizando uma apresentação intitulada *Trabalhando juntos*, a qual integrou a Comissão de Interpretação no Congresso da WFD.

Em 2011, a cidade de Durban, na África do Sul, sediou a terceira Conferência da WASLI, com a participação de 160 delegados, representando 46 países, dos quais 17 pertenciam ao continente africano. Em 2015, ocorreu a quarta Conferência da WASLI na cidade de Istambul, Turquia, reunindo 295 delegados, representando 56 países, incluindo a participação de 60 intérpretes surdos.

Nesse mesmo evento, foi indicada a realização da quinta Conferência da WASLI no Brasil, prevista para o ano de 2018. Entretanto, há registros de que, em setembro de 2014, representantes da WASLI estiveram presentes no *Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES*, sem que existissem maiores detalhamentos documentais sobre esse encontro.

Até este ponto, foram apresentadas as instituições que se constituíram como centrais na construção de diálogos, processos formativos e parcerias em âmbito global na área da tradução e da interpretação em LS, impactando diretamente na construção de práticas, formações e articulações no contexto brasileiro.

No território brasileiro, a profissão de TILS vem sendo construída historicamente com a participação de diversos agentes, os quais contribuíram e continuam contribuindo para as reflexões teóricas e práticas desse campo. O provável surgimento da interpretação em LS no Brasil ocorreu a partir de situações cotidianas específicas, no convívio entre familiares e amigos, nas quais se fazia necessária a mediação comunicativa entre pessoas surdas e ouvintes.

A atuação de TILS no Brasil remonta, de forma mais sistematizada, às situações vivenciadas a partir da década de 80, quando surgiram demandas de mediação comunicacional entre religiosos e pessoas surdas. Conforme aponta

Assis Silva (2012), ao traçar um histórico da construção do que atualmente se compreende como comunidade surda, esse período marcou o início de práticas que envolveram a presença de intérpretes, professores, ativistas políticos, intelectuais e líderes religiosos. Esses agentes desempenharam papel fundamental na promoção da visibilidade das pessoas surdas, na afirmação de seus direitos e na forma como essas narrativas passaram a ser construídas e disseminadas.

Historicamente, as pessoas surdas tinham como prática social o encontro em espaços compartilhados com seus pares, familiares e amigos, com o objetivo de manter vínculos e trocas comunicativas. Além disso, há relatos que mencionam intérpretes atuando como tradutores de documentos, cartas e bilhetes destinados a pessoas surdas.

No Brasil, a esfera religiosa constituiu-se, a partir de registros orais e documentais, como base para a reflexão e a compreensão acerca de quem eram as pessoas surdas, bem como para o início do que atualmente se entende como educação de surdos. Esse contexto também se configurou como ponto de partida para a construção da figura do profissional que hoje se reconhece como tradutor e intérprete de Libras.

Nesse contexto, a FENEIS é uma instituição relevante na história da população surda no Brasil. Entidade sem fins lucrativos, atua na defesa dos direitos da Comunidade Surda Brasileira e é filiada à WFD, possuindo reconhecimento de utilidade pública nas esferas federal, estadual e municipal.

A FENEIS caracteriza-se por atuar na defesa dos direitos das comunidades surdas em diferentes áreas, como educação, saúde, cultura, trabalho, assistência social, direitos linguísticos e políticos, mantendo-se ativa até os dias atuais, com a preservação de seus princípios e de sua representatividade institucional (FENEIS, 2021).

Quadros (2004, p. 14) destaca que, em 1988, ocorreu o *I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais* no Brasil. O evento teve como objetivo possibilitar que intérpretes de diferentes regiões do país compartilhassem suas experiências, bem como discutir e avaliar aspectos considerados éticos nas práticas desse profissional. Nesse cenário, marcado por movimentos e organizações

vinculadas às igrejas e voltados à evangelização de pessoas surdas, emerge, por parte daqueles que atuavam na interpretação, a necessidade de buscar formação e informação, conforme aponta Assis Silva (2012):

A vida dos dois pastores ainda guarda outras semelhanças. Ambos foram para os Estados Unidos ainda nos anos 1980, onde tiveram contato com a performance da interpretação e, nos últimos vinte anos, trabalharam em prol de sua disseminação. O pastor Arriens afirma ser membro da RID e tem o histórico de ter formado mais de cinco mil intérpretes. O pastor Sander é o grande divulgador pioneiro da comunicação total em todo o país e, ultimamente, é o ativista político em favor da organização da classe profissional dos intérpretes. (ASSIS SILVA, 2012, p.200).

É nesse contexto histórico que o pastor Ricardo Ernani Sander se desloca para os Estados Unidos, em busca de formação específica, dirigindo-se ao órgão nacional *Registry of Interpreters for the Deaf* - RID. Posteriormente, retorna ao Brasil com os conhecimentos adquiridos ao longo desse processo formativo, os quais passam a influenciar diretamente a organização e a consolidação das práticas de interpretação em língua de sinais no país.

Em 1992, ocorreu o *II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais*, evento novamente proposto pela FENEIS, com o objetivo de discutir e aprovar o regimento interno do *Departamento Nacional de Intérpretes*, já fundado anteriormente. Neste *II Encontro*, foi apresentado um documento de grande relevância, integrante do regimento interno do referido Departamento: o Código de Ética.

O Código de Conduta e Ética dos TILS apresentado neste Encontro trazia, antes do primeiro capítulo, um parágrafo introdutório informando que se tratava de uma tradução adaptada do documento original disponibilizado pela organização RID, dos Estados Unidos. Tal informação revela a influência direta desse órgão internacional na construção normativa da profissão no contexto brasileiro, bem como aponta para a necessidade de compreender o documento original e o contexto em que foi produzido, aspecto que será aprofundado ao longo desta análise.

A organização inicialmente denominada *National Registry of Professional Interpreters and Translators for the Deaf*, atualmente conhecida como *Registry of Interpreters for the Deaf* - RID, foi fundada em 1964. A ideia de sua criação surgiu durante um workshop sobre interpretação realizado no *Ball State Teachers College*, localizado em Muncie, no estado de Indiana, nos Estados Unidos, entre os dias 14 e 17 de junho do mesmo ano.

Nesse workshop, Edgar Lowell, administrador de uma clínica com foco oralista, leigo em relação à língua de sinais e sem conhecimento prévio sobre interpretação, e Ralph Hoag, administrador do Escritório de Educação dos Estados Unidos, intérprete e filho de pais surdos, conceberam a ideia de criar uma organização voltada especificamente aos intérpretes de línguas de sinais.

O objetivo de Lowell e Hoag consistia em criar uma organização direcionada ao recrutamento de novos intérpretes de línguas de sinais, de modo a atender à crescente demanda que se apresentava na região. Tal organização teria como forma de atuação o recrutamento e a avaliação da competência de seus membros intérpretes, possibilitando assegurar a qualidade do serviço prestado aos consumidores (COKELY, 2000, p.31).

O RID constitui-se como o órgão de registro de intérpretes para surdos, com sede em Arlington, Texas, nos Estados Unidos, e congrega intérpretes de línguas de sinais de diferentes localidades do país. Atualmente, a instituição oferece formação continuada, promove trocas de experiências entre seus membros intérpretes e realiza a fiscalização da prática profissional, com o objetivo de assegurar uma atuação ética e qualificada, em defesa do trabalho dos intérpretes, do público surdo e dos contratantes, em diferentes contextos de atuação (RID, 2025).

Contextualizar a criação do RID, seus objetivos institucionais e compreender a história da elaboração dos códigos de ética da profissão de intérprete de línguas de sinais, nomenclatura utilizada pela própria organização, contribui para a compreensão dos conceitos-base a partir dos quais foi construído o Código de Ética dos TILS no Brasil. O Código de Ética da profissão do TILS, conforme apresentado por Quadros (2004), uma contextualização introdutória, a qual pode ser observada na imagem apresentada a seguir:

(RID – Registro dos Intérpretes para Surdos – em 28-29 de janeiro de 1965, Washington, EUA) Tradução do original Interpreting for Deaf People, Stephen (ed.) USA por Ricardo Sander. Adaptação dos Representantes dos Estados Brasileiros – Aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes – Rio de Janeiro/RJ/Brasil – 1992.

CAPÍTULO 1
Princípios fundamentais

*Artigo 1º. São deveres fundamentais do intérprete:
1º. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente e de equilíbrio emocional. Ele guardará*

Na imagem, o documento registra que o Código de Ética apresentado no *II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais* consistia em uma tradução, conforme indicado no excerto apresentado a seguir:

[...] Foi apresentado pela primeira vez o código de ética, que eu tinha traduzido do inglês, da associação americana, o chamado Registry of Interpreters for the Deaf (RID), de 1965. Foi nesta ocasião que os nossos intérpretes se encontraram pela primeira vez com o texto do Código de Ética e discutiram a respeito. O texto original foi aceito na sua unanimidade. (PEREIRA; SANDER, 2023, p.11).

Em entrevista, *Ricardo Ernani Sander* relata que foi o responsável pela tradução do Código de Ética da *Registry of Interpreters for the Deaf* - RID, apresentando-a no *II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais*, realizado no Rio de Janeiro, em 1992. Nessa ocasião, o texto foi discutido coletivamente e aceito de forma unânime pelos profissionais presentes no evento.

Em seu artigo, Cokely (2000) realiza uma revisão do Código de Ética elaborado pelo RID, documento que foi tomado como modelo por diversos programas de formação e códigos de ética no país. O autor apresenta o processo de construção desse código de ética e propõe outra abordagem a ser adotada para a elaboração de futuros códigos de ética no campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais.

No texto, o autor discorre que no início da prática da profissão, a porta de entrada das pessoas que realizavam interpretações para pessoas surdas ocorria de

forma predominantemente interacional. Por meio do contato direto com as comunidades surdas e da demonstração de desempenho na prática, o indivíduo era inserido gradualmente nas situações de interpretação cotidianas e construía sua formação de maneira situada e informal. Na atualidade, essa inserção tem ocorrido por meio da formação acadêmica institucionalizada.

Nesse contexto de transformações no campo profissional, fez-se necessário rever o Código de Ética elaborado em 1965, traduzido em 1992 para o português, questionando se seus princípios ainda refletiam as realidades contemporâneas desse profissional e da profissão. Além disso, problematizou-se se, considerando a atuação em diferentes esferas e distintas formas de agir, seria possível manter um único código de ética aplicável a todos esses espaços ou se haveria a necessidade de especificações conforme os contextos de atuação (COKELY, 2000, p.40).

Em parceria com o RID, teve-se acesso a documentos históricos e atuais relativos ao processo de elaboração do Código de Ética do RID, tido como modelo para a discussão do Código de Ética dos TILS no Brasil. A partir desse acesso, serão apresentadas algumas reflexões consideradas relevantes para esta pesquisa. No primeiro documento do Código de Ética, o RID elaborou doze princípios; nesta dissertação, a atenção será direcionada especificamente ao princípio de número cinco, por ser aquele que mobiliza discussões e reflexões acerca da atuação visual dos TILS:

5. The interpreter shall adopt a conservative manner of dress upholding the dignity of the profession and not drawing undue attention to himself.

Na tradução do Código de Ética *the interpreter shall adopt a conservative manner of dress upholding the dignity of the profession and not drawing undue attention to himself* (RID, 1965, p. 1), estabelece-se que o intérprete deve adotar uma maneira conservadora de se vestir, defendendo a dignidade da profissão e não atraindo atenção indevida para si mesmo. Observa-se, a partir dessa orientação, que o profissional que atua com línguas de sinais precisa atentar-se à forma como irá se apresentar no momento da prestação de seu serviço ao público surdo. Tal

recomendação justifica-se pelo fato de a LS caracterizar-se como uma língua visuogestual, cuja enunciação exige determinados cuidados relacionados à imagem da pessoa que a produz, de modo a evitar interferências em sua visualização e compreensão.

Em um segundo documento, elaborado em 2005, o RID, em uma tentativa de revisar o Código de Ética então vigente, publica um artigo que discute o documento anterior e propõe uma nova perspectiva para pensar a construção dos códigos de ética subsequentes.

Nesse texto, a organização aponta que o Código de Ética do profissional intérprete/transliterador, termo utilizado no contexto do RID, foi elaborado a partir de fundamentos deontológicos tradicionais, nos quais determinadas ações são consideradas erradas e, portanto, sempre proibidas, desconsiderando-se suas consequências práticas. A nova proposta do Código de Ética consistia em pensar a prática desse profissional a partir de uma perspectiva teleológica, na qual são as consequências das ações que determinam sua aceitabilidade (COKELY, 2000, p.38).

Foi com base nesse objetivo de revisão crítica dos princípios aplicados aos intérpretes/transliteradores que o RID reelaborou os princípios do Código de Ética originalmente instituído em 1965.

No Brasil, foi a partir dos Encontros Nacionais de Intérpretes que as diferentes regiões passaram a se organizar de forma mais particularizada, criando encontros destinados a discussões localizadas entre os anos de 1993 e 1994. Trata-se de uma iniciativa relevante, uma vez que foi a partir desses Encontros Nacionais que unidades de intérpretes foram criadas e vinculadas à FENEIS, tendo como matriz a cidade do Rio de Janeiro e unidades em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Brasília e Recife (QUADROS, 2004, p.15).

Com a popularização da internet nos anos 2000, essas unidades passaram a disponibilizar uma página destinada aos intérpretes de línguas de sinais (www.interpretels.hpg.br), além da criação de uma lista de e-mails composta por intérpretes, com o objetivo de ampliar as discussões do grupo e fortalecer a comunicação entre os profissionais.

Em 2002, a *Língua Brasileira de Sinais - Libras* foi reconhecida oficialmente como língua pela Lei nº 10.436, sendo definida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas presentes no território brasileiro. À época, não eram mencionadas outras línguas de sinais utilizadas por diferentes comunidades surdas; entretanto, é com o Decreto nº 5.626/2005 que se estabelecem diretrizes específicas acerca da formação de profissionais, da presença de intérpretes de Libras no espaço educacional e de sua contratação em serviços públicos (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005).

Além desses marcos legais, outros documentos também desempenharam papel relevante na construção e no aperfeiçoamento mais recente da profissão de tradução e interpretação em Libras. Em 2010, a Lei nº 12.319 regulamentou a profissão, discorrendo sobre suas atribuições, sendo posteriormente alterada pela Lei nº 14.704/2023, que atualiza e especifica, ponto a ponto, o trabalho desse profissional. Esses documentos são considerados centrais, pois contribuem para assegurar as práticas daqueles que atuam na área, além de disseminarem um perfil profissional construído a partir de documentos oficiais tomados como base e modelo (BRASIL, 2010; BRASIL, 2023).

Os eventos, simpósios, congressos, seminários e demais encontros voltados à troca de experiências e à formação dos TILS tornaram-se cada vez mais necessários e fundamentais para as reflexões sobre as práticas profissionais, consolidando a formação continuada como elemento central para o trabalho.

Este capítulo teve como objetivo historicizar o percurso de influências de instituições que se destacaram no desenvolvimento da profissão de TILS no Brasil. Ao longo do capítulo, evidenciou-se que a consolidação dessa profissão está diretamente relacionada à organização de instituições internacionais, possibilitando a participação das pessoas surdas em diferentes espaços sociais.



NYANSAPO

Para iniciar o percurso metodológico da pesquisa, recorreremos ao Adinkra NyansaPO, o nó da sabedoria, inteligência e muita engenhosidade. Seu significado gira em torno da compreensão de que uma pessoa tem inteligência de escolher caminhos para chegar em seus objetivos. Este capítulo representa um NyansaPO, um dos diversos caminhos percorridos por nós, construindo conexões, reflexões e questionamentos para assim, chegar aos objetivos para compreender a diversidade dos profissionais TILS (ADINKRA SYMBOLS AND MEANINGS, 2025).

Percurso metodológico

A apreensão e a compreensão do mundo ocorrem por meio de diferentes formas sensoriais em nosso corpo, pelas quais os sujeitos atribuem sentido e significado às experiências cotidianas, como o som, o olfato e o tato. Esses sentidos permitem a percepção de fenômenos e texturas, possibilitando a construção de significados a partir das interações com o mundo.

Para além dessas experiências sensoriais, destaca-se a visão como um modo de relação com o mundo. Nesse contexto, tanto pessoas videntes quanto pessoas surdas atribuem à visão um papel fundamental na construção de sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo, compreendendo, por meio dela, as possibilidades de existência e de participação social.

A proposta metodológica deste estudo consiste em apresentar uma rede de elementos que não apenas se relacionam entre si, mas que também constituem a base fundante daquilo que se considera como modelo ou padrão de imagem a ser seguido e referenciado na mente humana.

No início das práticas de interpretação comunitária, religiosa e familiar, a mediação linguística era realizada, em geral, por pessoas do convívio próximo, como familiares e amigos. Com a profissionalização da área, a realização de eventos científicos e o aumento da visibilidade da profissão em meios televisivos e em registros fotográficos, passa-se a questionar quais corpos passaram a ocupar esses espaços de representação. Observa-se, nesse contexto, a predominância de homens e mulheres brancos, cisgêneros, heterossexuais, magros e associados a práticas religiosas.

Ao longo de nossa vida, se desenvolvem em nossa mente dois tipos de memória: a memória natural e a memória artificial. A memória natural está inserida na mente humana e se desenvolve por meio do pensamento desde o nascimento. A memória artificial, por sua vez, é fortalecida e conduzida de forma racional ao longo da vida (ALMEIDA, 1999, p.67).

Nessa perspectiva, as IMAGENS AGENTES serão definidas aqui enquanto produções visuais compreendidas não apenas como representações do mundo, mas como uma produção que apresenta um conjunto de elementos visuais que produzem sentidos, mobilizam memórias e interferem nas relações sociais e políticas. Essas IMAGENS possuem uma ação agente, discursos estéticos que moldam o olhar, provocam reflexões, tensionam normas e discursos naturalizados, especialmente aqueles que regulam os corpos, a visualidade e a profissionalização. No contexto desta pesquisa, as IMAGENS AGENTES atuam como dispositivos analíticos que revelam desigualdades, resistências e reconfigurações simbólicas no campo da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais.

Os LOCAIS podem ser compreendidos como papiros mentais nos quais as IMAGENS observadas cotidianamente são classificadas e inseridas. As IMAGENS não apenas se fixam na memória, mas também constituem a base e o parâmetro das relações estabelecidas entre o que é visto e os significados atribuídos a cada IMAGEM. O processo de validação do que pode ou não ser reconhecido como passível de fixação é mediado por narrativas socialmente construídas, que orientam e significam essas IMAGENS (ALMEIDA, 1999, p.68).

O autor apresenta o LOCAL da mente como um espaço em que as IMAGENS são fixadas, permitindo que narrativas habitem o interior de nossos corpos e

gerenciem nossas escolhas, conflitos e razão. Nesse sentido, o corpo configura-se como LOCAL, fixando essa IMAGEM mental no corpo físico (ALMEIDA, 1999, p.115).

Compreendemos a importância de quais são as IMAGENS que são fixadas em nossa memória e perpetuadas nos corpos ao longo da história, por meio de discursos e narrativas estéticas. A metodologia da presente pesquisa percorre um caminho de percepção e diálogo com o material selecionado, o qual será explicitado ao longo deste capítulo.

O percurso metodológico da pesquisa compreendeu as seguintes etapas:

- a) escolha de seis instituições que foram influentes na construção do campo no Brasil;
- b) eliminação das instituições que não apresentavam a presença de tradutores e intérpretes negros nos vídeos disponibilizados nos canais oficiais do Youtube;
- c) seleção de duas instituições que contam com um número significativo de tradutores e intérpretes negros nos vídeos disponibilizados nos canais oficiais do Youtube;
- d) busca e seleção de vídeos que apresentassem a presença de TILS negros;
- e) agrupamento dos vídeos de acordo com suas respectivas instituições;
- f) busca e seleção das IMAGENS AGENTES foram conduzidas pela pesquisadora com base em critérios técnicos definidos a partir de sua atuação como TILS. Esses critérios consideraram conflitos e dilemas profissionais recorrentes na área, articulados ao recorte étnico-racial que orienta a pesquisa;
- g) realização de prints aleatórios dos vídeos que apresentavam pessoas negras sinalizando, o frame do vídeo não foi considerado pelo pesquisadora como importante, pois o critério de escolha e o olhar das IMAGENS AGENTES foram direcionados para a pessoa presente no vídeo como um todo e não para um frame em específico;
- h) diálogo com teorias e narrativas presentes na área da tradução e interpretação em línguas de sinais, instigada pelas IMAGENS AGENTES.

Inicialmente selecionamos seis instituições para trabalharmos: três delas internacionais, havendo exercido influência direta na construção das associações de surdos e intérpretes no Brasil e três nacionais, instituições que são referência no campo dos Estudos Surdos e da Tradução e interpretação de línguas de sinais.

As instituições internacionais foram: *World Association of Sign Language Interpreters - WASLI*, *World Federation of the Deaf - WFD* e *Registry of Interpreters for the Deaf, Inc - RID*. As nacionais foram: *Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais - FEBRAPILS*, *Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS* e *Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES*.

Após essa etapa, das seis instituições selecionamos apenas duas instituições com o maior número de sinalizantes negros foram escolhidas, sendo elas: *Registry of Interpreters for the Deaf, Inc - RID* pois foi a associação que elaborou o Código de Ética traduzido para o português e *Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES* por ser a instituição mais antiga do Brasil, ambas por conterem o maior número de sinalizantes negros nos vídeos dos canais oficiais do Youtube. Com as instituições já selecionadas, iniciamos o processo de busca e encontro das IMAGENS AGENTES nos canais do youtube.

A busca e o encontro das IMAGENS AGENTES não ocorreram a partir da seleção de frames específicos; os prints foram realizados de forma aleatória, uma vez que o olhar não se direcionava a um trecho isolado do vídeo, mas à composição do vídeo como um todo e às pessoas presentes.

No momento do encontro e do diálogo com as fotografias em movimento, o coorientador colocou-se na posição de interlocutor, enquanto a pesquisadora assumiu a posição de escuta ao que as imagens dialogavam das experiências e narrativas da pesquisadora.

Nesse sentido, as IMAGENS AGENTES são compreendidas como construções visuais dotadas de agência estética, constituídas por elementos organizados em um espaço real, responsáveis pela produção de uma narrativa visual historicamente utilizada e naturalizada na mente.

Nesse processo, as IMAGENS AGENTES foram sendo identificadas a partir de argumentos, mitos historicamente construídos e narrativas estéticas reiteradas por agentes com determinados corpos. Tais narrativas evidenciam situações específicas que tensionam a noção de um corpo único e possível, revelando sua inadequação frente à complexidade da realidade. A leitura dessas IMAGENS foi realizada pela pesquisadora.

O fazer tradutório e interpretativo nas LS e nas línguas vocais percorreu trajetórias historicamente semelhantes; contudo, ao se considerar a atuação de tradutores e intérpretes negros, tais percursos assumem especificidades próprias. A interpretação, ao possibilitar a comunicação entre grupos e comunidades linguísticas distintas, ocorre desde a Antiguidade, especialmente em contextos diplomáticos, religiosos e em expedições militares. No campo das línguas orais, a estruturação da atuação enquanto profissão, desempenhada por profissionais e com pagamento de honorários, consolidou-se no século XX (PAGURA, 2015, p.192).

No âmbito das LS, os registros da atuação de pessoas que exerciam essa função em situações cotidianas e, sobretudo, no campo da educação, datam do período anterior ao século XIX. A atuação de intérpretes de forma profissionalizada ocorre a partir do século XX, impulsionada pelas conquistas do movimento surdo no que se refere aos direitos de comunicação em diferentes campos do conhecimento, ganhando maior visibilidade com o reconhecimento da profissão em 2010 (QUADROS, 2004; ASSIS, 2012).

No campo da tradução, a profissionalização vem ocorrendo desde o início da popularização da internet e dos meios tecnológicos, como vídeos e dispositivos móveis, os quais possibilitaram o registro audiovisual e a ampliação da velocidade comunicacional.

Nesse contexto, passam a surgir cursos de formação superior destinados a TILS. No Brasil, observa-se, em 2015, a implantação dos primeiros cursos de graduação. Além da formação institucionalizada, a vivência com as comunidades surdas contribui significativamente para o desenvolvimento linguístico da atuação profissional, uma vez que é nesse contato que se observam as formas pelas quais as pessoas surdas narram em língua de sinais.

Para compreender a atuação do TILS como uma ação que promove a aprendizagem e o ensino na prática, faz-se necessário segmentar as especificidades desse trabalho.

No campo da tradução, o tempo constitui um dos elementos centrais, pois o profissional pode manejá-lo a seu favor, dispondo da possibilidade de rever suas escolhas tradutórias, pesquisar em diferentes fontes, consultar colegas tradutores surdos e o público surdo, bem como revisar o material até sua finalização.

No caso da interpretação, o tempo é administrado de maneira distinta. O profissional atua a partir da simultaneidade dos discursos de ambas as línguas. Nessa modalidade, não há possibilidade de revisão posterior da construção discursiva, exigindo do intérprete a compreensão do enunciado, a identificação do enunciador e a produção simultânea do discurso na língua do público participante.

Atualmente, a interpretação ocorre em duas modalidades: a remota, quando não há interação direta ou visualização do público surdo, demandando decisões interpretativas que considerem sua ausência física; e a presencial, na qual o profissional pode ver e ser visto pelo público surdo, além de receber feedback em tempo real sobre sua atuação.

Na interpretação presencial, evidencia-se o caráter formativo contínuo da prática, uma vez que a interação entre intérprete e pessoa surda constitui condição central do processo interpretativo. Essa relação possibilita a construção compartilhada de significações por meio da articulação entre línguas, corpos e olhares.

A atuação do intérprete configura-se, assim, como um processo permanente de aprendizagem e ensino, que também pode ser compreendido como uma posição de visibilidade e poder no espaço público. Tal visibilidade torna perceptíveis posicionamentos políticos, religiosos, sociais e pessoais, expressos nas escolhas corporais e discursivas realizadas durante a interpretação.

Ser TILS implica, portanto, no convívio com as comunidades surdas e seus dilemas, em contato com múltiplas formas de perceber, enunciar e estar no mundo.

A presente pesquisa configura-se enquanto qualitativa, exploratória e descritiva, pois seleciona e descreve imagens a partir de princípios etnográficos, com base nas IMAGENS AGENTES encontradas pela pesquisadora nos canais oficiais do Youtube das instituições escolhidas. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender como normas estéticas institucionalizadas para tradutores e intérpretes de línguas de sinais, e normas informalmente convencionadas, como o mito da camisa preta, operam como mecanismos de controle e exclusão, além de discutir estratégias de construção de normativas plurais aproximando as questões étnico-raciais.

Como objetivos específicos, iremos descrever como as normas estéticas instituídas incidem sobre o corpo e a imagem de tradutores e intérpretes de Libras negros, evidenciando os efeitos excludentes dessas normas sobre corpos racializados; no segundo objetivo específico, iremos problematizar os impactos da norma estética vigente na visibilidade, legitimidade e atuação de intérpretes negros e da comunidade negra surda no campo da tradução e interpretação de línguas de sinais.

A base etnográfica justifica-se neste trabalho, pois lidamos com dois grupos culturais e linguísticos específicos, nos quais o corpo e a imagem são constitutivos da enunciação e da compreensão do que está sendo dito. Logo, a seleção e a descrição das IMAGENS AGENTES serão realizadas a partir de uma leitura da pesquisadora, assumindo a subjetividade como componente imprescindível para dialogar com essas imagens.

Será realizado o estudo das convenções técnicas e estéticas presentes no código de ética da profissão, bem como o diálogo com narrativas presentes nas IMAGENS AGENTES que não estão formalmente escritas, mas convencionadas empiricamente, materializando normas e mitos no corpo do tradutor e intérprete de línguas de sinais.



WAWA ABA

O adinkra que tem como mensão à necessidade de se mostrar resistente, sendo associada ao provérbio africano Oye den se wawa aba ele é duro como a semente da árvore wawa, demonstrando uma robustez, perseverança e tenacidade. São as características que percebemos quando vemos diversos TILS negros se posicionando em relação às situações relacionadas aos discursos normativos do que é parecer intérprete de línguas de sinais (WILLIS, 1998, p. 62 apud SILVA p. 47).

Parece intérprete: normas, corpo e hegemonia na tradução e interpretação em línguas de sinais

O campo da tradução e interpretação de línguas de sinais no Brasil, vem sendo fomentado e construído há décadas por agentes que tomaram como compromisso social e profissional a formação crítica de profissionais.

É possível identificar em discursos de profissionais da área e de pessoas surdas que o campo testemunha discussões sobre temas que antes não haviam registros de discussão. Um tema que vem sendo citado como polêmico é sobre a fala *não está vestido como um intérprete* ou *não parece um intérprete*.

Essas falas relacionam-se diretamente à discussão sobre a vestimenta considerada *adequada* para a atuação profissional, de modo a garantir a visibilidade das mãos e do corpo do intérprete, favorecendo a compreensão por parte das pessoas surdas durante a interpretação. Essa discussão, considerada polêmica, incentivou pesquisas para compreender o Código de Ética da profissão e suas implicações nos corpos desses TILS.

O primeiro trabalho é de autoria de Roberto Costa e Sheila Costa (2019), problematiza os discursos presentes na área acerca da suposta obrigatoriedade de vestimentas específicas para a atuação do TILS. Segundo os autores, tais discursos carecem de fundamentação normativa, uma vez que as orientações existentes não impõem o uso obrigatório de determinadas cores, mas visam apenas favorecer a visualidade para as pessoas surdas.

Quando a vestimenta é apresentada como requisito profissional obrigatório para o TILS, esse discurso costuma estar associado a uma perspectiva conservadora,

historicamente vinculada ao campo religioso, espaço no qual a prática da interpretação se institucionalizou.

Argumenta-se, ainda, que a noção de *parecer* ou *estar vestido como um intérprete profissional* está ancorada na construção histórica de uma imagem única e hegemônica de corpo possível para o TILS, amplamente disseminada ao longo do tempo.



FUNTUNFUNEFU DENKYEN FUNEFU

Neste capítulo, apresentamos o símbolo adinkra Funtunfunefu denkyen funefu que ilustra um crocodilo de duas cabeças que compartilha um estômago em comum, este ideograma simboliza unidade na diversidade, trazendo a democracia como central. Este adinkra se relaciona com o próximo capítulo, pois será um capítulo que discutirá sobre a busca da possibilidade de se contar suas histórias, mesmo compartilhando de aspectos em comum, muitas vezes. (SILVA, p. 44).

Imagem única

A afirmação de que para ser TILS profissional precisa usar vestimenta preta perpassa por dois argumentos: o primeiro é pela defesa da imagem neutra e o segundo, o corpo pensado para ocupar essa visibilidade. O primeiro argumento utilizado pela maioria dos profissionais e pessoas surdas é sobre uma imagem neutra:

Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo. Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial, para outros. As consequências dessa visibilidade para negros é bem conhecida, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que é ele o modelo paradigmático de aparência e de condição humana (CARONE, 2016, p.77).

A criação de uma neutralidade passa por um ponto de partida e chegada e a representação de um conjunto de elementos que foram construídos como sendo

idealizados por esse parâmetro aceitável e humanizado por um determinado grupo étnico-social. O corpo branco, magro, cabelos claros, lisos, traços finos, com uma voz característica, um comportamento compreendido como elegante, discreto e que ocupa espaços de elite e seletivos.

Maria Aparecida Silva Bento (2016) explicita que, o branco aparece enquanto um modelo universal de humanidade, modelo que foi criado e perpetuado pelas elites brancas no Brasil, deste modo, o branco como modelo humano foi estabelecido enquanto padrão referencial das espécies, sendo utilizado como estratégia de manutenção simbólica de autoestima e autoconhecimento entre os grupos.

É nesse contexto que as narrativas e práticas sociais são multiplicadas e difundidas, sendo originadas na mesma premissa, que os fios partem do mesmo centro, o centro que compreende a branquitude como a origem e padrão, parâmetro e base comum que se deriva o diferente, o outro, o estranho e o incomum.

Esses são parâmetros que perpassam gerações e atingem as diversas camadas sociais com o apoio da mídia e os meios de comunicação, permitindo que esses padrões habitassem as mentes. No caso das línguas de sinais, o que foi percebido pelas narrativas visuais é que, ao longo da história os corpos que foram visibilizados em espaços de poder foram TILS que seguiam os padrões convencionados, perpetuando os padrões de homens, religiosos, héteros e brancos.

Em consequência, esses parâmetros e uso de uma vestimenta que afirma um modelo de visualidade foi ganhando forma e se tornando o discurso de como um tradutor e intérprete precisava se vestir, uma prática que se tornou código social/profissional e discursivo perpetuado de uma visão excludente e desigual, em que prioriza em uma vestimenta, princípios e preceitos que expõem como a sociedade mantém e protege sua elite nos mais diversos espaços sociais e profissionais.

Nesse contexto, o *mito da camisa preta* acaba sendo uma metáfora não de uma obrigatoriedade de uso de vestimenta que não interfere necessariamente na visibilidade do corpo das pessoas negras, mas como ela é compreendida inconscientemente e mantida como um mecanismo da branquitude que padroniza discursos que moldam como os profissionais compreendem o conceito de neutralidade e sobretudo de um corpo neutro, desconsiderando uma subjetividade que humaniza, normatiza corpos e desumaniza profissionais que são influenciados a se encaixarem como um instrumento de comunicação baseado em um padrão visual incompatível e inconcebível.

Com preocupação, Chimamanda Ngozi Adichie (2009) apresenta o perigo de uma história única, *se cria uma história única se você mostrar uma mesma coisa,*

muitas vezes para esse povo, sem parar e esse povo assim se tornará. Da mesma forma são os discursos verbais e as imagens que circulam no meio social, quando você atrela um sentido a algo e publiciza esse algo incessantemente e atrelada a um discurso, tem uma grande chance desse discurso se fixarem como IMAGENS nos LOCAIS em nossa mente, e isso começar a se tornar uma verdade para mim.

Para a autora, as histórias são definidas pelo poder, em como elas são contadas, em quem são as pessoas que as contam, quando são contadas, onde são contadas e quantas vezes são contadas. Adichie (2009, p.23) tensiona a complexidade do poder sobre as histórias do outro é como esse poder tem a capacidade de definir aquela histórica e ficar marcada para aquele outro em definitivo.

A complexidade dessa história única é que além de ter o poder de definir uma história para o outro, ela cristaliza essa história enquanto a única, impedindo esse outro de imaginar outras coisas possíveis e não só o que foi lhe apresentado. A consequência dessa cristalização é a falta de possibilidades de se pensar nesse outro enquanto uma pessoa digna de Ser, dificultando o reconhecimento de sua humanidade em comum (ADICHIE 2009, p.27):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. [...] Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso (ADICHIE, 2009, p.33).

Ao reconhecer os TILS como sujeitos históricos, cujos corpos constituem territórios culturais, torna-se possível compreender a profissão a partir de uma perspectiva que valoriza as particularidades culturais desses sujeitos e promove uma diversidade efetiva no campo profissional e amplia a própria concepção de língua de sinais, entendida não apenas como sistema linguístico, mas como prática cultural, histórica e corporificada.



ADINKRAHENE

O adinkra Adinkrahene descrito como três círculos um dentro do outro tem como significado a autoridade, grandeza, firmeza e prudência para diversas situações, muito pertinente para a introdução deste capítulo, pois iremos tratar do capítulo que apresenta

as narrativas de TILS negros no contexto norte americano, narrativas grandiosas, prudentes de autoridades dos discursos, os próprios TILS dizendo sobre como os discursos normativos lhes afeta, como afeta seus corpos, como movimentam suas subjetividades e como percebem o mito da camisa preta presente neste contexto (Willis, 1998, p. 62 apud SILVA p. 47).

Intérpretes negros de língua de sinais americana

O *mito da camisa preta* não se limita ao contexto brasileiro, configurando-se como uma discussão recorrente no campo da interpretação de línguas de sinais, atravessada por questões étnico-raciais. Diante disso, faz-se necessário apresentar como essa temática é abordada no contexto dos Estados Unidos, onde foi realizada a primeira tradução do Código de Ética que serviu de base para a elaboração do primeiro Código de Ética no Brasil.

Jaron Gilchrist (2023) realizou a pesquisa *What to Wear? Black and Brown Interpreters Perspective on Professional Attire and Appearance*, entrevistou intérpretes pretos e pardos da American Sign Language – ASL para o Inglês sobre a relação ao vestuário. O Código de Ética é o documento que define diretrizes sobre qual a forma considerada apropriada para se vestir e proporcionar uma identidade de grupo que identifica a profissão (FURNHAM, 2014, apud GILCHRIST, 2023, p.1).

Nesse contexto, o autor mapeou produções audiovisuais estadunidenses e suas narrativas sobre representações de pessoas negras, identificou que o negro americano era ridicularizado e estereotipado na TV e no cinema. O estudo apresenta depoimentos de profissionais de diferentes áreas e estudos que abordam o tema:

Em um estudo, Elias (2018), uma advogada que se identifica como negra, foi entrevistada e expressou que *você aprende rapidamente que seu corpo é hipervisível*. Quando você é a única minoria na sala, algumas pessoas que não pertencem a minorias criticaram “a coisa mais fácil que encontrarem – como você está vestida – e o feedback é frequentemente classificado como *não profissional* ou *excessivo*.”

realizou um estudo por questionário: *Atletas afro-americanos do sexo masculino são vistos de forma diferente quando demonstram competência, vestem-se formalmente e exibem um estilo confiante?* As roupas incluíam um moletom de campeão, calças e blusas de moletom, além de bermudas e calças sociais mais formais. Os resultados deste estudo mostraram que *as roupas usadas por modelos afro-americanos influenciaram significativamente a percepção dos participantes sobre os modelos*.

Expressa que <i>vestir-se bem pode ajudar um indivíduo a evitar os impactos negativos dos estereótipos em um único caso, mas certamente não é provável que elimine estereótipos ou preconceitos de forma mais ampla.</i>
--

mostrou que o traje formal dos homens negros pode atenuar o preconceito, mas não o extinguir.

Os estudos citados por Gilchrist (2023) constituem um exemplo de como a vestimenta e os significados estão presentes na sociedade e de que maneira tais significados impactam as práticas profissionais, incidindo de forma mais contundente sobre as pessoas negras.

De acordo com o autor, o primeiro local que intérpretes pretos e pardos se deparam com essa temática são em cursos de formação de intérpretes, que são impelidos a se vestirem de acordo com o ambiente para evitar rótulos associados à marginalização da negritude. Nestes relatos é possível perceber que as pessoas brancas não precisam se atentar às questões raciais, não se preocupam em como irão se vestir, esta é a realidade diferente de estudantes pretos e pardos (GILCHRIST, 2023, p.26).

O autor apresenta estudos como o de Obasi (2013) sobre intérpretes pretos e pardos no Reino Unido, identificou que os temas mais recorrentes nos questionários e entrevistas foram o estereótipo, a invisibilidade e ausência de representatividade no curso de formação de TILS. Os estudos de Oyedele (2015) apresentado pelo autor, relatam as situações de racismo vividas pelos estudantes negros, além da ausência de conteúdos e currículo que abordem a temática étnico-racial e outras representações negras.

Focando nas perguntas aos grupos de intérpretes negros, iremos nos atentar nas questões relacionadas diretamente a vestimenta. No artigo, o autor apresenta como as representações negativas na mídia influenciaram nas escolhas de vestimenta de intérpretes negros de ASL.

O estudo trouxe depoimentos de intérpretes negros estadunidenses que apontaram como o *mito da camisa preta* afetou ou afeta suas práticas profissionais, além de outras questões subjetivas. Realizaram-se dois momentos de discussão em grupo focal, nos quais foram aplicadas dez perguntas a dez participantes, visando compreender suas experiências e percepções acerca do uso de determinadas vestimentas no exercício da interpretação. As perguntas foram: como me tornei intérprete: Introdução à área;

a) como você aprendeu a se vestir *adequadamente* para uma tarefa?;

- b) programa de formação de intérpretes;
- c) vestindo preto;
- d) dois pesos e duas medidas;
- e) ser melhor do que bom;
- f) qual é a aparência de um intérprete profissional de ASL-Inglês?;
- g) uma mudança geracional no campo;
- h) seguidor de regras ou rebelde;
- i) espaço seguro.

Iremos apontar algumas das respostas que apresentam de forma direta a questão das vestimentas e apresentar as conclusões do autor sobre esse tema:

Você aprendia o que vestir e o que era apropriado, não podia usar roupa de brincar na igreja, nem roupa da escola. Vestir-se de forma apresentável e apropriada era algo muito enfatizado em nossa família.

Todos os meus professores eram brancos, todos eles, tipo, 100%. Lembro-me de ter ouvido que a maioria dos intérpretes precisa usar preto, mas que existem algumas exceções. E eu queria mais informações sobre a exceção porque eu sou a exceção, e essa informação não foi realmente fornecida na época, então tive que obtê-la de outros profissionais negros.

Disseram-me que eu deveria interpretar com a pele bronzeada; estou aqui para dizer que, quando a luz bate em mim, não fica bem. Eu penso: não... isso não funciona para mim. Mas eles presumem que todos os intérpretes negros têm o mesmo tom de pele.

Será que algumas populações são treinadas para ver pessoas de uma determinada cor de pele? Quando essa cor específica não é representada diante delas, independentemente da cor da pele que tenham, isso pode ser um problema. Elas estão acostumadas a ver intérpretes de preto. Quando você aparece com uma cor diferente, sabe como isso as confunde.

Eu também internalizei a minha própria cor de pele nos Estados Unidos, sabe? E então percebi que, bem, eu não sou de pele escura; eu sei que minha pigmentação é mais clara, então preciso usar tons mais claros, em vez de tons mais escuros. Sabe? Então eu não posso usar rosa claro, bege ou amarelo pastel, sabe? Foi assim que minha mente processou as coisas, então eu simplesmente pensei: *Ah, ok...*

Preciso de cores mais escuras, quando na verdade, acredito que posso brincar muito mais com as cores.

A mesma participante mencionou como esse sistema de profissionalismo e contraste foi imposto à mente dos intérpretes. As limitações de vestimenta para intérpretes pretos e pardos, em particular, os colocam em uma situação sem muita liberdade de escolha.

Eu fui doutrinada, sabe, mentalmente, por esse sistema de cores de roupas, e por isso não consegui me libertar disso.

Vestir preto era uma forma de querer ser aceito ou aprovado e também de me sentir confortável.
Originalmente, a cor preta em nossa área está associada ao profissionalismo, então se você vier com qualquer outra cor, você não estará sendo profissional.
Eu visto o que eu quero e não deixo ninguém me dizer o que fica bem ou não.
Sempre achei que o contraste do preto não funciona para mim. Nunca trabalhei de preto. Sempre trabalhei com tons suaves de rosa, amarelo e cores pálidas. Como eu disse, a maioria das jaquetas que uso para interpretar são de um lindo laranja queimado, que cria um ótimo contraste para mim.
‘Espero que vocês usem aquele rosa de novo’. Quer dizer, descobrimos que eles adoraram. A comunidade surda negra adorou porque disseram que estavam cansados de ver intérpretes de preto. Parece que vocês estão sempre tristes indo a um funeral.
Para mim, traje profissional é sempre camisa para dentro da calça. Se for um evento importante, então é terno. Sempre, sempre. Se for um dia casual, se for sexta-feira, você pode me ver de calça jeans, mas ainda com uma camisa de colarinho, com um visual profissional, ou um suéter bonito que contraste com o meu tom de pele.
Você ainda precisa ser você mesmo, então você ainda tem seu estilo individual.
Também quero honrar meu próprio estilo, meu próprio talento e apresentar a minha melhor versão para acesso.

Como conclusão, o autor reforça que o estudo contribui para a ampliação da literatura sobre as experiências e como os próprios intérpretes negros, *pretos e pardos*, relatam suas perspectivas na atuação da ASL/Inglês, os desafios, as concepções, os conflitos e as decisões que tomam frente aos dilemas estéticos da profissão. A pesquisa também incentiva o engajamento de pesquisadores negros para investigarem temas outros ou semelhantes, afim de uma ampliação na diversidade de temas que podem afetar ou já afetam sujeitos em suas práticas laborais.

Um segundo artigo intitulado *Resiliency: Experiences of African American/Black Sign Language Interpreters*, nos ajuda a compreender a realidade profissional de TILS norte americanos é o estudo de intérpretes de *American Sign Language - ASL* (SATCHELL; McDERMID; TOTTEN; YARBOROUGH, 2022). O estudo se propôs realizar entrevistas com 80 intérpretes negros, foram realizadas

sessões de grupos focais com 23 participantes, o foco do estudo era compreender como intérpretes negros lidavam com o racismo e com o conceito de resiliência.

A pesquisa se concentrou na crença de que intérpretes desenvolvem capacidades de superar os desafios enfrentados no espaço profissional e pessoal, para isso o estudo dividiu o conceito de resiliência em cinco partes, a resiliência: emocional, cognitiva, espiritual, profissional e física (SHAW, 2019 *apud* SATCHELL; McDERMID; TOTTEN; YARBOROUGH, 2022).

As perguntas presentes na pesquisa:

- a) Qual foi a experiência dos participantes ao trabalhar com colegas e consumidores?
- b) Quanta informação sobre a Língua de Sinais Americana Negra foi ensinada ou é conhecida pelos participantes deste estudo? estudar?
- c) Que apoios ou estratégias para o sucesso desenvolveram como intérpretes de língua gestual?

Para ilustrar, a pesquisadora selecionou algumas falas das entrevistadas que apresentam a discussão racial na realidade de intérpretes negros nos Estados Unidos da América:

Gayle conheceu outra intérprete afro-americana/negra, ela disse: É como unicórnios negros (risos)
Helen ficou chateada com <i>microagressões</i> e comportamentos agressivos como <i>você sabe, tocar no cabelo</i> ou comentários sobre seu cabelo. Mais tarde, ela compartilhou: <i>Eles simplesmente não têm ideia da nossa experiência.</i>
Muitas vezes... a pessoa branca aqui... não está realmente... te apoiando... por algum motivo. Pode ser porque sua habilidade é melhor que a dela. E você sabe, ei, se você entrar no lugar dela, ela fica sem emprego...
Gayle achava que alguns ignoravam questões raciais, o que ela caracterizou usando o sinal de <i>encobrimento</i> e dizendo: <i>O que é mais... [ENCOBRIR]</i> e continuou dizendo que alguns intérpretes brancos disseram: <i>Ah, nós não vemos cor.</i>
Helen ficou chateada com <i>microagressões</i> e comportamentos agressivos como <i>você sabe, tocar no cabelo</i> ou comentários sobre seu cabelo. Mais tarde, ela compartilhou: <i>Eles simplesmente não têm ideia da nossa experiência.</i>

Ela também compartilhou que alguns podem ter tido a atitude de *Ah, eu não sei se ela sabe sinalizar. Especialmente aqueles que nunca me conheceram.*

Então, acho que meus colegas brancos têm essa vantagem... porque todos eles têm a mesma aparência e se conectam mais facilmente do que um intérprete negro entrando em uma sala. Ilene comentou sobre como os intérpretes brancos interagem de forma mais informal entre si e talvez parecessem mais *descontraídos* do que ela. Ela acrescentou: *Não sou rígida, mas simplesmente não nos comportamos da mesma maneira, sabe, no mesmo ambiente. Não podemos.*

Helen explicou que, em sua experiência, *acho que uma coisa que também aprendi é que... muitas vezes, meus colegas brancos acabam alcançando seus objetivos mais rapidamente do que meus colegas negros, indígenas e de outras minorias étnicas, porque têm as redes de contatos certas.*

Como conclusão, foi identificado que intérpretes negros enfrentam muitos obstáculos, situações de isolamento, racismo e não reconhecimento, recebendo apoio de pessoas externas à comunidade surda para se manterem na profissão.

Os dilemas e conflitos sobre a vestimenta profissional, estética e a questão étnico-racial está presente na área da tradução e interpretação de línguas de sinais como um todo, denunciando a necessidade de enfrentamento a essa temática e exercer a escuta de intérpretes que estão demonstrando conflitos ou dissonância com o campo. A natureza da profissão é coletiva, sendo necessário um movimento de repensar as práticas, normativas, mas sobretudo as narrativas que movimentam as crenças desses profissionais.



BOA ME NA ME MMOA WO

Este símbolo adinkra significa cooperação e interdependência, sendo frequentemente associado ao ditado "a mão esquerda lava a direita e a direita lava a esquerda" que demonstra como existem conexões que se conectam de diferentes formas e são indissociáveis entre si (SILVA, p. 48). Neste capítulo, explicitamos as questões da interseccionalidade no campo dos Estudos Surdos na relação dos TILS, apresentando o mito da camisa preta neste contexto de relações que se interpelam e influenciam umas nas outras.

Interseccionalidade

A *interseccionalidade* é um conceito que se popularizou no início do século XXI, sendo considerado uma ferramenta analítica fundamental para a compreensão das realidades sociais, na tentativa de transformação dessas realidades e de seus conflitos. O termo foi se popularizando ao longo dos anos, colaborando para as reflexões de intelectuais, pesquisadores e da população em geral, sendo utilizado em espaços políticos, sociais e acadêmicos

Carla Akotirene (2019) apresenta o conceito como um meio de instrumentalidade teórico-metodológico, uma ferramenta que exemplifica como o racismo, capitalismo e o patriarcado cisgênero são categorias indissociáveis. A autora cita Kimberlé Crenshaw, a intelectual que cunhou o termo e o define como um meio de se enxergar o encontro de estruturas e identidade.

As pessoas podem definir *interseccionalidade* de diferentes formas, a partir de suas vivências, realidades, dilemas e conflitos sociais na realidade do dia-a-dia, mas podemos compreender o termo como:

Um meio de investigar como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras- são inter-relacionais e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p.15).

A interseccionalidade é uma das formas de compreender e explicar as ramificações complexas das relações sociais, colaborando para *encontrar caminhos* para lidar com problemas sociais. O termo é mobilizado como um instrumento analítico para analisar a complexidade das relações sociais, partindo da ideia de que a vida em sociedade é composta por múltiplas categorias segmentadas *como raça, gênero, classe, entre outras* que não operam de forma isolada.

A utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica permite evidenciar aspectos importantes ao olhar para as narrativas e as práticas tradutórias, na medida em que possibilita identificar a existência de um mito que entra em conflito com as práticas de sujeitos que se compreendem e se constituem a partir de outras categorias identitárias.

É por meio da interseccionalidade que podemos analisar as relações de poder e a aderência do discurso do mito da camisa preta, e seu conjunto de significados, nas práticas de TILS ao longo da história da tradução em LS. Podemos fazer uso da interseccionalidade para identificar quais foram os momentos ou ações cruciais que

explicitaram as relações de poder no campo da tradução e interpretação em LS, as quais criaram ou colaboraram para a manutenção de um discurso que posiciona a profissão de TILS como uma ação nobre, mas que foi construída a partir de uma concepção de cunho religioso, com resquícios conservadores nos tempos atuais.

A interseccionalidade nos permite identificar que as relações de poder de *raça*, *gênero*, *classe* e *nacionalidade*, se *inter-relacionam* também com a *cultura* e a *linguagem*. Neste sentido, pensar os discursos que fundaram o *mito da camisa preta* é desnudar a ramificação das interfaces complexas que perpassam os sujeitos que atuam como TILS.

Cida Bento (2022) apresenta o conceito de Edith Piza denominado *lacuna moral*, o qual se manifesta nas relações de dominação e na constituição da branquitude. Tal conceito refere-se a uma consciência da usurpação que está na base da vivência do privilégio, sem que essa consciência produza deslocamentos ou alterações no posicionamento do usurpador.

A comunidade surda possui, em sua trajetória histórica, experiências marcadas por rejeições, lutas, vitórias e conquistas. A religião, a partir de sua proposta de igualdade e salvação, foi a instituição que assumiu como compromisso o acolhimento e a educação das pessoas surdas. Trata-se de um grupo cultural que, em diferentes momentos da história, foi rejeitado e cuja condição de *diferença* e de *não familiaridade* foi sendo disseminada no imaginário social de forma negativa, posicionando as comunidades surdas como sujeitos distantes e socialmente apartados.

Nesse cenário, observa-se uma rejeição humana inicialmente operada pela sociedade, na qual ocorre a violação da afeição humana em relação às comunidades surdas. A religião, por sua vez, atua no sentido de restituir essa violação ao acolhê-las, a igreja assume, assim, uma posição de inclusão das pessoas surdas, promovendo aproximação e oferecendo um ambiente no qual o senso psicológico de pertencimento se desenvolve em consonância com os preceitos religiosos da instituição, estabelecendo-se, desse modo, um compromisso moral do sujeito para com ela.

Nesse contexto, as relações irão se desenvolver como em qualquer núcleo de uma sociedade, as relações de poder irão se estabelecer de diferentes formas entre os diferentes grupos sociais, raciais, de gênero, de nacionalidade, linguístico, etário e cultural. Dessa forma, o que acontece nas grandes sociedades acontece nas micros sociedades, e é possível perceber como as relações de poder em relação a interpretes negros e interpretes brancos se organizam.

É nesse sentido que o conceito de *lacuna moral* se aplica, a invisibilização ou apagamento da existência dos considerados *não aptos* para estarem em posições ou

espaços de prestígio, o campo profissional é o lugar que expõe tensões como essa, e que em tempos atuais invertem essa lógica, mobilizando os sujeitos e as posições, lugares que antes eram majoritariamente ocupados por pessoas brancas há alguns anos vem sendo ocupado por pessoas negras e a diversidade como um todo se amplia (BENTO, 2022, p.75).

Dessa maneira, é possível identificar como as relações de poder que envolvem intérpretes no campo da tradução e interpretação em LS, influenciam a construção de uma narrativa que favorece e confere maior visibilidade aos intérpretes brancos, a partir dos registros produzidos, ao mesmo tempo em que promove processos de invisibilização de intérpretes negros.

É nesse sentido que o conceito de *lacuna moral* se mostra pertinente para compreender os processos de invisibilização ou apagamento da existência daqueles considerados não aptos a ocupar posições ou espaços de prestígio.

O campo profissional configura-se como um espaço em que tensões dessa natureza se tornam evidentes e que, em contextos mais recentes, têm apresentado movimentos de inversão dessa lógica, mobilizando sujeitos, posições e lugares. Espaços que, até alguns anos atrás, eram majoritariamente ocupados por pessoas brancas passam a ser progressivamente ocupados por pessoas negras e por expressões diversas da diversidade social (BENTO, 2022, p.75).

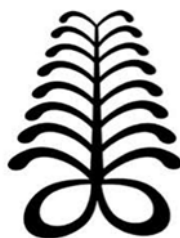
Nesse contexto, a branquitude se posiciona como detentores do poder nessa conjuntura, uma vez que, o branco é historicamente visto como aquele que possui a autoridade para organizar o grupo social, estruturar narrativas e manejar elementos sociais, de modo a constituir uma ordem que atenda ao que considera necessário para sua própria manutenção. No campo da surdez, a branquitude é compreendida como aquela que detém o poder de catequizar, educar, orientar, direcionar e apresentar o mundo dos ouvintes aos surdos, mobilizando formações, discursos, mitos, crenças e comportamentos a serem incorporados e perpetuados por essas pessoas.

Tal estruturação de elementos opera no sentido de preservar os interesses da branquitude que ocupam posições de poder, ao mesmo tempo em que distancia aqueles considerados diferentes, os não iguais, os quais são colocados em posições de ameaça e submetidos a processos de silenciamento social, existencial e profissional.

A questão discutida pela pesquisadora não consiste em negar totalmente o uso da vestimenta preta como expressão de insatisfação ou de recusa; ao contrário, o *mito da camisa preta* configura-se como uma IMAGEM AGENTE para discutir o que

vem sendo considerado padrão e comum para um conjunto de profissionais, elegendo os sujeitos brancos como base exemplar, modelo e matriz de conhecimento, e posicionando dos demais grupos como secundários.

É na inversão da lógica da branquitude que intérpretes negros vêm questionando as narrativas e construindo outras, esse movimento de inversão e questionamento é importante. Pois é no compartilhamento de experiências com os pares, em encontros e eventos profissionais e produções acadêmicas, sociais e culturais que intérpretes negros passam a narrar suas histórias, incentivando outras narrativas e outras práticas profissionais.



AYA

O símbolo Adinkra Aya é descrito como uma folha da planta samambaia, seu significado é de que por mais que sejamos lidos como frágeis ou delicados ela é uma planta resistente, como o tema deste próximo capítulo, por mais que a comunidade negra seja lida, nomeada ou lhe atribuído ao longo da história diferentes significados a partir do outro, ainda sim nos voltamos à comunidade negra, à nossa ancestralidade, aos nossos preceitos circulares, ainda sim esta comunidade resiste. Da mesma forma a comunidade Negra Surda, com suas especificidades interseccionais como diversos outros grupos sociais, mas permanecem resistindo e existindo (WILLIS, 1998, p. 83 apud SILVA p. 40).

Negros Surdos

No campo dos Estudos Surdos, a *interseccionalidade* é utilizada como ferramenta analítica para compreender como as relações de poder se mantêm e se reproduzem, considerando que os marcadores de poder podem ser, também, corpóreos e linguísticos. Torna-se imprescindível o uso desse conceito para identificar as inter-conexões que atravessam as comunidades negras surdas envolvendo, além da questão étnica, marcadores de gênero, surdez, faixa etária, escolaridade e classe social.

No contexto das comunidades surdas, a interseccionalidade pode ser compreendida como um instrumento de reflexão e de identificação de elementos

que compõem estruturas sociais muitas vezes desiguais, as quais colocam determinados grupos em situações de inferioridade social ou de desamparo institucional.

De acordo com Francisco José Roma Buzar (2012, p.52), um dos marcos fundamentais da história dos Estudos Surdos evidencia uma manifestação significativa das relações de poder nesse campo, caracterizada pela imposição da língua oral como meio linguístico legítimo em detrimento das LS, que foram sistematicamente deslegitimadoras.

Ao refletir sobre a conjuntura social a partir de uma perspectiva interseccional, identifica-se que as pessoas surdas estão submetidas a um olhar marginalizante por parte da sociedade, que frequentemente desconsidera a surdez como diferença linguística e cultural, impondo sobre esses sujeitos um olhar de inferiorização. No entanto, não é possível generalizar as comunidades surdas, uma vez que o movimento surdo é composto por diversos grupos identitários que têm a surdez como um ponto comum de aproximação, ainda que vivenciem experiências distintas.

Para pensar a organização da interseccionalidade, pode-se recorrer a uma metáfora explicativa. Imaginemos uma rede de pesca composta por um conjunto de fios dispostos separadamente de forma geométrica, mas que, em determinados pontos, se encontram, esses espaços separados podem ser compreendidos como as experiências e particularidades específicas dos sujeitos, enquanto os fios que se encontram e formam os nós representam as semelhanças compartilhadas com outras pessoas. Nesse caso, tais semelhanças correspondem a experiências relacionadas à etnia, religião, origem nacional, gênero, orientação sexual, classe social, idade e espaço geográfico.

É nesse campo de diversidade que as experiências se constituem de acordo com as relações de poder estabelecidas em determinada sociedade. Quando se trata das comunidades surdas, é possível compreender essa ramificação de aproximações e distanciamentos a partir das relações de poder que também se fazem presentes no interior dessas comunidades.

No campo das relações de poder, os conflitos e desafios vivenciados pelos grupos sociais na sociedade manifestam-se de forma específica em cada grupo. As pessoas surdas organizam-se internamente enquanto comunidade surda, distinta da comunidade ouvinte, mas, ao mesmo tempo, constituem-se movimentos de subgrupos que defendem questões comuns.

Neste trabalho, estabelece-se diálogo com o movimento dos negros surdos, subgrupo que tem como luta compartilhada a promoção de discussões sobre as experiências que esse grupo vivencia e a necessidade de visibilização de suas existências e demandas. Para a autora que deu origem ao termo *interseccionalidade*, o mesmo tem relação com uma ramificação de marcadores:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são 'diferenças que fazem diferença' na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p.173).

As experiências vividas por mulheres negras surdas e por mulheres surdas brancas influenciam trajetórias de vida profundamente distintas. Ainda que ambas possam compartilhar marcadores como por exemplo serem mulheres, cisgênero, brasileiras, católicas e paulistas, suas experiências e suas relações com o mundo diferem significativamente quando comparadas à vivências de mulheres LGBTQIAPN+, nordestinas, periféricas, brasileiras e com deficiência.

O conjunto de aspectos que compõem e caracterizam determinada pessoa atravessa simultaneamente suas experiências de vida e de mundo nas relações de poder estabelecidas na sociedade. Nesse sentido, a interseccionalidade contribui para a compreensão dessa conjuntura enquanto complexa e delicada. De acordo com Priscilla Leonnor Alencar Ferreira (2018), o termo adotado para se referir às pessoas pertencentes a esse movimento é *negro surdo*, nomenclatura que segue a lógica social de identificação que prioriza, primeiramente, o corpo racializado e, posteriormente, a surdez que não é passível de identificação visível.

O artista, poeta e ativista Edinho Carmo (2017) aborda essa questão em um vídeo divulgado em seu canal no YouTube, ao problematizar a nomenclatura adotada pelo movimento:

Essa nomenclatura está de acordo com a realidade social em que ela foi criada? É por isso que o movimento negro surdo acredita que, o que é percebido primeiro é o corpo negro e depois a questão auditiva, e claro, vemos uma dupla limitação (CARMO, 2017, 3min45s, tradução nossa).

Nesse contexto, Ferreira (2018) e Carmo (2017), ambos negros surdos, evidenciam a complexidade de uma categoria social constituída pelos marcadores raça e surdez como dimensões centrais, às quais se articulam gênero, idade, religião, nacionalidade de origem, orientação sexual e etnia, sendo todas essas dimensões atravessadas pelas relações de poder associadas à raça e à surdez.

Em decorrência das complexidades identificadas a partir de uma perspectiva interseccional do movimento negro surdo, observa-se que o negro surdo e, de forma ainda mais acentuada, a mulher negra surda acabam ocupando uma posição de não lugar na sociedade, o que evidencia a necessidade de debates mais aprofundados que contemplem essas categorias (CAMPOS; BENTO, 2022, p.8).

Essa temática vem sendo discutida ao longo dos anos por profissionais e intelectuais da área que se dedicam à discussão e ao compartilhamento de experiências. Um exemplo é o *Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo - CNISNS*, que, periodicamente, abre espaço para que diversos temas relacionados às experiências das pessoas negras surdas sejam debatidos de forma coletiva.

Uma iniciativa relevante foi o Curso de Extensão *Em Pretas Mãos: a constituição dos sinais e o contexto étnico-racial brasileiro*, projeto desenvolvido por intelectuais da *Universidade Federal da Bahia - UFBA*, que se propôs a discutir temas relacionados à questão étnico-racial no ano de 2018. No curso de Letras Libras EaD da *Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC*, foi realizado o evento *Letramento Racial – Comunidade Surda*, uma série de Lives com convidados que debatiam temas relacionados às questões étnico-raciais e o movimento negro surdo e TILS negros.

Na *Universidade Federal de São Carlos - UFSCar*, em 2016, ocorreu o Projeto de Extensão *Abayomi* proposto pelo grupo de estudos *Mídias Afro*, iniciativa liderada pela pesquisadora, cujo objetivo era discutir aspectos técnicos da tradução em LS, considerando quem eram os tradutores, suas histórias, seus corpos e suas culturas. O projeto contou com a participação de Joyce Prado, cineasta negra, e de Daniele Ribeiro graduanda do curso de Imagem, que, no evento de encerramento do projeto, dedicaram-se a refletir sobre a presença negra e suas especificidades nos processos de captação de imagem, iluminação e edição no cinema, a partir de uma perspectiva social. Dessa experiência, surgiu o perfil no Instagram *AfroTILS*, que se propõe a fomentar discussões sobre questões étnico-raciais, o corpo negro, intérpretes negros e a surdez.

Este capítulo apresentou as categorias, raça e surdez, como componentes de um conjunto complexo de marcadores sociais que se interseccionam nas relações sociais. Em determinados momentos, essas relações de poder se reconfiguram de acordo com as dinâmicas sociais e com os deslocamentos e as formas de atuação desses agentes no contexto social.



NKYIMKYIM

Este símbolo adinkra se relaciona com o próximo capítulo, pois o corpo é compreendido como passível de se dominar, sendo educado a se comportar e a se moldar de acordo com o objetivo que se tem. O adinkra Nkyimkyim é composto por um caminho sinuoso, composto de torções e contorções e curvas, é um símbolo de resistência, adaptabilidade, demonstrando uma capacidade de suportar adversidades, exemplifica a resiliência e capacidade de mudar suas próprias atitudes com o objetivo de resolver algo (SILVA, p. 50).

Neste capítulo, apresentamos nossa compreensão acerca do corpo e de como essa concepção atravessa o fazer do tradutor e intérprete de língua de sinais. Parte-se do entendimento de que vivemos em um contexto histórico e social que ainda concebe o corpo atrelado à dicotomia radical entre corpo e mente, amplamente

difundida a partir do pensamento cartesiano. Tal perspectiva contrapõe-se a estudos e filosofias de matrizes africanas, que compreendem o corpo como território fundamental para a compreensão de si, do mundo e do outro.

Corpo

Neste capítulo, apresentamos nossa compreensão acerca do corpo e de como essa concepção atravessa o fazer do tradutor e intérprete de língua de sinais. Parte-se do entendimento de que vivemos em um contexto histórico e social que ainda concebe o corpo atrelado à dicotomia radical entre corpo e mente, amplamente difundida a partir do pensamento cartesiano. Tal perspectiva contrapõe-se a estudos e filosofias de matrizes africanas, que compreendem o corpo como território fundamental para a compreensão de si, do mundo e do outro.

Toda ação e prática social e cultural que desloca o corpo para uma determinada agência assegura que o resultado dessa ação será traduzido, performado e significado de acordo com o sentido atribuído pelo próprio sujeito. No campo da tradução e interpretação de línguas de sinais, a visualidade constitui um elemento fortemente associado à produção de sentido e significado. Contudo, não se pode reduzi-la exclusivamente ao aspecto visual, sob o risco de desconsiderar outras formas de perceber, compreender e significar o mundo.

O recorte racial mostra-se necessário, uma vez que, em um país cuja formação histórica é marcada pelo período da escravização e pela invasão violenta no contexto das navegações, persistem, ainda hoje, profundas dificuldades no reconhecimento das comunidades negras e de seus conhecimentos como legítimos. Nesse cenário, aproximam-se as questões étnico-raciais da construção da imagem profissional do TILS, na medida em que, no momento da gravação de um vídeo, o sujeito reflete sobre si no ato tradutório.

Esse processo envolve tanto aspectos técnicos, relacionados a equipamentos, fundo e iluminação, quanto aqueles vinculados à vestimenta e aos contrastes entre fundo, cor da pele e cabelos, estética, elementos que evidenciam a base da questão em discussão:

[...] mas sempre vivenciava a questão do preconceito. Eu usava black power naquela época e alguns contratantes perguntavam se eu não iria arrumar o cabelo para trabalhar”, lembra [...] E uma coisa que eu sempre digo é que, como intérprete de Libras, meu corpo preto é meu próprio instrumento de trabalho, então todos esses atravessamentos foram se acumulando (Cardoso, 2024).

Jéssica Cardoso (2024), em entrevista concedida na condição de tradutora e intérprete negra de Libras, fundadora da empresa *InterPrêta*, foi questionada acerca de experiências de racismo vivenciadas em sua atuação profissional. Em resposta, afirmou que sim e relatou um episódio envolvendo um contratante que, ao ver seu cabelo *Black Power*, questionou se ela não iria *arrumar o cabelo* para a realização do trabalho.

O relato de Jéssica Cardoso evidencia a circulação de práticas discursivas racistas que perpassam cotidianamente as relações profissionais, especialmente por se tratar de uma área que torna imprescindível visibilizar o corpo de quem enuncia. Quando esse corpo é um corpo negro, outras questões passam a atravessar e tensionar a atuação desse profissional.

Ao abordar a estética negra ou a imagem do corpo negro, faz-se referência às múltiplas formas de representação desse corpo, em geral marcadas pela presença de elementos visuais e estéticos que carregam significados culturais e subjetivos próprios das comunidades negras.

A estética configura-se como um dos mecanismos centrais por meio dos quais o sujeito se relaciona, interpreta e significa o mundo. Nesse contexto, a raça é compreendida como um dos principais eixos estruturantes das relações de organização e poder em sociedades nas quais determinados sinais diacríticos são mobilizados como marcadores de inferioridade, sobretudo a cor da pele e o cabelo (MERCER, 1994 *apud* GOMES, 2008 p.4).

Nilma Lino Gomes (2008), ao investigar os salões de beleza negra, aponta que o olhar social dirigido às pessoas negras evidencia esses espaços como locais de acolhimento, dilemas e conflitos produzidos pelo racismo. Para além dessas dimensões, a autora os compreendem também como espaços políticos e de resistência.

É no salão de beleza negra que a estética do corpo negro se politiza, promovendo a reconfiguração de discursos negativos introjetados por muitas pessoas negras, possibilitando a construção coletiva de um olhar de afirmação racial. O caso da TILS Jéssica Cardoso, que vivenciou a marginalização do cabelo *Black Power* em um contexto de trabalho, insere-se em um debate cada vez mais recorrente na área. Não existe uma estética padronizada que possa ser considerada neutra.

Frequentemente, aquilo que é interpretado como uma escolha individual ou como uma adaptação pessoal às exigências para o ingresso no mercado de trabalho revela-se, na realidade, como um comportamento imposto por agentes externos,

pertencentes ao grupo étnico-racial que detém a hegemonia na sociedade (GOMES, 2008, p.191).

O corpo pode ser compreendido como um signo marcador de dissimetrias sociais e de relações de poder. Sua potência reside na capacidade de introjetar conhecimentos, técnicas e comportamentos e difundi-los como valores, modos de vida e condutas a serem reproduzidas socialmente. Tal dinâmica manifesta-se, por exemplo, quando códigos de boas maneiras de uma determinada sociedade são assimilados e difundidos como valores associados à higiene, à distinção e à indiferença social. Esse processo posiciona sujeitos pertencentes a diferentes classes sociais e, especialmente, aqueles considerados diferentes, produzindo sentimentos de negação e vergonha do próprio corpo, bem como a rejeição do grupo étnico-racial ao qual pertencem (GOMES, 2008, p.235).

Nessa perspectiva, Leda Maria Martins (2025) compreende o corpo-tela como um dispositivo e condutor de conhecimento, um portal de conexão e memória, entendido como uma tela de grafias e de sintaxe composta por adereços, expansões espaciais e ritmo, bem como por sua percepção enquanto dêixis. Tais elementos são atravessados por uma corporeidade constitutiva que encontra no próprio corpo sua tela de expressão.

A autora afirma que o corpo-tela é o corpo-imagem, atribuindo a esse corpo, para além da visão, outros sentidos e percepções. Visão e sonoridade encontram-se intrinsecamente interligadas, conduzindo à compreensão de que o corpo-imagem precisa ser visto e escutado. A escuta das imagens configura-se, assim, como uma das vias de acesso a universos nos quais movimentos, sons, luzes e aromas adquirem cores, sabores, texturas, paisagens e saberes (MARTINS, 2025, p.78).

O corpo, seus movimentos e performances enquanto terreno de saberes, não sendo perpetuado como um veículo biológico, mas como um território que permite diferentes formas de inscrições do sujeito no mundo:

O corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafado na memória do gesto. Performar, nesse sentido, significa inscrever, repetir transcribendo, revisando, e representa “uma forma de conhecimento potencialmente alternativa e contestatória”. A memória dos saberes dissemina-se por inúmeros atos de performance, um mais-além do registro gravado pela letra alfabética; por via da performance corporal — movimentos, gestos, danças, mímica, dramatizações, cerimônias de celebração, rituais etc. — a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural. Assim, no âmbito das oralidades, o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória, “um lugar de transferência, [...] um espelho que contém o olhar do observador e o objeto do olhar,

mutuamente refletindo-se um sobre o outro” (MARTINS, 2025, p.130).

O corpo significa e é significado nas relações, na performance e no movimento da sinalização, da gestualidade e das expressões faciais; é na ondulação dos dedos e no performar do corpo, interpretando, dançando, cantando, e que a visualidade do corpo possível é construída na memória. O corpo-tela articula-se com a imagem material e mental; fundo, superfície, iluminação e adereços permitem uma experiência da imagem que se consolida no corpo, não se resumindo apenas à sua condição icônica, que se fixa na retina, mas expandindo-se como imagem mental, fixando-se em LOCAIS interiores de nossa mente-corpo.

Quando estamos no processo de conhecer algo novo, antes nunca visto ou nunca imaginado, em nosso primeiro contato com esse algo, buscamos compreender como funciona e como se comporta, a fim de elaborar mentalmente que esse algo realiza determinada ação e se comporta de certa forma, para então ser fixado em nossa memória. Assim, podemos afirmar que ocorre o mesmo com as imagens que assimilamos.

Existem dois tipos de memória que nos constituem: a memória natural e a memória artificial. Quando nos referimos à memória natural, trata-se daquela que surge conjuntamente com o pensamento e está inserida em nossas mentes desde o nascimento. Já a memória artificial é aquela que utilizamos para fixar e aperfeiçoar as qualidades naturais, por meio de método, sendo fortalecida e conduzida pelo ensinamento da razão (ALMEIDA, 1999, p.67).

Quando falamos de memória artificial, estamos tratando de LOCAIS e IMAGENS, em que os LOCAIS funcionam como fundações mentais, espaços, casas ou áreas mentais que servem de abrigo para que as imagens sejam fixadas. As IMAGENS, por sua vez, são formas, representações ou sinais daquilo que precisamos lembrar. Algo importante a destacar é que os LOCAIS são fixos em nossas mentes, enquanto as IMAGENS ganham forma e fixidez de acordo com sua aderência na mente e com sua função referencial; caso não sejam mais necessárias, podem ser descartadas ou substituídas por outra IMAGEM.

Nesse sentido, podemos afirmar que o corpo negro foi inserido em um sistema de marginalização estética, no qual a estrutura se configurou como um aprisionamento do corpo-imagem e de seus conhecimentos visuais em um LOCAL do não-ser, em que o corpo-tela-negro, o corpo-imagem-negro, é fixado em um

LOCAL que significa essa IMAGEM como perigosa e hipersexualizada, marginalizando esses corpos e suas experiências.

Para compreender como as imagens são construídas e inseridas em determinados LOCAIS da memória social, Maria Aparecida da Silva Bento (2022) analisa as narrativas que desconsideram a pluralidade, examinando os modos pelos quais tais narrativas são produzidas na sociedade e como, nesse processo, a presença e as contribuições negras são sistematicamente invisibilizadas.

A autora discorre sobre a homogeneidade e a uniformidade assumidas pela branquitude, bem como sobre a cumplicidade não explicitada entre pessoas brancas. Essa cumplicidade atravessa os aspectos estéticos que definem quem pode ou não ser aceito dentro dos parâmetros socialmente delineados pela própria branquitude.

Esse pacto constitui um dos elementos fundantes da forma como as pessoas negras foram e continuam sendo interpretadas pela sociedade. O componente narcísico e a lógica da autopreservação posicionaram o negro como uma ameaça ao branco. Nos conceitos mentais de Almeida (1999), a branquitude construiu a narrativa do *negro perigoso*, fixando esse discurso na memória artificial das pessoas, imagens de pessoas negras associadas à periculosidade, à violência, ao excesso, à feiura e à inferioridade.

Observa-se, portanto, a existência permanente de uma disputa de narrativas, marcada por lutas de poder em torno da visibilização de outras perspectivas, no entanto, uma determinada matriz narrativa adquiriu maior força e predominância nesse embate. O corpo configura-se como um dos principais mecanismos mobilizados nesse jogo de poder, operando como eixo central de manipulação de narrativas que tensionam e estruturam a organização social.

João Petronílio (2024, p.76) apresenta o corpo enquanto território, verbo e movimento a partir de *Exu*, signo cultural que faz parte de um complexo sistema representativo que compreende o corpo negro diaspórico como outra cosmovisão de sua *vicissitude civilizatória*. Para o autor, o corpo constrói a si mesmo e ao mundo utilizando como meio dessa construção sua própria existência em movimento, trazendo circularidade como diálogo contínuo da relação desse corpo

com o mundo. Nesse sentido, o TILS se movimenta, movimenta seu corpo na construção dos sentidos que dançam no ar materializados em sinais e que assenta nesse corpo-imagem, corpo que ecoa, narra e espelha esse corpo-história para esse público surdo:

É importante destacar que as cosmogonias dinamizadas pelos povos africanos e indígenas compreendem o mundo com uma perspectiva de ciclicidade e continuidades – vida-morte-vida – sendo o corpo-sujeito parte do TODO. Cosmogonia, que se difere do pensamento colonial, instaurado pela modernidade que compreende o mundo a partir de perspectivas de dominação, exploração e fim – vida-morte fim. Portanto, olhar para as performatividades de *Exus* e *Pombagiras* é também compreender a vida como um território de infinitudes (vida morte-vida) e, dessa maneira, encontrar com uma perspectiva ancestral que dar-se-á no tempo-espço do agora. Aqui, a morte não empecilho para seguir dançando (PETRONÍLIO, 2024, p.86).

O corpo não pode ser compreendido como um mundo a partir de uma visão de dominação, como o autor nos alerta, ao contrário, nos chama atenção para um corpo que faz parte de uma ciclicidade contínua em que o movimento da vida é vida-morte-vida, em que a vida seria um território de infinitudes e o corpo seria um corpo-limiar, que de acordo com Renata Lima Silva (*apud* 2010 p. 5) um corpo em situação de movimento em uma performance ritual, estando no devir presente-passado remodela identificações corporais herdadas de um processo histórico de *fuga e dobra de poder*, representada culturalmente dos banto no Brasil.

Esse corpo-imagem se significa em diferentes linguagens, CAJOTA (2025, p.39) poetiza que o corpo é o lugar onde a teoria se torna gesto, movimento e esse gesto se torna revolução, tornando-se poético aos olhos e ouvidos de quem sonha em existir. Em seu trabalho, a ideia difundida de um corpo segmentado em áreas do conhecimento é ilógico e afirma que o pensar é um ato corporal, o dançar é teorizar e escrever é gestual e reafirma que nós sempre soubemos. *Danço, logo resisto. Canto, logo invento futuros. Sangro, logo provo que estou vivo.*

Nesse sentido, o autor entende que nosso corpo é encruzilhada, que a ancestralidade é uma das vias que cruzam esse corpo-tela, e quando retomamos as práticas de TILS esse corpo encruzilhada compreende que as intersecções entre as

questões étnico-raciais, gênero, sociais, culturais e linguísticas irão se interseccionar de diferentes formas.

Quando uma TILS negra, aparece para sinalizar no palco em um evento, seu corpo apresenta para esse público um conjunto de narrativas que são ditas visualmente, seu cabelo, a escolha da roupa, acessórios, o calçado, a maquiagem e os comportamentos irão comunicar quem é essa TILS e seus posicionamentos. Essas escolhas ou caminhos irão ser moldados de acordo com o peso da influência que essas regras sociais e comportamentos éticos previstos no regimento profissional têm sobre sua escolha.

No caso das LS a invisibilidade de tradutores e intérpretes negros pode ter acontecido em uma escala ainda mais ampla e profunda, pois esse profissional tem como línguas de atuação, línguas orais e as línguas visuais espaciais de sinais. Este movimento e circulação de informações e contato entre pessoas surdas e pessoas ouvintes, foi e é permeada principalmente pelo corpo visual desse intérprete, que historicamente já suscita questionamentos como, onde estariam os intérpretes negros.

No caso de TILS, a visibilização se faz necessária para realizar sua função comunicativa, se tornando visível para comunidade surda. Este profissional é compreendido por natureza como um trabalho que envolve uma habilidade corporal que, é racializada e generificada, moldando o campo de forma significativa (Bontempo, Napier, Hayes e Brashear, 2014; Litosseliti e Leadbeater, 2013; MacDougall, 2012; McCartney, 2016 *apud* WOODALL-GREENE; BAILEY, 2025).

O campo da tradução interpretação de línguas de sinais tem como histórico a segmentação do corpo, sendo visto como recipiente de trabalho, sem considerar a relação corpo-mente, influenciando em como esses intérpretes irão desempenhar seu trabalho, colocando o profissional em uma posição de contínuas lesões e situações que sua subjetividade não é considerada (ELLINGSON, 2017 *apud* WOODALL-GREENE; BAILEY, 2025).

É importante chamar a atenção de que os corpos dos intérpretes não podem ser considerados como recipientes individuais, mas como sujeitos que fazem parte de uma rede de inter-relações. A comunicação nesse caso é visivelmente incorporada, o corpo ocupa o espaço, se posiciona em espaços de poder, em que o

corpo do intérprete seria o elo essencial na tradução, seja de sinais ou oral, logo se o corpo não consegue se comunicar de forma que os membros da comunidade precisam, a visão sobre aquele corpo pode mudar (WOODALL-GREENE; BAILEY, 2025, p.9).

Nesse sentido, os autores compreendem que o corpo não é e não pode ser considerado como um instrumento, mas é necessário compreendê-lo enquanto um corpo representativo e vivido, que atua nas situações de comunicação, suscetível a mudanças que as situações interpretativas o colocam. O intérprete vem com sua bagagem de vida, estilos de vida, personalidades, filosofias, conhecimentos que em sua maioria são desconsiderados e desqualificados pelo outro.

Lee (2015) explicita que o olhar racializado, generificado e coisificado dos intérpretes acaba moldando as interações comunicacionais, sendo necessário compreender o corpo como um corpo holístico, um corpo que tem como formação diferentes aspectos físicos e intelectuais. Dessa forma, quando falamos do intérprete de LS como uma profissão de busca constante da neutralidade, essa busca e esforço por uma tradução exata do discurso coloca esse corpo como um instrumento, distanciando-o da humanidade.

Para finalizar o capítulo, quando falamos do corpo destes TILS, estamos mobilizando uma rede de conceitos e intelectuais que nos apresentam, como e quais corpos foram e ainda estão sendo mobilizados, de acordo com os interesses dos que detém a narrativa atual de dominação sobre o outro. A narrativa do racismo tem como mecanismo, fixar na mente da sociedade, IMAGENS AGENTES de pessoas negras em diferentes composições e elementos visuais lidos como distintos, exóticos, perigosos, em inseri-las em LOCAL da mente de ameaça, em que essas IMAGENS AGENTES serão sempre retomadas como imagens modelos ou imagens de referência à determinada pessoa, grupo social ou coisa.



DWENNIMMEN

Este capítulo tem início com o símbolo Adinkra Dwennimmen, representado pelos chifres de carneiro, que simboliza força, do corpo, da mente e da alma, bem como humildade, sabedoria e aprendizagem. A escolha do Dwennimmen para este capítulo se justifica por seus ensinamentos acerca da importância da humildade aliada à sabedoria, bem como do reconhecimento das habilidades do corpo e da mente, desenvolvidas ao longo do tempo em um movimento espiralar. (SILVA, 2023, p.17).

O símbolo ilustra a compreensão do corpo que, embora possa ser analisado a partir de um viés biológico enquanto corpo físico, ultrapassa essa dimensão, configurando-se como um corpo dotado de mente corporificada, sensorial, que significa e é significado nas relações com seus interlocutores. No caso dos TILS, é por meio do corpo que os significados se constroem, tanto para o sujeito que o habita quanto para aqueles que o percebem. Neste capítulo, realizo um diálogo com as imagens encontradas pela pesquisadora, estabelecendo um olhar atento para os corpos de tradutoras e intérpretes diversos, com suas subjetividades e saberes inscritos na composição das imagens apresentadas a seguir.

Encontro das IMAGENS AGENTES

Registry of Interpreters for the Deaf – RID

Este capítulo dedica-se a apresentar *prints* de fotografias em movimento, oriundas de vídeos selecionados pela pesquisadora, bem como uma breve contextualização do percurso metodológico realizado para o encontro das IMAGENS AGENTES. Para tal, foram acessados e explorados os dois canais do

YouTube das instituições selecionadas, o *Registry of Interpreters for the Deaf - RID* e o *Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES*, com o objetivo de conhecer os vídeos disponibilizados e os sujeitos sinalizantes presentes nesses materiais audiovisuais.

Em seguida, procedeu-se à identificação dos vídeos que contavam com a presença de sinalizantes negros. Após essa identificação, tais vídeos foram selecionados, sendo excluídos aqueles em que os sinalizantes negros se apresentavam com vestimenta preta. A justificativa para a escolha exclusiva de vídeos que continham sinalizantes negros vestidos diferentes das indicadas, e não com vestimenta preta, consiste na intenção de compreender quem são essas pessoas e, por meio das narrativas que já atravessam a profissão, dialogar com suas imagens e presenças no campo da tradução e interpretação de Libras.

Foram realizados *prints* das fotografias em movimento, uma vez que o objetivo da análise é dialogar com o conjunto de elementos visuais apresentados nessas imagens, sobretudo no que se refere a quem são os sujeitos sinalizantes e à forma como se apresentam ao público surdo e ouvinte nos vídeos. Este capítulo propõe-se a realizar uma reflexão sobre a composição dos vídeos dos materiais audiovisuais selecionados.

O ponto central desta análise consiste em compreender os motivos pelos quais as fotografias em movimento foram identificadas enquanto IMAGENS AGENTES, possibilitando que o olhar lançado sobre elas se construa a partir de uma perspectiva dialógica, atenta aos sentidos mobilizados pelos elementos visuais organizados no espaço digital e aos efeitos que esses elementos produziram no olhar da pesquisadora.

O canal do YouTube do *RID* constitui-se como um espaço criado pela própria organização, com o objetivo de funcionar como um dos canais institucionais de comunicação com seus membros associados, por meio da língua de sinais. Logo, os vídeos publicados são exclusivamente produzidos por membros e pela presidência do RID, e seus conteúdos consistem em avisos, convites, atualizações de informações ou na divulgação de assuntos e documentos considerados relevantes para os membros da instituição.

Iniciaremos o diálogo com as IMAGENS AGENTES; será apresentada a imagem e, em seguida, a conversa e as conexões que emergiram a partir desse encontro.



Esta é Candace Jones, poetisa e educadora negra surda que foi convidada pelo *RID* para realizar em 2010 a produção do primeiro vídeo do canal, apresentando o *RID* e convidando a comunidade surda e de TILS à acompanhá-los. O print da fotografia em movimento foi considerado, pela pesquisadora, uma IMAGEM AGENTE, uma vez que foi o *RID*, instituição responsável pela organização do trabalho de TILS, bem como pela formação de profissionais em âmbito internacional, divulgou o primeiro vídeo institucional do canal com a presença de uma sinalizante negra surda com vestimentas dissonantes ao que se acredita como a vestimenta indicada. Tal vídeo carrega forte simbolismo e relevância por se tratar da primeira produção institucional da entidade.

Candace, ao aparecer com seu suéter salmão claro, colar marrom e brincos de argola, convoca-me ao diálogo e à reflexão, ao colocar-me diante de uma agente plenamente validada pelo movimento negro surdo de seu país. Trata-se de uma figura que ocupa uma posição relevante nessa comunidade, uma vez que não atua como tradutora e intérprete. Candace é poetisa, palestrante, apresentadora de programa, educadora, entre outras atividades, excetuando-se a atuação como

tradutora; ainda assim, foi convidada a realizar uma tradução para uma instituição responsável pela formação de intérpretes nos Estados Unidos da América.

Essa IMAGEM AGENTE mobiliza as discussões acerca da vestimenta preta desde 2010, período em que o referido canal foi inaugurado, bem como o código de ética vigente à época e as formas pelas quais a comunidade de TILS e de pessoas surdas compreenderam essa normativa. A presença de Candace coloca em pauta outras discussões, narrativas, corpos e modos de compreensão da ética, ampliando as possibilidades de leitura sobre as normas que regulam a área.

À época da postagem, ainda estava em vigor o Código de Ética de 1965 do RID, o qual orientava seus membros nos termos estabelecidos no artigo quinto, conforme segue:

CODE OF ETHICS

1. The interpreter shall be a person of high moral character, honest, conscientious, trustworthy, and of emotional maturity. He shall guard confidential information and not betray confidences which have been entrusted to him.

2. The interpreter shall maintain an impartial attitude during the course of his interpreting avoiding interjecting his own views unless he is asked to do so by a party involved.

3. The interpreter shall interpret faithfully and to the best of his ability, always conveying the thought, intent, and spirit of the speaker.

212-400-66—2

9

A primeira versão do Código de Ética do RID, publicada em 1965, era composta por doze princípios considerados éticos. Neste trabalho, dá-se ênfase ao quinto princípio, o qual orienta que o intérprete deve adotar uma maneira conservadora de se vestir, preservando a dignidade da profissão e evitando chamar atenção indevida para si. Trata-se de um item que, ao longo dos anos, tem sido objeto de debates e problematizações no campo da tradução e interpretação de LS (RID, 1965, p.9):

5. The interpreter shall adopt a conservative manner of dress upholding the dignity of the profession and not drawing undue attention to himself.

Em uma tradução livre *O intérprete deve adotar uma maneira conservadora de se vestir, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida para si mesmo*. Cokely (2000) faz uma revisão de Código de Ética elaborado pela RID sendo um documento que foi tido como modelo por vários programas e Códigos de Ética pelo país. Cokely apresenta que esse documento foi construído e propõe uma outra abordagem para ser adotada e refletida nas normativas presentes nele.

A orientação imperativa do texto mobiliza o termo *vestimenta conservadora*, sendo este o argumento utilizado por intérpretes negros de ASL/inglês ao compartilharem que a vestimenta socialmente convencionada como adequada corresponde à roupa preta. Nesse sentido, seu uso acaba por se consolidar como norma, evidenciando uma confluência entre o campo social e o campo acadêmico-profissional.

É nesse contexto que a discussão acerca do que é considerado conservador, comum ou exemplar interfere em todas as camadas da organização humana. Desse modo, torna-se possível perceber o viés de uma organização social edificada a partir dos preceitos da branquitude, a qual detém, como forma de poder, a liberdade silenciosa de estruturar discursos e de convencionar aspectos que privilegiam seus próprios interesses e características.



Em um segundo momento, Candace é novamente convidada, em 2023, para realizar a tradução do Código de Ética atualizado da instituição, originalmente publicado em 2005. Essa produção contou com sua presença e configura-se, para a pesquisadora, como uma afirmação de posicionamento de uma mulher negra surda, validada por seus pares, cujo corpo e imagem ecoam um discurso de compreensão acerca das formas pelas quais pode e deseja ser visualizada.

O ato de ser visualizada passa, ainda, pela preocupação de que seu corpo atenda a um conjunto de elementos que favoreçam sua visibilidade para pessoas surdas, levando em consideração, sobretudo, seu próprio corpo e sua subjetividade, marcadas pela experiência do corpo negro.

No canal da instituição, selecionamos outros sinalizantes que ocuparam uma posição importante no RID e que ao escolherem aparecer visualmente de determinadas formas, estão apresentando seus posicionamentos sobre o tema da pesquisa.



Este é Antonio Goodwin, na época era presidente da *National Alliance of Black Interpreters - NAOBI*⁶, produziu o vídeo publicado em 2011. Neste vídeo, Antonio introduz o tema da conferência da NAOBI que iria ocorrer naquele ano.

NAOBI foi fundada em 1987, seu objetivo é atender às necessidades de tradutores e intérpretes negros no campo das LS, atuando no recrutamento, criação de redes de contato, apoio moral, formação profissional e desenvolvimento intelectual por meio da pesquisa.



Este é o Dr. Glenn Anderson, vinculado ao programa de intérprete educacional da *University of Arkansas at Little Rock - UALR*, que produziu, em 2015, um vídeo cujo conteúdo tratava do Comitê de Certificação da *National Association of the Deaf - NAD-RID*, principal organização de defesa dos direitos civis das pessoas surdas nos Estados Unidos. Fundada em 1880, a instituição foi organizada por lideranças surdas com o objetivo de tratar de assuntos relevantes e garantir representação em âmbito nacional.

O Dr. Glenn, nessa IMAGEM AGENTE, constitui-se como uma referência importante, uma vez que apresenta marcadores sociais que mobilizam, de forma ainda mais significativa, a estrutura do Código de Ética. Ele se apresenta enquanto homem negro surdo, doutor e docente de uma universidade, com uma faixa etária

⁶ National Alliance of Black Interpreters – NAOBI é uma organização estadunidense que tem como objetivo estabelecer alianças e parcerias para fomentar o empoderamento e excelência profissional para tradutores e intérpretes negros da língua de sinais americana – ASL (NAOBI, 2025).

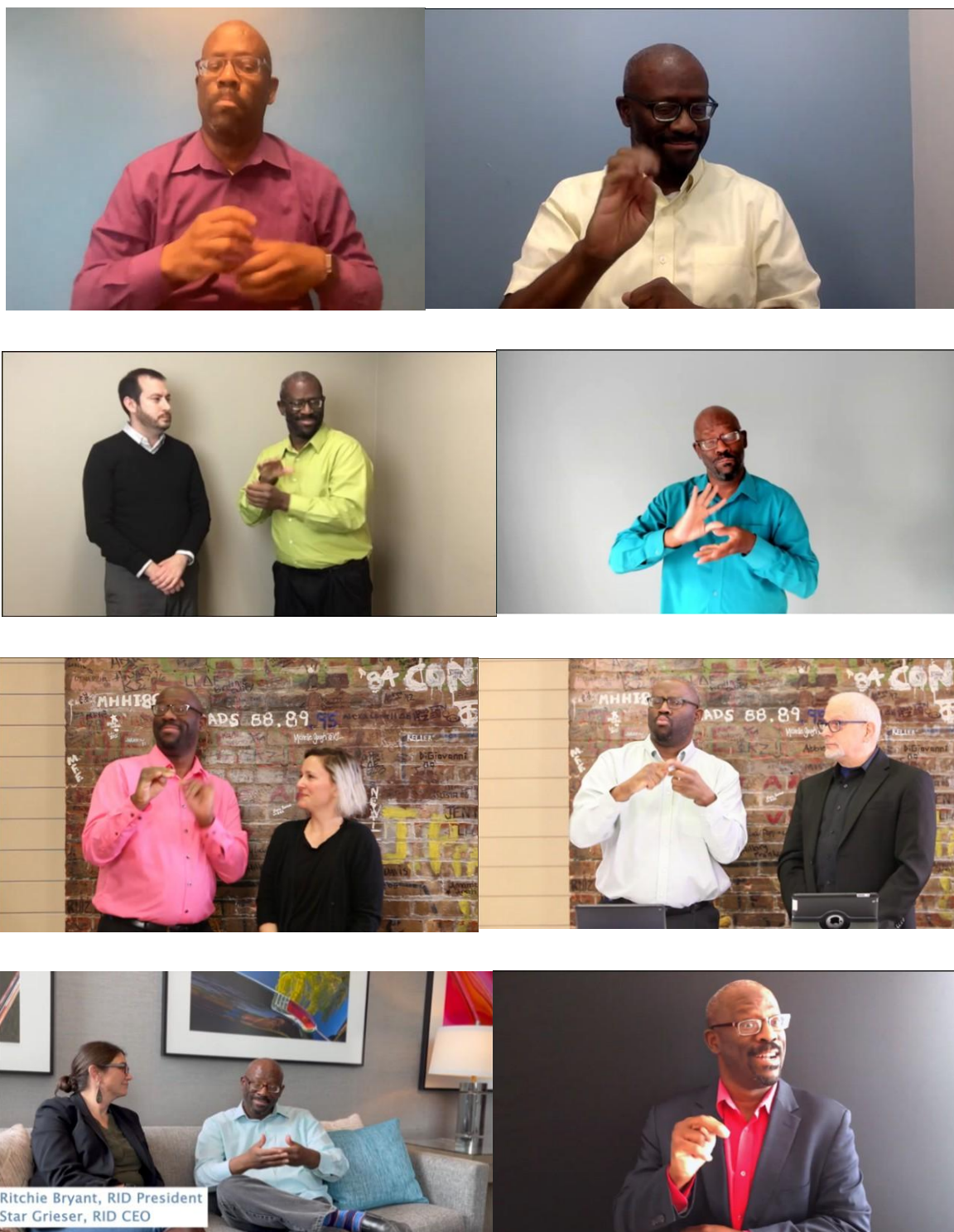
distinta da maioria das pessoas sinalizantes comumente veiculadas em divulgações e mídias no Brasil, além de se posicionar esteticamente de maneira afirmativa.



Este é Ms. Antwan Campbell. O vídeo em questão foi produzido no ano de 2023, ao lado do secretário eleito do RID, com o objetivo de divulgar informações sobre os grupos de trabalho do Conselho de Administração do RID.

Antwan é intérprete e mestre em Administração Pública. Atua como consultor educacional para pessoas surdas e com deficiência auditiva, além de prestar apoio a intérpretes no Departamento de Instrução Pública da Carolina do Norte. Ex-presidente do RID na Carolina do Norte, Antwan atualmente exerce a função de representante regional.

Antonio, Glenn e Antwan enquanto intérpretes e personalidades que ocuparam ou ocupam cargos e espaços de decisão e poder, se apresentam legitimando outras formas de pensar e significar o corpo negro em um espaço historicamente e visualmente construído para centralizar pessoas brancas vestidas de uma determinada forma.



Este é Ritchie Bryant, homem negro surdo, que produziu diversos vídeos para o canal em dois momentos distintos. O primeiro ocorreu enquanto exercia a presidência do *Comitê Administrativo do RID*, no mandato de 2015 a 2017, durante a gestão da presidente Dawn Witcher (mulher que aparece ao lado de Ritchie, vestida de rosa). O segundo momento corresponde ao período de 2022 a 2024.

Ritchie foi o primeiro homem negro surdo e o primeiro sujeito surdo a presidir o RID desde a sua fundação, há 57 anos. Ao concorrer à presidência no início de 2022, obteve o segundo lugar. Contudo, o presidente em exercício renunciou ao cargo logo após a posse, juntamente com os membros do *Conselho Administrativo do RID*, o que resultou na realização de uma eleição emergencial para o preenchimento da vaga. Na segunda eleição, Ritchie Bryant venceu a disputa, iniciando seu mandato no período de 2022.

É bacharel em *Língua de Sinais Americana pela Universidade Gallaudet - EUA*, mestre em Educação de Surdos pela McDaniel College, membro da equipe de intérpretes da *Universidade Gallaudet e Intérprete Surdo Certificado - Certified Deaf Interpreter – CDI*, entre outras atividades.

Para iniciar o diálogo com a fotografia em movimento, capturada por meio de print, faz-se necessário apresentar um dos temas de interesse de Ritchie Bryant, abordado tanto em suas pesquisas quanto em uma palestra on-line realizada no canal *StreetLeverage*, divulgada em formato de live no ano de 2016, na qual defende como as regras não escritas podem impactar a atuação de intérpretes de línguas de sinais.

Ritchie apresenta oito aspectos que identificou como regras não escritas que impactam os intérpretes de línguas de sinais e que, justamente por não estarem formalizadas, reforçam a necessidade de compreender a força e a influência que exercem nas práticas de uma categoria profissional, a saber:

- uso generalizado de credenciais mal posicionadas (confusão entre certificação para atuação como intérprete e habilitação para o ensino de ASL);
- dois pesos e duas medidas (maior oferta de trabalho para ouvintes sem certificação, enquanto surdos na mesma condição têm oportunidades negadas);
- obstáculos financeiros (crítica a um modelo único de cursos de formação, estruturados de forma distinta para surdos e ouvintes);
- engajamento e networking (dificuldade na construção de parcerias de trabalho com pessoas surdas em razão de barreiras linguísticas);

- desvio das normas sociais (necessidade do uso da língua de sinais em espaços surdos);
- desigualdade na alocação de recursos (limitações de recursos destinados à formação e ao desenvolvimento profissional de intérpretes surdos);
- o papel do facilitador (necessidade de diálogo entre intérpretes e o público surdo para minimizar conflitos culturais e relacionais); e
- credenciamento por procuração auditiva (crítica à representação por terceiros, defendendo que as comunidades surdas falem por si mesmas).



A imagem será descrita explicitando os aspectos do fundo para a frente. Observa-se, inicialmente, um fundo com aspecto semelhante a um muro de tijolos na cor terracota, com escritas e números realizados com corretivo e tintas nas cores amarela, azul, verde, preta e branca, em diferentes tamanhos e dispostos de formas variadas. No canto esquerdo, há uma coluna de tijolos maiores, de cor bege, sem escritos ou números.

No plano à frente, encontra-se Ritchie Bryant, homem negro surdo, e, ao seu lado, Dawn Witcher, intérprete de Língua de Sinais Americana, que atuou em projetos no *Center for Atypical Language Interpreting* e no *National Interpreter Education Center - NIEC*. É mestre em Fundamentos Sociais e Filosóficos da Educação e exerceu a presidência do RID entre os anos de 2013 e 2016.

Esta imagem foi selecionada como IMAGEM AGENTE pela pesquisadora, pois apresenta dois sujeitos e suas escolhas de indumentária, em consonância ou não com as orientações do Código de Ética, explicitando, por meio da estética, posicionamentos.

Dawn e Ritchie são profissionais da área. À época do vídeo, Dawn encontrava-se em seu último ano na presidência do RID, enquanto Ritchie estava no penúltimo ano de seu mandato como presidente do Conselho de Administração da mesma instituição. Essa informação torna-se relevante, pois a imagem apresenta dois representantes de cargos institucionais, ambos com ampla experiência no campo e conhecedores das normativas que regem a atuação profissional.

A pesquisadora identifica, na imagem, dois posicionamentos políticos que produzem agências singulares e coletivas. Dawn, ao optar por vestir-se de preto, narra à pesquisadora que sua escolha é agenciada pelo que a norma prescreve: uma indumentária e um visual que não chamem a atenção para si, sem adornos e sem cores, a fim de atender, conforme o Código de Ética, ao princípio da visualidade da língua de sinais.

No caso de Ritchie, a pesquisadora identifica um posicionamento que, para muitos, poderia ser considerado contrário à norma. O intérprete negro surdo Ritchie toma como ponto central, assim como Dawn, a preocupação linguística com a sinalização e a compreensão em língua de sinais; contudo, seu movimento é de ruptura e de afastamento daquilo que é nomeado e compreendido como vestimenta conservadora. Ao fazê-lo, coloca em destaque outras possibilidades visuais que também atendem ao objetivo central da norma: fazer-se compreendido por meio da visualidade.

Dawn incorpora o princípio de visualidade tal como ele foi assimilado e consolidado pela norma institucional. Seu corpo configura-se como um corpo político normatizado, por responder às prescrições estabelecidas, e normalizado, na medida em que essa estética foi reiteradamente difundida ao longo do tempo como a imagem legítima da tradução em línguas de sinais, sendo, assim, incorporada ao imaginário social.

Ritchie, enquanto representante máximo da instituição, também atende ao princípio de visualidade; entretanto, sua estética ainda não se encontra normalizada

no interior da própria normativa institucional. Ao desobedecer às orientações vigentes da instituição que preside, Ritchie explicita sua compreensão de que a função do intérprete está diretamente vinculada à visibilidade.

Sendo um homem negro, para tornar-se visível no espaço enunciativo da língua de sinais, faz-se necessário romper com a norma estabelecida. Nesse gesto, o presidente da instituição produz um enunciado político que aponta para a necessidade de atualização da normativa vigente.

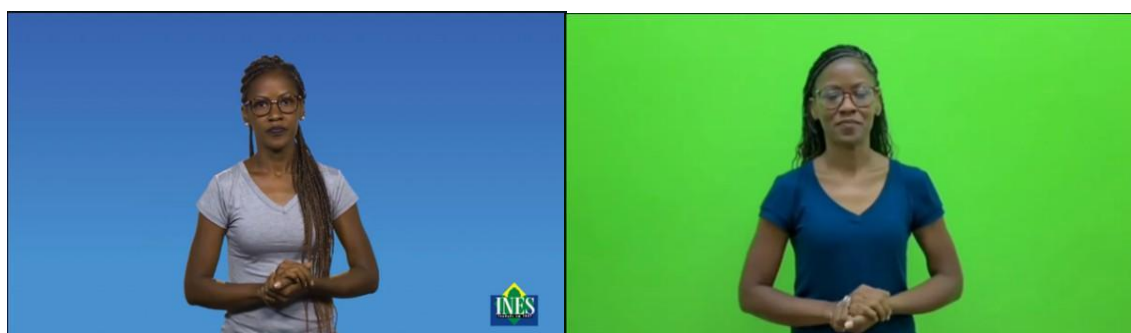
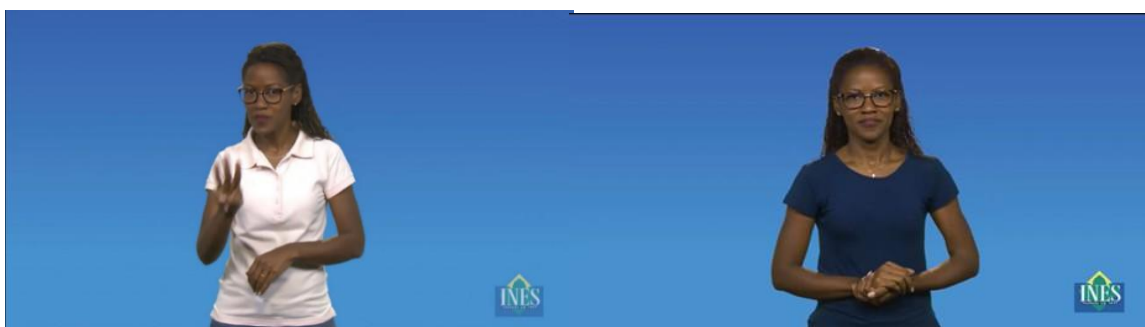
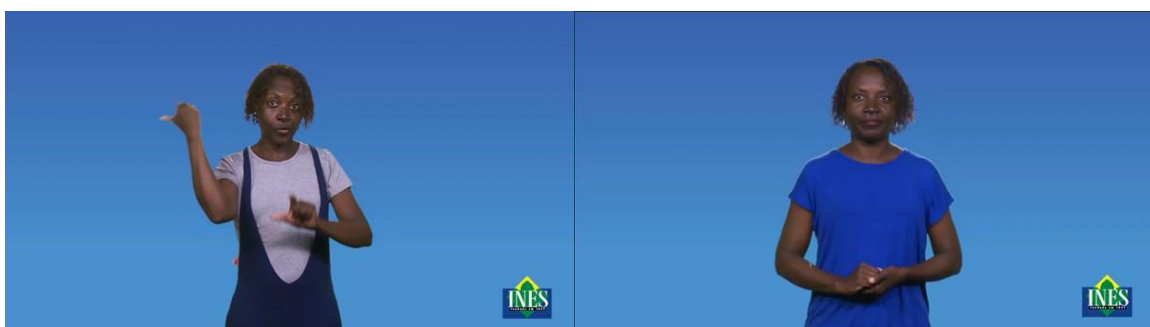
Dawn apresenta-se como exemplar no cumprimento da norma institucional, ao passo que Ritchie também se configura como exemplar, na medida em que tensiona os limites dessa mesma norma, indicando uma concepção de visualidade que ainda não foi normalizada pela instituição que ele próprio dirige.

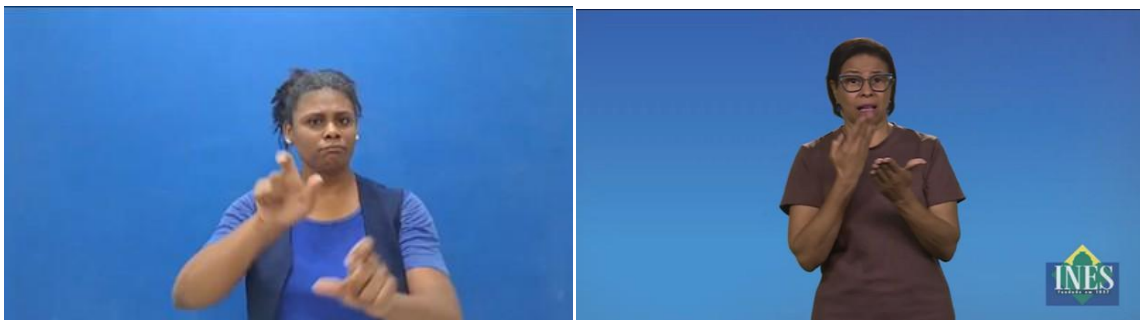
Desse modo, a imagem constitui-se como uma IMAGEM AGENTE da resistência, caracterizada como uma resistência institucionalizada, uma vez que emerge a partir de um lugar de poder e autoridade ocupados por Ritchie no interior da própria instituição.

Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

Iremos apresentar as IMAGENS AGENTES da segunda instituição, o *Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES*, o canal do youtube do INES tem como objetivo agregar conteúdos da instituição que está vinculado ao Ministério da Educação. O processo de escolha das fotografias em movimento desta instituição foi explorar o conteúdo e encontrar as IMAGENS AGENTES.

Essa exploração foi diferenciada pelo que as IMAGENS movimentaram na pesquisadora, pois além das vestimentas consideradas diferentes foi selecionado outros elementos de destaque.





Sob a perspectiva técnica e normativa, as fotografias em movimento foram produzidas em conformidade com os parâmetros que regulam a produção de traduções em línguas de sinais. As normativas estabelecem que o produto audiovisual deve apresentar enquadramento horizontal, com a pessoa sinalizante posicionada centralmente no campo visual, enquadrada da altura da cintura ou do quadril para cima, assegurando-se um espaço adequado acima da cabeça para não comprometer a visualidade dos sinais.

No que diz respeito à iluminação, as orientações técnicas determinam que esta seja direcionada frontalmente à pessoa sinalizante, de modo a garantir iluminação homogênea e a minimizar a incidência de sombras que possam interferir na percepção dos sinais, dos movimentos corporais ou das expressões não manuais.

Quanto à vestimenta, as normativas indicam o uso de roupas com características adequadas à prática tradutória em línguas de sinais, de modo a promover contraste cromático com a tonalidade da pele e do cabelo da pessoa sinalizante, conforme previsto na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2005, item 7.1.4).

As orientações de caráter informal reforçam a recomendação de evitar o uso de adereços, acessórios ou aparatos que possam desviar a atenção visual ou interferir negativamente na clareza da sinalização.

As tradutoras e intérpretes presentes nas IMAGENS AGENTES acima, apresentam duas categorias visuais identificadas nos vídeos em que aparece: (a) aspectos em consonância com as normativas do campo audiovisual e (b) aspectos dissonantes em relação a essas normativas.

Os aspectos consonantes referem-se aos elementos técnicos, tais como o enquadramento adequado, a presença de iluminação apropriada, a escolha de vestimenta contrastante com a cor da pele, do cabelo e do fundo, bem como a utilização de equipamento com qualidade técnica profissional para a captação da imagem.

Os aspectos dissonantes dizem respeito a elementos que, à semelhança do que foi explicitado nas IMAGENS AGENTES de Ritchie Bryant, embora atendam ao princípio de visualidade contrastante previsto nas orientações normativas da ABNT, ainda são atravessados por uma compreensão social que reforça uma narrativa conservadora. Essa narrativa, que fundamentou o Código de Ética do RID e foi posteriormente traduzida e institucionalizada no contexto brasileiro, permanece associada à percepção de que a vestimenta preta simboliza seriedade, formalidade, profissionalismo e adequação, mantendo-se vigente no imaginário social, mesmo diante das reformulações do código ético atual.

Em outras palavras, o vestuário preto foi instaurado em um LOCAL artificial da mente humana, fixando a imagem dessa vestimenta em um LOCAL de versatilidade simbólica, passível de múltiplos significados. Esse processo consolida IMAGENS AGENTES associadas a determinados espaços sociais nos quais tais significados foram naturalizados, construindo uma memória aparentemente imutável, condicionada pela cultura e pelo espaço geográfico.

O que chamou a atenção das pesquisadoras nos vídeos produzidos e publicados pela instituição, foi a ausência de identificação das intérpretes, evidenciando um costume da área, mas que como consequência acaba invisibilizando quem sinaliza. O corpo constitui o meio visível por meio do qual pessoas videntes identificam indivíduos e objetos; no caso das línguas de sinais, um dos principais modos de apreensão da língua ocorre pela visualização do corpo da pessoa sinalizante.

Nesse sentido, a pesquisadora identificou uma dificuldade que, em um primeiro momento, pode ser compreendida como um costume institucional ou como uma decisão administrativa; contudo, é possível perceber desdobramentos mais amplos decorrentes dessa prática.



Uma narrativa que se consolidou e adquiriu legitimidade ao longo do tempo refere-se ao discurso segundo o qual determinados elementos deveriam ser evitados por supostamente não favorecerem a visualidade da pessoa sinalizante. Entre esses elementos, destacam-se as tatuagens, as unhas longas e coloridas, a utilização de fundos não uniformes ou de cor única, bem como o uso de adereços.

As duas IMAGENS AGENTES apresentadas anteriormente exemplificam um movimento de contraposição a essa narrativa normatizante. Em ambas, as intérpretes utilizam vestimenta preta; contudo, subvertem o discurso consolidado ao incorporarem elementos tradicionalmente considerados inadequados.

Na primeira imagem, o fundo é composto por uma panóplia com quatro bandeiras e por um quadro posicionado à direita da intérprete, que veste roupa preta, utiliza brincos de argola de tamanho médio, apresenta tatuagens ao longo dos braços, unhas longas em tom rosa claro e pulseira dourada. Na segunda imagem, a intérprete encontra-se posicionada à frente de um fundo verde chroma-key, vestindo preto, com pingente prateado no pescoço, brincos de argola de tamanho médio e unhas longas em tom rosa claro.

A pesquisadora compreende que tais configurações visuais constituem IMAGENS AGENTES, na medida em que mobilizam determinadas narrativas e tensionam outras que historicamente modelaram as práticas no campo tradutório em línguas de sinais. Essas imagens operam ativamente quando se apresentam por meio de vestimentas ou elementos dissonantes em relação ao que é socialmente esperado ou prescrito pelas normativas técnicas e pelas narrativas hegemônicas do campo profissional.

Quando tradutoras e intérpretes optam por se apresentar de maneira distinta daquela esperada por sujeitos que aderem estritamente às convenções

estabelecidas na narrativa social dominante, seja pela incorporação de determinados elementos ou adereços, evidencia-se uma lacuna nas práticas profissionais. Tal lacuna revela a permanência de uma leitura já superada de documentos formais, que se sobrepõe às atualizações normativas e às formas contemporâneas de atuação profissional que vêm sendo propostas e difundidas.

A narrativa que sustenta o mito da camisa preta explicita a presença estrutural da branquitude nas bases de constituição das normativas profissionais. Sua aderência aos LOCAIS mentais é de tal magnitude que, mesmo após a reformulação do Código de Ética, sua força simbólica e sua reprodução nas práticas tradutórias continuam a ser amplamente percebidas e legitimadas.

A lógica subjacente a essa crença aproxima-se daquela que sustenta o mito da camisa preta, uma vez que opera pela desumanização do outro por meio de práticas, discursos e narrativas reiteradas, tais como brincadeiras, invisibilização de nomes, a crença na possibilidade de atuação por tempo indeterminado e de forma solitária, entre outras situações. Gradativamente, esse pensamento se naturaliza, fazendo com que as violências sejam percebidas como constitutivas e inerentes a esse sujeito.

É importante destacar que essa branquitude tende a compreender o outro e o diferente como um corpo inanimado, um corpo-objeto, coisificado e instrumentalizado, concebendo o TILS não como sujeito de direitos e saberes, mas como instrumento de comunicação a serviço de outrem. O corpo do intérprete foi compreendido enquanto corpo coletivo, descorporeificado ao longo do tempo é concebido enquanto um corpo para a comunidade surda, um corpo para a comunicação do outro, assim sendo anulado e coisificado. Mas o corpo, por mais contido que seja, é possível se encontrar enquanto um corpo-sujeito, corpo-pessoa, um corpo que antes de ser para o outro é para si mesmo.



SANKOFA

Neste último capítulo, ilustramos com o símbolo adinkra Sankofa em formato de coração que apresenta um ideograma em movimento de continuidade do presente-futuro alimentado pela volta contínua ao passado, aos ancestrais, à ancestralidade do povo preto. Como continuidade, o voltar e pegar do passado para alimentar o presente e construir um futuro: *san* significa voltar, refazer os passos, voltar às raízes, *ko* ir e *fa* tomar, apreender – voltar ao passado para construir o futuro (SILVA, p. 42).

Considerações finais

A recuperação histórica da atuação de intérpretes negros, especialmente no contexto do período colonial, permite compreender que a invisibilização desses sujeitos não foi um efeito colateral da organização social, mas uma estratégia estruturante das relações de poder. Desde os processos colonizadores, pessoas negras exerceram funções fundamentais de mediação linguística, cultural e simbólica entre diferentes grupos, ainda que seus corpos, saberes e práticas fossem sistematicamente deslegitimados, silenciados ou apagados dos registros oficiais. Essa lógica de apagamento histórico ajuda a compreender por que, ainda hoje, a presença de intérpretes negros tende a ser naturalizada como exceção ou constantemente submetida a mecanismos de controle, vigilância e regulação estética.

A interseccionalidade, nesse cenário, apresenta-se como um instrumento analítico central para a compreensão da prática dos tradutores e intérpretes de língua de sinais - TILS. Esses profissionais ocupam um lugar singular, marcado pela convivência cotidiana entre pessoas surdas e ouvintes, transitando entre línguas, culturas, corporeidades e regimes de visualidade distintos. Tal posição intermediária, embora essencial para a garantia do direito linguístico das pessoas surdas, também expõe os TILS a processos históricos de invisibilização profissional, frequentemente associados à ideia de *neutralidade* e apagamento do corpo. Quando atravessada pelo marcador racial, essa invisibilização adquire contornos ainda mais complexos, uma vez que o corpo negro, ao mesmo tempo em que é exigido como *neutro*, é permanentemente lido, racializado e avaliado a partir de parâmetros hegemônicos.

As contribuições do movimento negro surdo são fundamentais para aprofundar essa análise, pois evidenciam que a experiência surda não é homogênea e que a raça opera como um eixo estruturante na forma como os corpos surdos são lidos, interpretados e posicionados socialmente. Ao tensionar as narrativas universalizantes da surdez, o movimento negro surdo amplia o campo de reflexão para a compreensão de como os corpos negros surdos e ouvintes são atravessados por leituras raciais específicas. Esse deslocamento teórico possibilita pensar o intérprete negro não apenas como um mediador linguístico, mas como um sujeito cuja prática profissional é atravessada por marcadores históricos, raciais, culturais e estéticos que incidem diretamente sobre sua atuação e reconhecimento.

Os relatos de intérpretes negros de línguas de sinais analisados ao longo deste trabalho reforçam a compreensão de que as normativas estéticas presentes no campo da tradução e interpretação não são neutras, tampouco universais. Ao contrário, operam como dispositivos de poder que incidem sobre os corpos dos TILS, regulando modos de vestir, de se apresentar e de ocupar o espaço visual. Exigências relacionadas à vestimenta, ao cabelo e à aparência, frequentemente justificadas sob o discurso da técnica, da visualidade ou da adequação profissional, revelam-se práticas que produzem sofrimento, adoecimento psíquico e silenciamento identitário. Exemplos como a marginalização do cabelo Black Power em contextos profissionais evidenciam como tais normativas se sustentam em parâmetros racializados, mesmo quando não explicitados como tal.

Nesse contexto, o chamado *mito da camisa preta* emerge como um elemento central de análise. O problema não reside na orientação quanto ao uso de determinada cor de roupa como recurso técnico em situações específicas, mas na forma como essa orientação foi historicamente cristalizada, naturalizada e transformada em regra implícita de profissionalismo. A camisa preta passou a operar como símbolo de neutralidade, seriedade e competência, instaurando no imaginário de intérpretes, pessoas surdas, sociedade leiga e contratantes a ideia de que o intérprete deve adotar uma estética conservadora e padronizada. Essa estética, por sua vez, tem como referência o corpo branco e seus marcadores culturais, sendo tomada como parâmetro universal de adequação.

Ao se fixar como modelo hegemônico, essa concepção molda o olhar social, limita possibilidades de expressão e desconsidera aspectos culturais, subjetivos e raciais que atravessam os corpos dos intérpretes. Para intérpretes negros, tal normativa implica, muitas vezes, a necessidade de negociar constantemente sua aparência, silenciar traços identitários e adequar-se a expectativas que não foram construídas a partir de suas experiências e corporeidades. Assim, o mito da camisa

preta não apenas orienta práticas profissionais, mas também produz efeitos simbólicos profundos, ao reforçar hierarquias raciais e estéticas no interior do campo da tradução e interpretação de línguas de sinais.

No processo de diálogo com as IMAGENS AGENTES, tornou-se possível compreender que a convenção da vestimenta preta, amplamente difundida no campo da tradução e interpretação de línguas de sinais, tem como figura exemplar o corpo branco, tomado historicamente como referência de neutralidade, profissionalismo e adequação estética. Essa constatação evidencia que tal normativa não é neutra, mas construída a partir de parâmetros específicos que desconsideram a pluralidade de corpos, identidades e experiências presentes no campo profissional.

Ao mesmo tempo, observa-se que intelectuais da comunidade de tradutores e intérpretes de línguas de sinais, assim como intelectuais da comunidade negra surda, especialmente aqueles vinculados à instituição responsável pela elaboração do primeiro Código de Ética, vêm promovendo reflexões críticas acerca de seus próprios corpos e práticas frente a normativas generalizantes. Esses debates sinalizam deslocamentos importantes no modo como a ética profissional tem sido compreendida, indicando a necessidade de revisão de padrões estéticos que, embora historicamente legitimados, produzem efeitos excludentes e limitadores.

A normatização da camisa preta opera como um mecanismo de generalização que, ao mesmo tempo em que distingue os TILS enquanto profissionais da comunicação com e para pessoas surdas, entra em tensão com o compromisso institucional de garantir a melhor qualidade comunicacional possível. Ao priorizar uma estética padronizada, corre-se o risco de subordinar o objetivo comunicacional a critérios estéticos que nem sempre atendem às necessidades visuais e perceptivas das pessoas surdas.

Nessa perspectiva, a adoção de outras possibilidades cromáticas de vestimenta mostra-se não apenas possível, mas coerente com os princípios que orientam a atuação dos TILS. O uso de diferentes cores pode favorecer o contraste visual necessário à compreensão da língua de sinais, ampliando as condições de acessibilidade comunicacional. Para além do aspecto técnico, intelectuais negros surdos têm enfatizado que a escolha de outras cores de vestimenta pode ser compreendida como uma forma legítima de atuação profissional, capaz de ampliar e diversificar as práticas dos TILS.

Assim, ao reconhecer que o vestir-se de outras cores não compromete a ética nem a qualidade da interpretação, mas, ao contrário, contribui para a compreensão visual, abre-se espaço para práticas profissionais mais plurais e sensíveis às diferenças culturais, raciais e subjetivas. Tal deslocamento permite tensionar modelos normativos historicamente cristalizados e reafirmar o compromisso central da atuação dos TILS: garantir que a comunicação em língua de sinais seja plenamente acessível, compreensível e respeitosa às múltiplas formas de existência e expressão dos sujeitos surdos.

Conclui-se, portanto, que problematizar a invisibilização histórica de intérpretes negros, a centralidade da interseccionalidade e a normatização estética no campo dos TILS implica reconhecer que tais elementos estão profundamente imbricados. O mito da camisa preta revela-se complexo e problemático não por instituir uma regra cromática fixa, mas por fixar, nas mentes e nos corpos, uma noção restrita de profissionalismo baseada em parâmetros brancos e eurocentrados. Ao tensionar essas concepções, abre-se a possibilidade de construção de práticas mais éticas, plurais e comprometidas com o reconhecimento da diversidade racial, cultural e subjetiva que constitui o campo da tradução e interpretação de línguas de sinais.

Por fim, este trabalho sustenta que, ao focalizar a dimensão estética, os códigos profissionais e o pertencimento étnico-racial no campo da tradução e interpretação de línguas de sinais, reivindica-se também uma mudança epistemológica necessária. Tal deslocamento implica ampliar a própria concepção de língua de sinais, compreendendo-a não apenas como um objeto a ser traduzido ou mediado tecnicamente, mas como uma relação viva, situada e complementar entre intérprete e seus interlocutores (público surdo, ouvintes, palestrantes e seus pares), na qual corpo, cultura, história e visualidade produzem sentido de forma indissociável.

Nessa perspectiva, a atuação do TILS deixa de ser concebida como exercício de neutralidade e apagamento corporal, passando a ser reconhecida como prática relacional, ética e política, que se constrói no encontro entre sujeitos e na co-produção do sentido. Ao afirmar essa concepção ampliada de língua e de interpretação, o campo é convocado a rever seus fundamentos, reconhecendo a

pluralidade de corpos, experiências e saberes como constitutivos e não acessórios da prática tradutória em línguas de sinais.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADINKRA SYMBOLS AND MEANINGS. Adinkra Symbols and Meanings. [S.l.]: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.adinkrasymbols.org/symbols/nyansapo/>> Acesso em: 07 jan. 2026.

ASSIS SILVA, César Augusto de. CULTURA SURDA: Agentes Religiosos e a Construção de uma Identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

AKOTIRENE. Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019.

ALMEIDA, Milton José de. Cinema: Arte da Memória. São Paulo: Autores Associados, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2005.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: www.planalto.gov.br Acesso em: 13 nov. 2025.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 13 nov. 2025.

_____. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 169, p. 1, 2 set. 2010. Acesso em: 10 nov. 2025.

_____. Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023: Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm. Acesso em: 10 nov. 2025.

BUZAR, Francisco José Roma. Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negros(as) em São Luís-MA. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12219/1/2012_FranciscoJoseRomaBuzar.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRYANT, Ritchie. Revelando os segredos: como as regras não escritas impactam os intérpretes de língua de sinais. Entrevista concedida ao StreetLeverage – Live, 2016.

Disponível em: https://streetleverage.com/live_presentations/pulling-back-curtain-unwritten-rules-i-mpact-sign-language-interpreters/. Acesso em: 03 dez. 2025.

BRYANT, Ritchie. Pulling back the curtain: how unwritten rules impact sign language interpreters. Apresentação realizada no StreetLeverage – Live, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vn-AxIJxxTU&t=721s>. Acesso em: 03 dez. 2025.

CAJOTA. O corpo negro poético nas epistemologias negras da encruzilhada da rasura no fim do mundo. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2016.

CAMPOS, Sandra Regina Leite de; BENTO, Nanci Araújo. Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de surdos. D.E.L.T.A.

Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1-18, mar. 2022. DOI: 10.1590/1678-460x202257202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/wDrPtHrjKsknfW78RBZS98j/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2025.

CARMO, Edinho. Negro X Surdo. YouTube, 25 de novembro de 2017. [Vídeo]. 05min35s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pgapK2YcZ88&t=1s> :. Acesso em: 11 nov. 2025.

COKELY, Dennis. Exploring ethics: A case for revising the code of ethics. *Journal of Interpretation*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 25-57, 2000.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, R. C. R. da, Costa, S. B. M. S. R. da. (2020). SOU INTÉRPRETE DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E NÃO ABRO MÃO DO MEU BLACK POWER: E AÍ. VÃO CONTINUAR DIZENDO QUE MEU AFROHAIR ATRAPALHA NA COMUNICAÇÃO?. *WEB REVISTA SOCIODIALETO*, 10(28), 194–219. Recuperado de <https://periodicosonline.uems.br/sociodialeto/article/view/7974>.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, 2026. Disponível em: <https://feneis.org.br/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: [http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wp-content/uploads/2019/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FINAL-PRISCILLA](http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wp-content/uploads/2019/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FINAL-PRISCILLA_LEONNOR.pdf) LEONNOR.pdf.

GILCHRIST, J. (2023). What to Wear? Black and Brown Interpreters' Perspective on Professional Attire and Appearance. *International Journal of Translation and*

Interpretation Studies, 3(2), 24-43. <https://doi.org/10.32996/ijtis.2023.3.2.3>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LACERDA, Cristina de; SANTOS, Lara dos; MARTINS, Vanessa. Escola e Diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

LEMOS, G. de S., & Silva, N. F. (2025). Análise de etapas tradutórias em Libras como proposta de produção de texto-vídeo de saúde pública. Letras, (68), e86382. <https://doi.org/10.5902/2176148586382>.

PAGURA, RJ. Tradução & interpretação. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. Tradução & perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2025.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). A matriz africana no mundo. São Paulo: Selo Negro, 2008. 267 p. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 1). ISBN 9788587478320.

NAOBI. National Alliance of Black Interpreters, 2026. Disponível em: <https://naobidc.org/> . Acesso em: 27 nov. 2025.

PEREIRA, Maria Cristina Pires; SANDER, Ricardo Ernani. Entrevista com Ricardo Ernani Sander: história viva dos tradutores e intérpretes de Libras. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 8, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/75030>. Acesso em: 15 dez. 2025.

PETRONÍLIO, João. Exu: o argumento do corpo. In: BASTOS, Jeferson; GONÇALVES, Luiz Davi Vieira (Org.). Tabihuni: corpo, performances e rituais. Manaus: [s.n.], 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC, 2004.

RID. Registry of Interpreters for the Deaf, Inc., 2026. Disponível em: <https://rid.org/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SATCHELL, Jordan; MCDERMID, Campbell; TOTTEN, Lindsey; and YARBOROUGH, Anna (2022) "Resiliency: Experiences of African American/Black Sign Language Interpreters," Journal of Interpretation: Vol. 30: Iss. 1, Article 2. <<https://digitalcommons.unf.edu/joi/vol30/iss1/2>> Acessado em: 15 nov. 2025.

SATCHELL, Jordan; McDERMID, Campbell; TOTTEN, Lindsey; YARBOROUGH, Anna. Resiliency: Experiences of African American/Black Sign Language Interpreters. Journal of Interpretation, v. 30, n. 1, art. 2, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.unf.edu/joi/vol30/iss1/2/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SILVA, Marisa Francisca da. Adinkra: imagens da ancestralidade africana na cultura brasileira. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

SILVA-REIS, Denny. Mulheres negras intérpretes de línguas orais: fragmentos da história da interpretação no Brasil. In: AMORIM CARIBÉ, Yuri Jivago; ROCHA, Karine (org.). Tradução e estudos de gênero. São Paulo: Editora Lexikos, 2022. p. 78–101.

SILVA-REIS, Denny. O intérprete negro na história da tradução oral: da tradição africana ao colonialismo português no Brasil. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, n.24,2018.Disponívelem:<https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/rev_trad.php?strSecao=fasciculo&fas=34560&NrSecao=X2>. Acesso em: 18 dez. 2025.

STUPIELLO, É. (Org.). Tradução &: perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 183-207.

WOODALL-GREENE, Taylor L. and BAILEY, Lucy E. () "Theorizing the Body in the ASL Interpreting Field: Promising Dimensions for Further Research," Journal of

Interpretation: Vol. 33: Iss. 1, Article 5. Available at:
<https://digitalcommons.unf.edu/joi/vol33/iss1/5> Acesso: 18 nov. 2025.

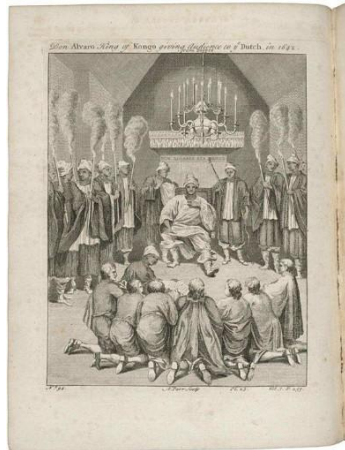
WASLI. WORLD ASSOCIATION OF SIGN LANGUAGE INTERPRETERS. About
WASLI. 2023. Disponível em: <https://wasli.org/about/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

WDF. World Federation of the Deaf, 2026. Disponível em: <https://wfdeaf.org/the-legal-recognition-of-national-sign-languages/>. Acesso em: 23 nov. 2025

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	IMAGEM 2
 Que Curso eu Faço? Filosofia - UFSCar - São Carlos. Idealizador: Click Ciência UFSCar/CoSeTILS Formato Digital – Brasil https://www.youtube.com/watch?v=SCLS6L78Juk&list=PLmuPJ4UjwzdSR1iRipGOScBn4tPnpSvVi&index=2&t=156s	 Que Curso eu Faço? - Engenharia Civil - UFSCar - São Carlos. Idealizador: Click Ciência UFSCar/CoSeTILS Formato Digital – Brasil. https://www.youtube.com/watch?v=qB7iDWS4xL8&list=PLmuPJ4UjwzdSR1iRipGOScBn4tPnpSvVi&index=20
IMAGEM 3	IMAGEM 4
 Que Curso eu Faço? Engenharia Física - UFSCar - São Carlos. Idealizador: Click Ciência UFSCar/CoSeTILS Formato Digital – Brasil https://www.youtube.com/watch?v=C1I48iGIA6M&list=PLmuPJ4UjwzdSR1iRipGOScBn4tPnpSvVi&index=7	 Que Curso eu Faço? Engenharia de Computação - UFSCar - São Carlos. Idealizador: Click Ciência UFSCar/CoSeTILS Formato Digital – Brasil. https://www.youtube.com/watch?v=vzNM874zBg&list=PLmuPJ4UjwzdSR1iRipGOScBn4tPnpSvVi&index=4

IMAGEM 5



D. Álvoro, rei do Congo em audiência com os holandeses em 16426 [Desenho original do livro de Thomas Astley (ed). A nova Coleção Geral de viagens e excursões. Londres: 1745-1747, vol 3. p. 246]

SILVA-REIS, Dennys. O intérprete negro na história da tradução oral: da tradição africana ao colonialism português no Brasil. p. 4, 2018.

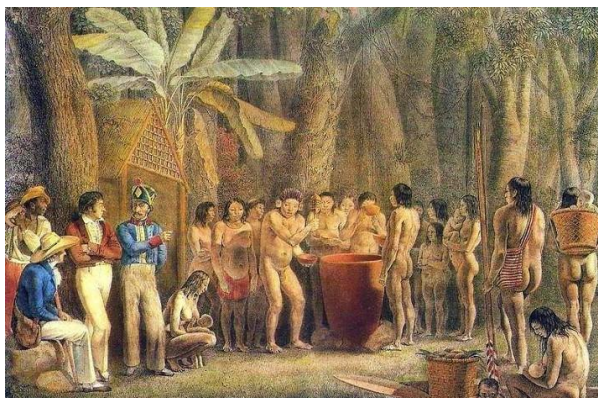
IMAGEM 6



Francisco Félix de Souza. Pintura a óleo de autor desconhecido²³. Tida como único retrato de Chachá I.

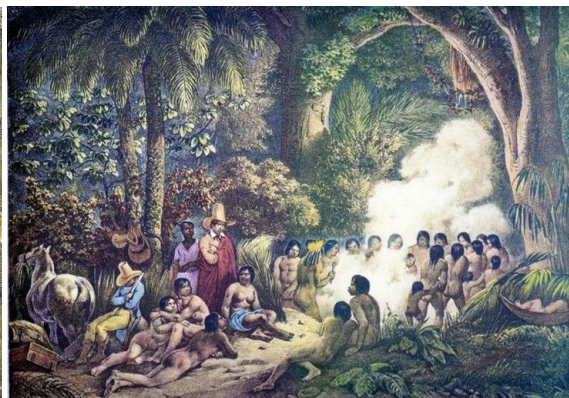
SILVA-REIS, Dennys. O intérprete negro na história da tradução oral: da tradição africana ao colonialism português no Brasil. p. 4, 2018

IMAGEM 7



Tanz der Puris (dança dos Puris)²⁵, 1820-1823, de Johann Baptist Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868).
SILVA-REIS, 2018 p. 28

IMAGEM 8



Dança dos Puris (1835) de Johann Moritz Rugendas (1802-1858)
SILVA-REIS, 2018 p. 29

IMAGEM 9



IMAGEM 10



Rainha Nzinga Mbandi em reunião com o governador português João Correia de Souza - [Domínio público]
<https://www.blackpast.org/global-african-history/queen-nzinga-1583-1663/>

Eva Krotova
<https://genderinafricanbiography.wordpress.com/2016/05/09/krotoaeva-1643-1674/>

IMAGEM 11

(RID – Registro dos Intérpretes para Surdos – em 28-29 de janeiro de 1965, Washington, EUA) Tradução do original Interpreting for Deaf People, Stephen (ed.) USA por Ricardo Sander. Adaptação dos Representantes dos Estados Brasileiros – Aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes – Rio de Janeiro/RJ/Brasil – 1992.

CAPÍTULO 1 **Princípios fundamentais**

Artigo 1º. São deveres fundamentais do intérprete:
 1º. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará

IMAGEM 12

5. The interpreter shall adopt a conservative manner of dress upholding the dignity of the profession and not drawing undue attention to himself.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC, 2004.
<https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/tradutorlibras.pdf>

Código de Ética do RID - 1965

<http://intrpr.info/library/history/1965-quigley-interpreting-for-deaf-people.pdf>

IMAGEM 13

5º. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função.

QUADROS, Ronice Müller de. p 32
<https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/tradutorlibras.pdf>

Lista de IMAGENS AGENTES

IMAGEM 14	IMAGEM15
-----------	----------



CODE OF ETHICS

1. The interpreter shall be a person of high moral character, honest, conscientious, trustworthy, and of emotional maturity. He shall guard confidential information and not betray confidences which have been entrusted to him.
2. The interpreter shall maintain an impartial attitude during the course of his interpreting avoiding interjecting his own views unless he is asked to do so by a party involved.
3. The interpreter shall interpret faithfully and to the best of his ability, always conveying the thought, intent, and spirit of the speaker.

212-400-60—2

9

Welcome to RID 2010

Idealizadora Candace Jones – RID

Formato Digital - Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=YNraDwdp35w&t=33s>

Código de Ética do RID - 1965

<http://intrpr.info/library/history/1965-quigley-interpreting-for-deaf-people.pdf>

IMAGEM 16	IMAGEM 17
-----------	-----------



DEFINITIONS

PROFESSIONALS

Interpreting services

Professional practice

Interpreting engagement



RID Ethical Practices System Policy and Enforcement Procedures – 2023

Idealizadora Candace Jones – RID

Formato Digital - Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=2S7zqzkCDxs>

“Growing Globally” Response from Antonio Goodwin, President of NAOBI

Idealizador: Antonio Goodwin – NAOBI

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=v9He9XVnxA4>

IMAGEM 18



The NAD-RID Certification Committee Welcomes Dr. Glenn Anderson – 2015

Idealizador: Glenn Anderson – NAD/RID

Formato Digital - Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=QAnjaKkZKR&t=171s>

IMAGEM 19



Board FTF Day 4 Update - 2023

Atualização do 4º dia do Board FTF

Idealizado: Antwan/ Jason - RID

Formato Digital - Estados Unidos da América

https://www.youtube.com/watch?v=UDxDAu0g_Ew&t=14s

IMAGEM 20



RID Stands in Solidarity With Asian American Pacific Islanders – 2023

Idealizador: Ritchie Bryant – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=2UsAQz2oRKo>

IMAGEM 21



Deaf Member-at-Large Ritchie Bryant - Update on CDI Bridge Plan – 2016

Idealizador: Ritchie Bryant – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=vNvmDnYrfq4>

IMAGEM 22



2023 April FTF Board Meeting Update

Idealizadores: Ritchie Bryant/Star Grieser – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=8VHn9OkIrOI>

IMAGEM 23



Update from the Board Meeting - Thursday, December 8 – 2016

Idealizadores: Ritchie Bryant/não identificado – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

https://www.youtube.com/watch?v=il_YamowQ0s&t=122s

IMAGEM 24



Greetings from the Board Meeting, Thursday March 17 – 2016

Idealizador: Ritchie Bryant – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=nymHkXnZV6I>

IMAGEM 25



2023 RID National Conference's Community Forum

Idealizadores: Ritchie Bryant/Dawn Witcher – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

https://www.youtube.com/watch?v=uMW_bIRuUes7

IMAGEM 26



In Memory of Jan Nishimura – 2023

Idealizador: Ritchie Bryant – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=2L3YqEcjT3k&t=98s>

IMAGEM 27



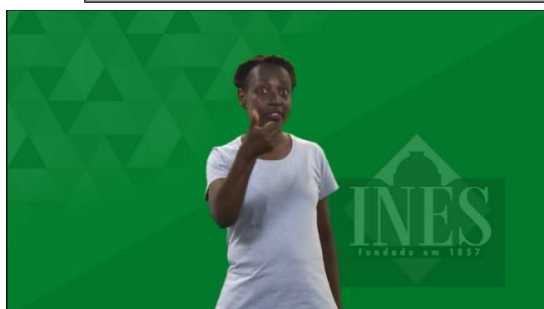
Update from the Board Meeting - Friday, March 18, 2016

Idealizadores: Ritchie Bryant/não identificado – RID

Formato Digital – Estados Unidos da América

<https://www.youtube.com/watch?v=BjwrW2vQYcs&t=16s>

IMAGEM 28



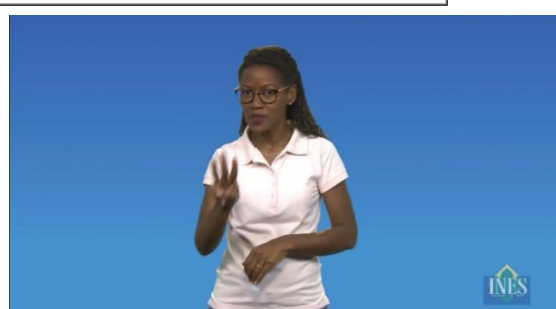
Fórum Bilingue do INES: Edição 2023 estreia no dia 27 de abril – 2023

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=5x-HkKOXsMM&t=45s>

IMAGEM 29



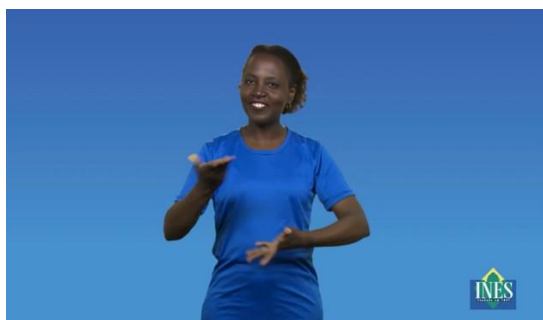
Semana do Meio Ambiente: Alunos do INES aprendem sobre conservação de manguezais em visita a AquaRio – 2023

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=WDWW9u5CSxM&t=33s>

IMAGEM 25



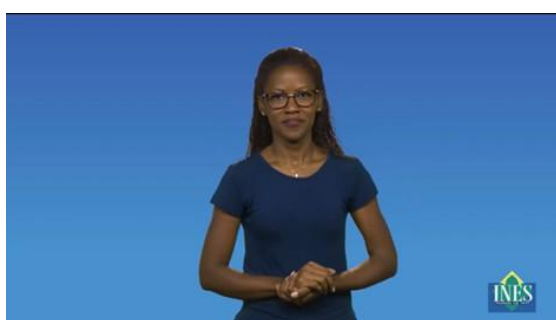
Oficina para responsáveis de alunos do INES estreita laços por meio do bordado – 2023

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=iMIJem1Elb4&t=43s>

IMAGEM 26



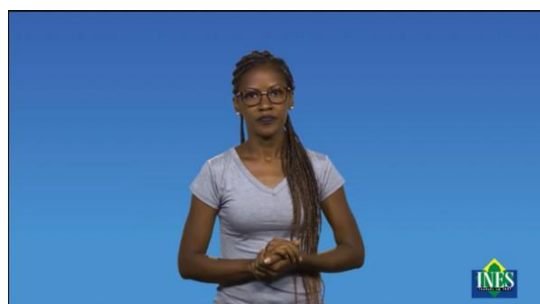
Congressinho: Colégio de Aplicação celebra aniversário do INES com evento interno pré-congresso – 2023

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=WaJUiyXIBOs>

IMAGEM 30



INES promove ações de combate à dengue – 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=YNnJTboNkMk&t=203s>

IMAGEM 31



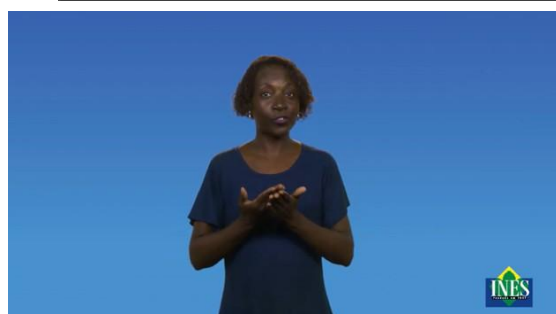
Alunos do CAp/INES participam de corrida em homenagem aos 95 anos do MEC, em Brasília – 2025

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=IR731pcWCU8>

IMAGEM 32



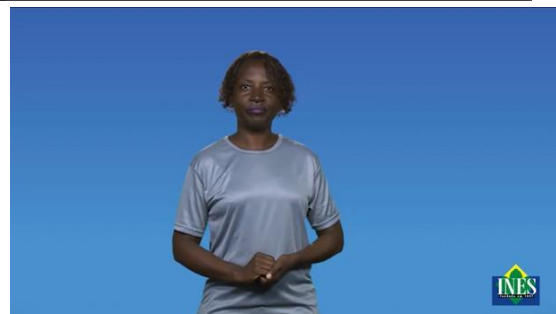
Ensino integral: Colégio de Aplicação do INES inicia oficinas para 6º e 7º anos – 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

https://www.youtube.com/watch?v=cs_Ax8t5UFQ&t=31s

IMAGEM 33



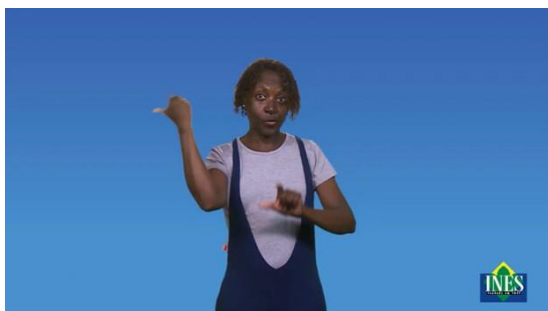
Arraiá do INES arrecada mais de R\$ 3 mil para Caixa Escolar – 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=jeCy-RDuC3E>

IMAGEM 34



Alunos do Colégio de Aplicação do INES assistem a animação premiada no cinema - 2025

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=9RoDzehqt8Q&t=22s>

IMAGEM 35



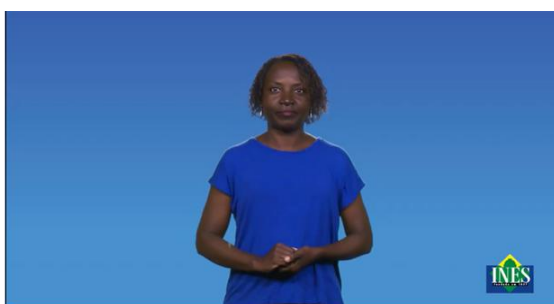
INES abre inscrições para aluno especial no Mestrado Profissional em Educação Bilingue 2024.2 - 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=-QdwY9c1SEs&t=37s>

IMAGEM 36



Projeto em parceria com Ancine consulta alunos do INES sobre acessibilidade em sessões de cinema - 2025

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=7i8rPzbe0JA&t=44s>

IMAGEM 37



INES recebe alunos de novo curso de qualificação profissional em aula inaugural - 2025

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=wmcu2pSghzw>

IMAGEM 38



Direção-Geral do INES organiza campanha de arrecadação para funcionários vítimas de enchente - 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=GYo2v2c8vQk>

IMAGEM 39



Alunos do CAP/INES realizam exames de vista e adquirem óculos - 2024

Idealizadora: Não identificada - INES

Formato Digital – Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=leoGqGoiSys>

ANEXO A

Tradução

Negro X Surdo

Edinho Camargo

Oi, tudo bem? Quero conversar com vocês. Trouxe um tema que considero muito importante para informar à comunidade surda. Sou uma liderança do movimento negro surdo e quero propor essa conversa tanto para pessoas surdas quanto ouvintes.

O assunto é sobre o uso dos termos *Negro Surdo* e *Surdo Negro*. Quando eu falo *Negro Surdo*, o que vocês entendem? Quero que vocês pensem um pouco sobre isso.

Será que falar Surdo Negro está correto? Em português, as duas expressões até existem, mas elas não significam a mesma coisa.

Vou dar um exemplo simples: falamos bola amarela ou amarela bola?

Só uma dessas formas faz sentido, certo? Com as pessoas acontece algo parecido. Quando estou falando de mim, como as pessoas me percebem primeiro? Eu sou percebido primeiro como uma pessoa surda ou como uma pessoa negra?

Antes de mostrar imagens, preciso explicar esses conceitos.

A pergunta é: quando a sociedade me vê, o que ela identifica primeiro? Que sou uma pessoa surda ou que sou uma pessoa negra?

Pensem nisso!

A resposta está no que está visível aos olhos. As pessoas enxergam primeiro o meu corpo Negro, meu cabelo, minha barba, minhas roupas, meu jeitão pá ... e só depois percebem que sou Surdo.

Por isso, eu uso o termo Negro Surdo.

E quando falamos de pessoas brancas? Dizemos surdo branco ou branco surdo? Isso mostra como a identificação está diretamente ligada à visão. Primeiro se enxerga o corpo, depois se percebe a surdez. A surdez não é algo que se percebe rapidamente.

Vou dar um exemplo do dia a dia.

Imagine que estou caminhando na rua, em uma cidade movimentada e de repente um policial me aborde pelas costas, aponta a arma para mim enquanto estou de costas e começa a me chamar. Como eu não escuto, não respondo. O policial pode se irritar, se aproximar de mim e me puxar pelo ombro. Só nesse momento eu conseguiria saber que sou policial estaria me chamando e eu consigo avisar que sou Surdo. Essa situação mostra bem como, socialmente, o corpo Negro é visto antes da Surdez.

Por isso, esses dois termos não são aleatórios, surgiram de uma realidade social. Pessoas surdas brancas enfrentam dificuldades, mas pessoas Negras Surdas enfrentam ainda mais dificuldades, além do racismo, o que torna tudo ainda mais pesado em vários níveis da sociedade.

Por isso achei importante vir aqui explicar esse conceito, para ajudar vocês a pensarem melhor sobre qual termo usar ao se referirem a essas pessoas Negras Surdas. Esse recado é especialmente para intérpretes ouvintes, para que usem o termo Negro Surdo com consciência nas traduções em Libras para o português e do português para Libras.

No português escrito, às vezes a ordem das palavras não parece fazer tanta diferença. Mas na Libras isso importa muito. Na sinalização, precisamos pensar no que aparece primeiro visualmente, a surdez não aparece. Podemos pensar também no caso de negras pessoas cegas ou surdacegas que fazem uso de bengala ou uma pessoa negra cadeirante, o corpo negro sempre chega primeiro.

Agora eu pergunto: dá para saber só olhando para as pessoas que caminham na rua quem é Surdo? Não dá.

Por isso essa reflexão é tão importante. Queria compartilhar isso com vocês. Se tiverem dúvidas, podem me mandar mensagem no privado.

Peço desculpas por não ter legenda, sei que isso deixa o vídeo menos acessível.

Tchau!